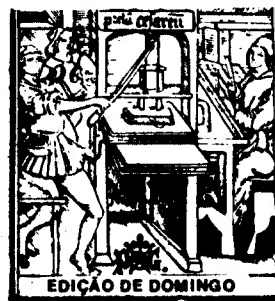


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

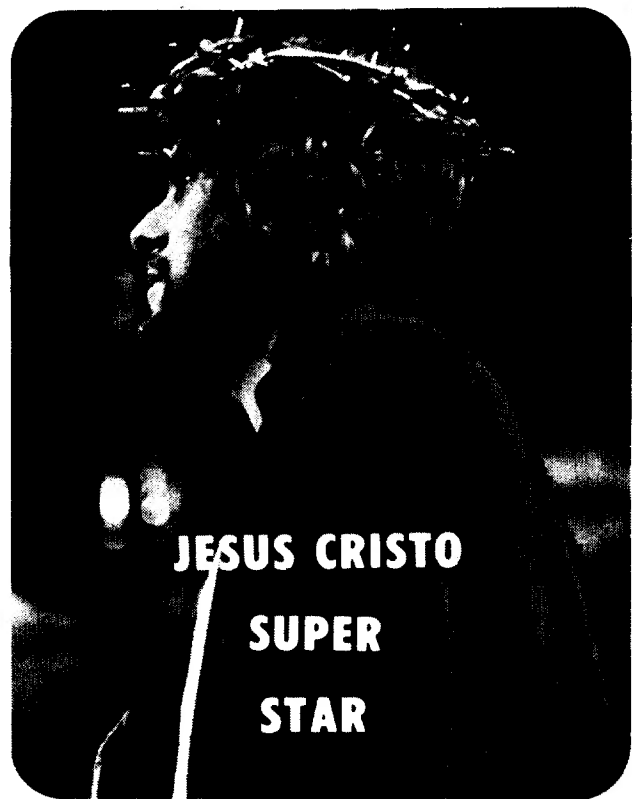
DOMINGO, 17 DE SETEMBRO DE 1972-N.º 17866-ANO 52.º-PREÇO 1\$50



ECOCÍDIO

Doze anos de pesados bombardeamentos americanos, o uso de desfolhantes e herbicidas mortais, mudaram completamente a face da Indochina e, nalguns casos, a própria composição do solo. Os Estados Unidos disseminaram na Indochina 21 milhões de crateras de bombas com a profundidade média de 9m e o diâmetro de 9m — afirmam os professores Arthur H. Westing e E.W. Pfeiffer. Segundo uma definição da UNESCO, «a destruição propositada de um ambiente vital» dá-se o nome de ecocídio. Os seus efeitos a longo prazo são, por enquanto, imprevisíveis. (Págs. 12 e 13).

HOJE: 28 PÁGINAS



**JESUS CRISTO
SUPER
STAR**

O espectáculo musical «Jesus Christ Super Star», estreando com invulgar aparato há mais de um mês é um dos pontos obrigatórios do calendário artístico londrino neste início de temporada. Segundo consta as lotações estão esgotadas até ao fim do mês de Outubro. Quem é que não quer ver um Cristo a cantar de microfone na mão? Leia nas páginas quatro e cinco tudo sobre «Jesus Christ».



1972 VOTE



Com posições diversíssimas sobre o futuro próximo da nação americana, um senador liberal, George McGovern e o presidente Richard Nixon disputam neste momento a presidência dos Estados Unidos. Na última eleição presidencial, Nixon derrotou Humphrey apenas por 500 000 votos. Este ano irão votar pela primeira vez 25 milhões de jovens eleitores.

(Págs. centrais)



A TALIDOMIDA DOS ANOS SETENTA

MOHRANGE O PÓ DA MORTE

Em França, dezenas de crianças perderam a vida em consequência de um misterioso veneno contido num talco que a própria televisão anunciava. Análises posteriores vieram a revelar uma percentagem exagerada de hexaclorofene na composição do Bebé-Mohrange — o talco em questão. Um químico da Setico, empresa fabricante do Mohrange, não encontra explicação para o erro na formulação química do produto. É de opinião que se deve começar a encarar a hipótese de sabotagem. Entretanto, decorre em França uma batalha judiciária inútil e tardia como a da Talidomida. (Pág. 9).



SANGUE É VIDA



Falta o sangue para transfusões nos hospitais portugueses. Os médicos dizem que tirar sangue, pouco, não faz mal. Os dadores regulares dizem que lhes faz bem. «O sangue não se fabrica, tem de ser dado». Dar sangue como é? (reportagem nas págs. 10 e 11).

DUDA O CRAQUE TIRA O BARRETE



Durante todo o ano passado, pouca gente acreditaria que o brasileiro Duda poderia, agora ou algum dia, tornar-se em vedeta num conjunto onde as figuras individuais são de elevado quilate, proporcionando a Pedrito a constituição de um «team» verdadeiramente destacado no globo do futebol português: Só que Duda acreditou no seu valor e sabia que teria de o demonstrar na primeira oportunidade: ao repórter Alexandre Pais, o recém-setubalense conta (pág. 21) a história e os desabaços do ex-«barrete» que virou craque no jogo contra os polacos do Zagłębie.

DL/DOMINICAL

SETE DIAS NO MUNDO

SURTIDAS DE KISSINGER

Henry Kissinger lançou-se em mais uma das suas surtidas pelo mundo. Em Moscovo, ao que parece, as diligências do conselho do presidente Nixon resultaram. Chegou-se a um acordo comercial entre a URSS e os Estados Unidos. Esse acordo, contudo, resultou mais das negociações havidas antes, durante e depois da visita de Nixon a Moscovo do que dos esforços do conselho durante a sua curta estada na capital soviética. No Kremlin, Kissinger ocupou-se de certeza muito mais tempo com o Vietname, a projectada conferência de segurança e cooperação europeias do que com um acordo comercial praticamente concluído. Mas, do outro lado da mesa, o conselho encontrou interlocutores muito mais interessados em discutir as questões europeias, onde têm um importantíssimo papel a desempenhar e onde a sua margem de manobra é grande. O conflito indochinês, do lado soviético, não permite grandes gestos, mesmo que os dirigentes da URSS nisso tivessem muito interesse. Por isso, em relação à Indochina, a entrevista importante de Kissinger durante esta viagem deu-se em Paris. O seu interlocutor foi o membro do Politburo norte-vietnamita, Le Duc Tho. Resultados? Ao que parece, muito poucos ou mesmo nenhum. Tho limitou-se a repetir o último plano de paz apresentado no dia 11 de Setembro pelo Governo Revolucionário Provisório do Vietname do Sul. Esse plano, naturalmente rejeitado «in limine» pela administração de Saigão, tem para os americanos a vantagem — sobre anteriores propostas do GRP — de permitir alguma margem de manobra na resolução do problema político, isto é, da substituição do Governo de Thieu. Desta vez, o GRP não pôs como condição expressa a imediata demissão de Thieu. Porém, essa exigência está implícita quando se afirma que a continuação do apoio americano à «administração fantoche» implica a continuação das hostilidades por tempo indefinido. O Governo tri-partido proposto pelo GRP baseia-se na verificação de que se encontram frente a frente no Vietname dois Governos e dois Exércitos. Uma terceira força, independente destas duas, entraria no futuro Governo do Vietname do Sul para evitar o constante digladiar entre os dois inimigos. Para o sr. Thieu, que sempre tem hostilizado todas as forças que não o apoiam activamente, a hipótese de entrada no Governo dessa terceira força neutral significaria naturalmente o fim da sua carreira, tanto mais que ela ainda se vai aguentando apenas porque os americanos lhe dão um apoio maciço. Ora esse apoio também teria de desaparecer. Kissinger, quanto ao Vietname, não tem feito um uso muito útil dos seus inegáveis talentos. Os seus «êxitos» estão muito mais ligados aos bombardeamentos indiscriminados dos B-52 do que às habilidades diplomáticas.



Henry Kissinger, o conselho especial de Nixon

Defesa do Ulster, uma organização para-militar extremista protestante, estava disposta a vir para a rua e atacar os bairros católicos, caso o Governo de Londres cedesse aos pedidos dos dirigentes católicos em favor da suspensão das medidas de internamento, que tantas lutas têm já provocado na Irlanda do Norte.

QUINTA-FEIRA

Um antigo alto funcionário francês colocou o Governo da V República perante a ameaça de um possível escândalo político ao ameaçar denunciar «com provas na mão», casos de corrupção oficial, se o Governo não deixar de fornecer armas à Líbia. O Ministério da Justiça reagiu imediatamente após a divulgação feita por Gabriel Aranda dos documentos que, segundo ele, provam a existência de corrupção. O «Humanité» salientou que o «caso Aranda» surge na sequência de uma série recente de escândalos e acusações contra partidários do Governo de Pompidou. Deputados gaullistas encontram-se envolvidos num caso complicado em Lyon, onde vários oficiais da polícia figuram numa longa lista de pessoas acusadas de explorarem uma rede de prostituição.

SEXTA-FEIRA

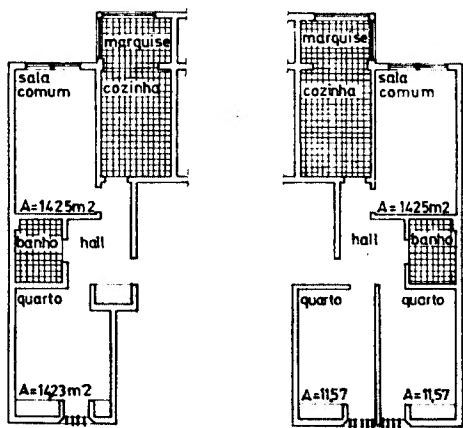
A Câmara dos Representantes dos Estados Unidos aprovou o maior orçamento militar americano desde a segunda guerra mundial. O orçamento aprovado ascende a 74.670 milhões de dólares (2.016 milhões de contos). Apesar da «vietnamização» do conflito indochinês, o orçamento inclui uma verba para o Vietname de dois milhões de dólares a mais do que estava previsto. Este orçamento recorde em tempo de «paz» — os EUA não estão oficialmente em guerra — seria ainda mais elevado se a Câmara dos Representantes não tivesse cortado 4300 milhões de dólares, salientando que era necessário cortar despesas para diminuir o crescente saldo negativo.

SÁBADO

Um grande júri federal declarou culpadas sete pessoas acusadas de se terem introduzido na sede do Partido Democrático, o hotel Watergate em Washington, para subtraírem documentos e instalarem uma mesa de escuta. Os sete homens, contra os quais são apresentados 28 motivos de acusação, correm o risco de penas que poderão ir até 30 anos de prisão. Entre os acusados encontram-se dois ex-funcionários da Casa Branca, dois agentes da CIA, um ex-agente do FBI e um refugiado cubano.

para as suas férias
para os seus fins de semana
para a sua casa de sempre

em SÃO SEBASTIÃO DE GUERREIROS



LOCAL PRIVILEGIADO, 2 E 3 CASAS ASSOALHADAS, PAREDES REVESTIDAS A PAPEL DECORATIVO OU PINTADAS AO GOSTO DO COMPRADOR, CAIXILHARIAS DE ALUMÍNIO, MADEIRAS DE SICUPIRA, COZINHAS EQUIPADAS COM ARMÁRIOS "SIAE", CASAS DE BANHO COM AZULEJOS A COR E LOUÇAS MODERNAS TIPO ITALIANO, AQUECIMENTO ELÉCTRICO, ACABAMENTOS DE LUXO.

DESDE
170
contos

10% de entrada
20% à entrega das
chaves
70% restantes
em 3 a 10 anos

gratuita assistência na DECORAÇÃO do seu lar.

UM NOVO EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA



SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE
CONSTRUÇÃO, LDA
ROSSIO, 74-3 TEL: 35438/366257

SEGUNDA-FEIRA

No Conselho de Segurança das Nações Unidas, os Estados Unidos, a União Soviética e a China Popular utilizaram o seu direito de veto para impedir a aprovação de duas moções sobre a situação no Médio Oriente. A reunião especial fora pedida pelo Líbano e pela Síria em virtude dos ataques israelitas contra aqueles países, alegadamente como represálias pelos acontecimentos de Munique. George Bush, o representante americano no Conselho de Segurança, utilizou o veto para impedir que fosse aprovada uma resolução exigindo o fim das represálias sem mencionar os incidentes da aldeia olímpica. A URSS e a China Popular votaram contra uma resolução proposta por países europeus, que pedia a suspensão de todas as acções militares no Médio Oriente, condenando implicitamente não só Israel mas também os países árabes. A reunião foi adiada «sine die».

TERÇA-FEIRA

Uma agência palestina divulgou em Damasco o testamento político dos «feddayin» mortos em Munique. Antecipando-se às críticas de que viriam a ser alvo, os «feddayin» diziam que os seus inimigos iriam chamar-lhes terroristas, criminosos e assassinos, mas esclareciam: Não somos assassinos nem bandidos. Somos homens perseguidos e queremos que se saiba que existe um povo cuja pátria está ocupada há 24 anos. Este povo é torturado por um inimigo (Israel) que ocupa um lugar entre vós.

QUARTA-FEIRA

O movimento protestante «Vanguarda do Ulster» anunciou que os protestantes daquela província britânica entrariam em greve geral, e iriam para as ruas em massa, talvez mesmo para atacarem os bairros católicos, se as medidas de internamento (que permitem prender durante seis meses um

mero suspeito) fossem levantadas. A «Vanguarda do Ulster» sublinhou que a Associação de



PRÉMIOS CRÉDITO PREDIAL DE TELEVISÃO - 3.º TRIMESTRE

Considero que o melhor programa português apresentado neste trimestre pela Rádio Televisão Portuguesa foi _____

Nome _____

Morada _____

Cole este cupon num postal e envie-o pelo Correio para a sede do Crédito Predial Português, Rua Augusta, 237, Lisboa.

No dia 10 de Outubro realiza-se o sorteio de uma conta-depósito de Esc. 15 000\$00, entre todos os cupons recebidos nestas condições.

VAI CASAR?

Grande oferta aos noivos

Consulte e visite a

FOTOGRAFIA ESTÚDIOS
NOVA GOA

c terá 20% de desconto nas suas fotos. Serviços entregues ao balcão

Rua S. João da Mata, 71-A
Telef. 66 73 62

VEM A PAX!

JOSUÉ DA SILVA enviado especial do "DL" ESCRIVE DE MADRID

MONUMENTO AO CONTRASTE

Se me falassem na ideia de um monumento ao contraste, eu optava por uma cidade: Madrid. E começaria por defender a minha preferência com os argumentos da cor e da luz madrilenas, do clima, das mil e amanturbulências que agitam as suas «calles» continuamente inquietas. Com os seus três milhões e tal de habitantes — fora a população

turística, que às vezes anda à roda do milhão — Madrid começa por ter uma dupla face: é, por um lado, a cidade monumental que todos conhecemos (quanto mais não seja através dos cartazes turísticos e dos bilhetes postais ilustrados) e, por outro lado, guarda, sem nenhum desdouro, uma aparência bem castiça de «pueblo» castelhano.

Madrid não tem cor — ou antes, afunda-se numa cor pardacenta, uma cor que, nos dias sem sol, nos penetra até ao âmago, nos encharca de melancolia, mesmo que em lugar do bairro de Lavapiés os nossos olhos encontrem as velhas e belas alamedas do Retiro ou se estendam pelas muito burguesas Goya ou Arguelles ou se dispersem no movimento insano, sem igual, da Gran-Via e arredores. Mas são raros esses dias de sombra sobre Madrid. Como se o pedisse emprestado ao Levante, Madrid tem um sol único. De uma luminosidade e transparência que rivaliza com os grandes agostos da colorida Sevilha ou com o lucilar intenso do verão malagueño. E é então, sob essa luz, que não se sabe de onde lhe vem, que Madrid sofre uma estranha, espantosa metamorfose: a sua cor parda recua, oculta-se nos esconços de saguões e fundos portais, dilui-se ou deixa-se tragar pela profundidade de um céu de anil brilhante. E quando acontece o milagre da cor que Madrid, na realidade, não tem. São azuis, azuis-violeta, vermelhos, amarelos, verdes (verdes opacos ou verdes esmeralda), tons translúcidos e tons espessos, explodindo nas esquinas, nas fachadas patinadas, nos telhados faiscantes, nos jardins, no empedrado das ruas ainda as mais modestas, no corpo dos arranha-céus e nas pupilas das mulheres madrilenas.

amor que o povo espanhol consagra a tudo o que nasça e cresça em solo pátrio. Mas o madrilenho não é apenas um espanhol, porque se considera a sùmula dos espanhóis, a elite, o «fétén» da velha Espanha. E isto porque Madrid é Castilla, e Castilla é por sua vez, na idiosincrasia do castelhano de

drilenos de Madrid e quem eram os madrilenos de fora? E chegou-se à conclusão de que a grande maioria de madrilenos, embora enraizada, absorvida tinham o seu registo de nascimento muito longe da raia da capital e além dos limites de Castela. Isso, porém, tem escassa importância. Porque Madrid fas-

que Madrid es Madrid e de Madrid al cielo.

CLIMA E CULTURA

No verão, Madrid arde. No Inverno treme no meio de um frio polar. Aos trinta e tantos graus positivos (quando não quarenta e sem brisas, que Madrid é cidade de planalto tapado pelo Guadarrama) sucem-

da Piscina Municipal — onde, a preços módicos, se podem banhar algumas dezenas de milhares de enalorados cidadãos, á mes ma hora e no mesmo dia. Acrescente-se que, como esta piscina está situada num arrabalde (a dez minutos de autocarro desde o centro da cidade, note-se) que é uma extensa zona verde, á beirinha do rio Manzanares, os banhistas usufruem, se querem, destes dois bens a um tempo: banho na piscina e merenda no campo. Igualmente o agreste Inverno castelhano encontra os madrilenos precavidos. Não há casa de pobre ou de rico, chabola ou palácio, que não tenha ao menos um calorífico, seja de que espécie for. Os estabelecimentos, ainda as tascas pequenas de Las Ventas ou de Carabanchel, idem. E até as estações do metropolitano são aquecidas.

E a actividade cultural de Madrid? Naturalmente limitada pelas circunstâncias que envolvem a política interna do país, mas, de qualquer maneira, remando quanto possível contra a maré e tentando proporcionar aos cidadãos um amplo contacto com as manifestações mais de «avant-gard». Jamais me esquecerei o que foi, em 67, num teatro de Madrid, uma certa experiência, realizada por Manuel Veleiro, sobre o «Teatro Mas-sa». A forma como os madrilenos se comportaram perante essa impiedosa (mas coerente) crítica aos módulos clássicos e monocórdicos do teatro, espantou-nos. Uns para atacar, outros para defender, os madrilenos interessaram-se a tal ponto, que a lotação se esgotou e muita gente ficou na rua... sem arredar pé até ao fim da representação, que acabou, inesperadamente, com uma manifestação na Praça de Espanha.

A actividade editorial, se bem que menos volumosa que em Barcelona sobretudo no que respeita a ficção — determina-se a bom ritmo. O cinema, o teatro, a ópera, a música,

a pintura, são objectos de procura e curiosidade constante, e, por isso, os seus promotores não descansam. E claro que o gosto polémico do espanhol pede sempre mais. E tem razão, porque só agitando-se ele pode sopesar a realidade que o cerca.

GRAN-VIA, MEIA-NOITE

Conquanto se torne algo difícil determinar o centro duma cidade tão grande como Madrid (que na realidade terá, não um, mas vários centros), a Gran-Via continua a ser a aorta do gigantesco coração madrilenho. Ali afluí e confluí toda a heterogeneidade de uma Madrid verdadeiramente cosmopolita. Pelos fins de tarde quando a hora de fecho das repartições, oficinas, escritórios e comércio deixa o madrilenho livre para a charla para o passeio ou para o chato de vino com aperitivo ao lado, a Gran-Via assemelha-se a um mar. Eu quase que aposto que entre as cinco e meia e as oito, em pleno fim de dia, não existe outra artéria de qualquer outra capital, que se compare. A esta hora, na Gran-Via, a individualidade perde todo o seu sentido — o que fica, o que existe, é a massa compacta, a multidão que recua, avança, toma as esplanadas de assalto, invade os estabelecimentos, num babel de idiomas e de dialectos, num corropio em que os olhos não se fixam porque alucina. Passadas as oito horas, oito e meia essa multidão, bárbara e efervescente, esvai-se como por encanto. Escore então pelas ruas e ruelas adjacentes, por La Ballesta ou S. Bernardo, pelo Sol e Plaza Mayor ou Plaza de Espanha, como uma hidra com a faculdade de se repartir. Entra-se na hora da cena (ceia), os restantes logo completam-se, daí a pouco as casas de espectáculo também a noite desceu sobre a cidade e actua como um enlanguesciente.

Não é que a cidade durma — Madrid nunca dorme. Mas as ruas começam a ficar desertas, as vozes voltam a ser vozes e não o brouhaha intenso, paranoico, de há pouco, e que nem o ruído dos motores consegue abafar. As restantes ruas, digo, mas não a Gran-Via.

Das muitas noites que passei em claro em Madrid, (noites de Verão ou noites de Inverno, que em Madrid é fácil perder a noção do tempo e logo já é madrugada), jamais vi a Gran-Via sem gente. E sabem-no perfeitamente os vendedores de tabaco, que se aguentam enrolados pelos portais até ao romper da alva, pois sempre há quem procure um «rubio» ou um «negro», em pleno ventre da noite. E antes que a madrugada agonize, fechados os últimos «cabarets», ainda resta a possibilidade de ir tomar um chocolate com churros num beco junto á Plaza Mayor, onde, não raro, os noctámbulos sem remédio passam um pouco pelas brasas ante o olhar complacente do dono da loja e dos empregados sonolentos.



O CENTRO DO MUNDO

Pergunte-se a um madrilenho:

— Que é Madrid?
E logo a resposta assume por entre uma ponta de orgulho e outra de irreverência:

— Hombre, que preguntal Madrid es el centro del Mundo.

Este afincado «bairrista», este exagêro de opinião, traduz, muito mais que um certo pendor chauvinista, aquele profundo

gema, a raiz e razão desse mundo que, nascendo em Covadonga se estralimitou pelas plagas dos boabdiles, pelos alcantis de Navarra, pelos morros e praias da Catalunha e, num salto épico, até aos impérios Mayas, às areias da Florida, à Terra do Fogo e aos palmares do centro do pacífico. Claro que este orgulho, este «eu sou» do Madrilenho, também lhe traz alguns amargos de boca. Mas ele mantém-no contra tudo e contra todos, bem convencido da sua razão.

No entanto, os três milhões e tal de almas que povoam Madrid, serão mesmo madrilenas ou sequer castelhanas? Há cerca de quatro anos, os jornais espanhóis preocupam-se um pouco com o facto. Quem eram os ma-

cina, conquista, assimila de tal modo, que ao fim de algum tempo, qualquer forasteiro se sente natural até aos ossos, até ao âmago. E nem a poluição nem a dureza que caracteriza uma grande cidade cuja principal estame de sobrevivência se estabelece na luta pelo pão de cada dia, nem a falta de espaços verdes, nem a anarquia do imenso tráfego, nem as exigências urbanas, nem a água mal-saborosa que se bebe, nem os apertões do metro em horas de ponta, nem as dificuldades de conseguir casa ou de conseguir com renda limitada, nem a astronómica subida de preços dos produtos de consumo, levarão um andaluz enraizado ou um navarrenho assimilado a negar Madrid como «pátria suya». Isso nunca,

-se os cinco, dez e mais graus negativos dos dezembroos rudes. Acontece no entanto, que Madrid está tão bem preparado para o verão como para o Inverno: na altura em que o calor aperta, abundam as piscinas, mas não só. Quase todos os comércios, grandes e pequenos, têm o seu ar condicionado o seu ventilador a propósito, a sua refrigeração que, mesmo improvisada, sempre resulta. Os cinemas, do mais modesto ao mais luxuoso, os «night-clubs», as casas de espectáculo, enfim, reconhecem que uma temporada agradável é um bom chamariz e mantêm-na. No caso das piscinas, — será bom não esquecer que Madrid possui o maior complexo balneario da Europa — a chama-

DL/DOMINICAL

ESPECTÁCULOS



JESUS CRISTO SUPER STAR

JOSÉ JORGE LETRIA
ESCREVE DE LONDRES

pendentemente da qualidade de qualquer espectáculo, o lúbrico, em visita à capital britânica, acontece como se a sua presença fosse realmente obrigatória, como se fosse uma falha irreparável não estar presente.

É, de certo modo o fascínio provinciano do burro perante o palácio. Maior parte das pessoas que esgotam as lotações de «Oh! Calcuta» sabem perfeitamente que o espectáculo é pobre do ponto de vista dramático e que, no aspecto musical deixa muito a desejar.

Com «Jesus Christ» a situação é no entanto diferente: apesar das reservas formuladas por certo sector da crítica, a qualidade geral da representação não deixa de ser apreciável, sendo mesmo reconfortante assistir ao aparato com que se constrói e movimenta um grande espectáculo.

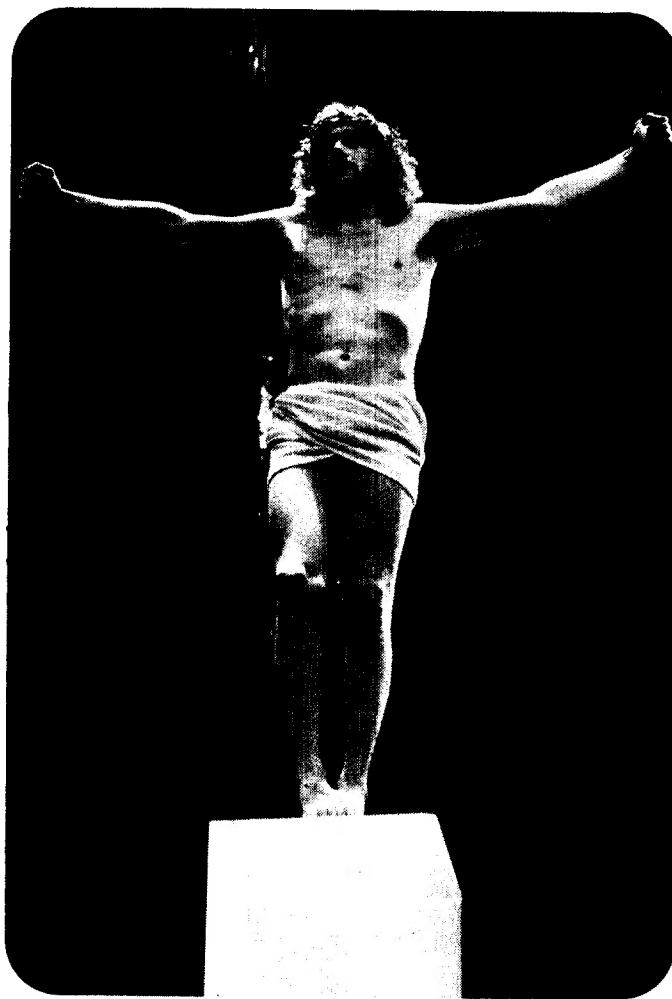
Discutível no entanto é o misticismo de textos. Mesmo assim, as dezenas de pessoas que formam bichas intermináveis nos passeios que rodeiam a sala onde o espectáculo é exibido, são capazes de não ser da nossa opinião. Elas lá sabem porquê.

Houve uma grande evolução desde os dias do drama popular medieval, em que o Filho de Deus nun-

Misto de ópera e de concerto «rock», «Jesus Christ Super star» é, neste momento, pondo obrigatório do calendário artístico londrino. Milhares de pessoas procedentes de vários países marcam, com impressionante antecedência, bilhetes para o espectáculo. Dessa delicada tarefa encarregam-se muitas vezes, as próprias agências de viagens que, na ânsia de bem servir, esgotam sucessivas lotações.

Funcionando como sucursal britânica do «Jesus Christ» norte-americano este espectáculo ficou, do ponto de vista musical, um pouco aquém da expectativa dos críticos mais exigentes que o consideraram frágil e mal ligado. Com efeito, observando atentamente as várias partes do espectáculo conclui-se sem grande esforço que lhes falta uma certa coesão e consistência dramática. O próprio Paul Nicholas, Cristo de circunstância, não está, apesar de todo o aparato, à altura do papel que lhe cabe.

Muito mais seguro em cena é Stephen Tate um Judas excepcional que, desde a



O fim e o Princípio: Jesus (Paul Nicholas) sobe simbolicamente na Cruz — e o coro faz ouvir um cântico.

traíçoira coroação de Cristo até ao desespero do enforcamento se revela um

actor de grandes recursos.

De resto, é curioso verificar que, inde-



O fim de um traidor: acusado pela culpa e pelo remorso, Judas (Stephan Tate) enforca-se.

DL/DOMINICAL

ESPECTÁCULOS

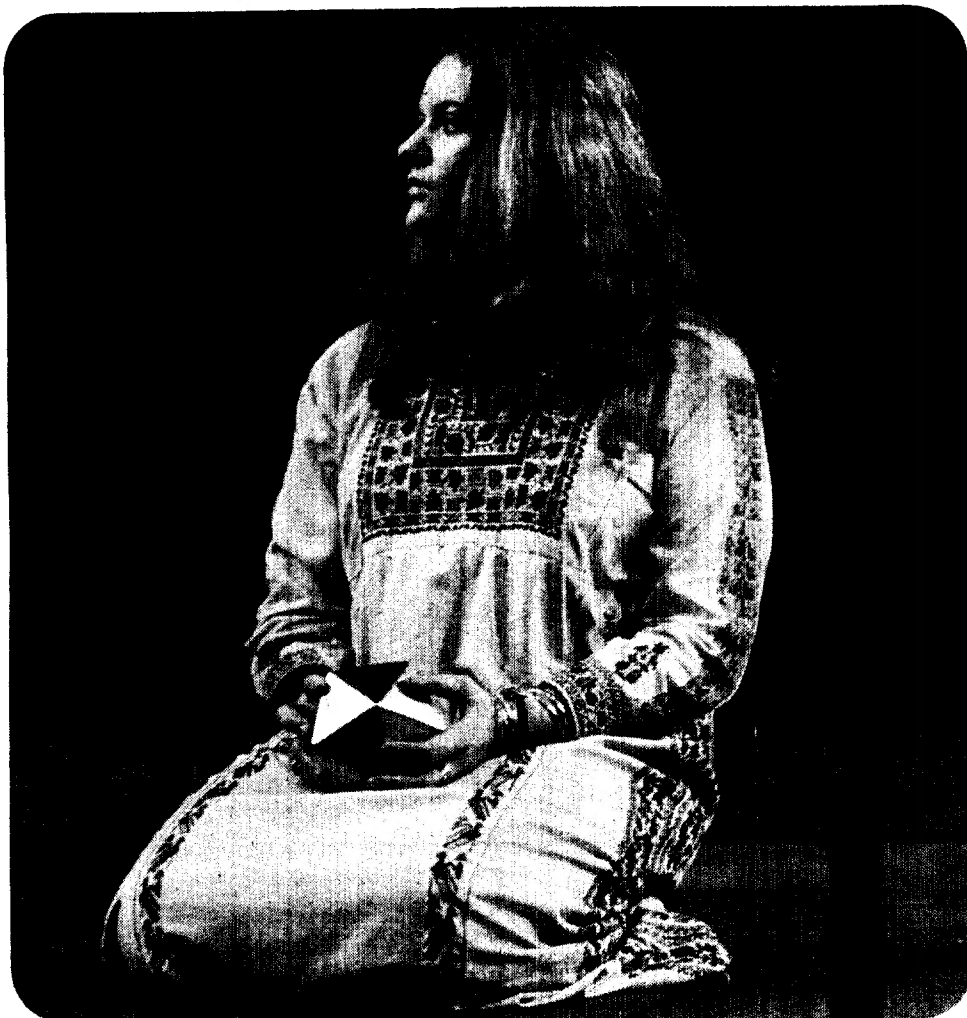
ca era representado no palco.

Maria Madalena é Dana Gillespie, de 22 anos, que estava a estudar o papel quando a estrela original, a cançonetista Sylvia McNeill, caiu de cama com bronquite durante os ensaios. Dana Gillespie possui uma autêntica figura bíblica.

Nesta vigorosa versão da Paixão, Jesus surge como um visionário moderno, partilhando das preocupações e ansiedades da actual geração.

Como é inevitável, o vilão da peça é Judas Iscariote, desempenhado por Stephen Tate. Atraiçoa o seu mestre provocando a sua quedavolta para a canção mais famosa de todos, «Supers-tar».

Espera-se que «Jesus Christ Superstar» conquiste Londres tal como cativou auditórios em Nova Iorque e noutras partes do mundo.



O conforto de Cristo: Maria Madalena (Dana Gillespie, chamada a desempenhar o papel depois da doença da actriz original) segura um pequeno cofre de bálsamo com o qual untará Jesus.



Sob'os olhos de uma multidão compassiva, a pura figura de Jesus (Paul Nicholas) é confortada por Maria Madalena (Dana Gillespie).

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES - SALA DE JOGOS



LYNN ROGERS

VEGETA AUSTRALIANA DO "MUSIC-HALL" INTERNACIONAL

LIDIA RIBEIRO

com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

O FAMOSO "MR. ELECTRIC"



MARVYN ROY AND CAROL

BENTYBER DANCERS



JIRINA'S COMBO "OS MOZAMBEAT'S" FERRER TRINDADE e sua orquestra

BAMBI BROWN SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23.30 H. Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1.0 H. Maiores de 21 anos

EXTERNATO JOSÉ RÉGIO

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

CICLO PREPARATÓRIO LICEU

Familiares de alunos-DESCONTOS ESPECIAIS-Militares
R. Joaquim Bonifácio, 8, 2.º (a 2 m. do Metro-Anjos)
Telfs.: 561897-561268 — Informações das 15.30-21.30

EXTERNATOS

São Vicente
Rua do Paraíso, 28
Tel. 864100

Marquês de Pombal
Rua Edith Cavell, 8
(ao Chile) — Tel. 82 02 21

Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica)—Tel. 70 69 74

LICEAL—PREPARATÓRIO—COMERCIAL—INSTITUTOS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

ALLIANCE FRANÇAISE

A maior e a mais afamada escola de ensino da língua francesa no mundo

CURSOS DE FRANCÊS

LISBOA (Rua Braamcamp, 13-1.º e Avenida Almirante Reis, 183-1.º, D)
ALMADA (Rua Luís Queiroz, 6-Lote 4)
S. JOÃO DO ESTORIL (Quinta da Carreira, Lote 30, r/c., Esq.)
ALGÉS (Parque Miraflores, Lote 111-1.º, Dt.º, Frente)

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES

a chave para as suas leituras
DICIONÁRIOS dom quixote



JORNAL DOS ESPECTÁCULOS



LEONARD COHEN O PERIGO DOS RÓTULOS

Comentando a recente passagem de Leonard Cohen pelo Olympia de Paris e crítico de uma conhecida publicação musical francesa afirmava:

«O cantor tomou finalmente consciência de que é um verdadeiro «artigo de luxo» deixando por isso de cultivar a contradição de se fazer passar por «amigo do povo». Excelente poeta e razoável compositor, Cohen é neste momento um dos cantores mais bem pagos nas tabelas do «show-business» mundial. A respeito disso parece que não restam dúvidas, mas daí a catalogá-lo tranquilamente como artigo de luxo» vai uma grande distância. Se fossemos a rotular todas as pessoas pela aparente inacessibilidade das obras que produzem ou dos trabalhos que apresentam, também ao articulista poderia ser imputada a responsabilidade de escrever para uma revista que por sinal dada a sua qualidade gráfica, até nem está ao alcance de todas as bolsas. No terreno traçoeiro das «classificações» cada um deve medir a resistência do vidro do seu telhado, não vão as pedras do vizinho deixá-lo a descoberto.

É certo que Cohen está longe de ser um militante: a sua música é serena e a temática dos seus poemas e dos seus romances está longe de ser um apelo.

Ele tem, de resto, plena consciência disso. Interrogado por um jornalista francês por alturas da sua penúltima viagem a Paris, sobre o papel que atribuiu à «revolução» ele declarou categoricamente que a única em que acreditava era «a interior». Disse-o e assumo-o constantemente sempre que canta e compõe. Só que, este aparente alheamento não o impediu de recusar um prémio de poesia do governador do Quebec, alegando publicamente que discordava da orientação adoptada por aquela individualidade.

Mais ainda: em fins de Março participou, em Dublin em pleno período de efervescência política numa série de concertos nos quais foi acompanhado por um agrupamento local chamado «Blandell». Tendo sido informado pouco antes da partida, dum roubo de instrumentos, de que tinha sido vítimas dois elementos do referido grupo, o cantor deixou-lhe dinheiro suficiente para suprirem a falta. Numa conferência de imprensa antes de regressar ao Canadá declarou que estava solitário com os irlandeses e que tencionava realizar uma série de concertos em benefício das vítimas do conflito logo que lhe fosse possível.

Em face disto perguntamos: que história será essa de ser amigo do povo?

J. J. L.

RÁDIO MATINAL ASSIM NÃO VALE

Sou daqueles que rodam o botão de rádio mal acordam. Sete e picos da manhã, mais uma noite mal dormida, as pálpebras a tentar a todo o custo retomar a posição anterior... e os minutos a correrem no relógio, pequenina máquina que me escraviza diariamente. Faço girar o botão de rádio quase maquinalmente. Ainda não espero nada (senão acordar): não vou à procura de música nem de palavras, mas apenas do som que me inicie em mais um dia. E só depois de desperta sou capaz de um acto consciente de escolha. Procuro, então, furiosamente, o programa que me possa acompanhar enquanto me arranjo, perdida entre o sono e a pressa.

Da Emissora Nacional fujo. Não, não tenho qualquer parti-pris. Só que não estou interessada em saber se nesta estação se semeia trigo ou colhem batatas, tudo acompanhado



por «modas» a acordeão. Não é esse o meu «affaire», como diria o outro. O programa para os lavradores deixa-me completamente de fora, sem sequer ser capaz de captar a minha curiosidade.

Giro o botão mais para a esquerda e o primeiro posto que se me depara é o Rádio Clube Português. A primeira pergunta que faço a mim própria é por que motivo os programas radiofónicos não morrem de velhos. Porque é que conseguem aquilo que as pessoas não conseguem? Ou será que se tornam relíquias? Naquela estação de rádio mora um programa que eu já conheci velho. Persegui a minha infância como pesadelo. Anos e anos a fio, comemorados com o lançamento de novos artistas do «musicol» nacional. Nas datas de aniversário, talvez até se beba champanhe, acompanhado dos invariáveis anúncios de café, chá e leite em pó. Nestes breves reencontros ocasionais, reconheço as mesmas vozes de há 10 anos (ou são outras iguais?), as mesmas insossas, os mesmos êxitos musicais, o mesmo folclore, o mesmo tipo de publicidade a jorros, o mesmo estilo. «Talismã» (será feitiço do nome?), três horas diárias de emissão, deve ser o programa mais conservador da rádio portuguesa.

O mais conservador? Bem, entre ele e o «Despertar às sete e meia» terceira alternativa (im)possível na manhã, que venha o diabo e escolha. Mas este último tem a vantagem de ser mais curto. VanVantagem que não chega a sê-lo, porque logo a seguir vem outro igual. Até às 10 da manhã, a Renascença está condenada à mediocridade.

E os ouvintes também. A menos que deixem de o ser, que desistam mesmo de ouvir rádio enquanto se preparam para sair de casa. O dia é muito grande para se aborrecerem logo de manhã, não acham? Mal estão aqueles que, como eu, têm o hábito maquinal de fazer girar o botão de rádio mal acordam, para logo se interrogarem, entre cansados e furiosos: «Mas porque é que este aparelho não avaria?»

REGINA LOURO

GUERRA E PAZ AO CINEMA RUSSO

O cinema russo alastra pelo Ocidente. Depois de filmes como a série muito apreciada por certas pessoas, de «Guerra e Paz», com todos os matadores de filme que poderia ter sido feio em Hollywood, acabaram por aparecer películas como «O 41.º», «Ivan, o Terrível», «A grande fuga» e, agora, «Djamília». São filmes um tanto desiguais, mas que reflectem uma realidade.

Será que um filme como «Djamília» está desprovido de interesse, diremos que não. Antes pelo contrário, trata-se de um filme em que, mais uma vez, uma realidade é sofrida, vivida, transfigurada mesmo por um jovem, vítima de dias a que ele é totalmente estranho. É uma história em que se trata o problema da guerra, e olhando, vivendo a frente, o que se passa nas primeiras linhas. Desfaz-se assim o mito da mulher do «herói» (herói porque está lá), mulher fiel, mansa, esperando.

Tudo é tratado de uma forma um tanto lírica, é verdade. Mas a voz que nos conta o passado, já metida num tempo de que não fala, é uma voz original que viveu uma guerra em sentido duplo. «Djamília» significa por outro lado (e é curioso que essa imagem surja da memória de uma criança) a mulher que sabe o que quer, mas que durante muito tempo é cerceada pela sociedade, rural, virada a uma fidelidade a que não somos, nada estranhos.

O cinema que vem da Rússia: eis o que se poderá dizer, em tom irónico, em tom sério, conforme as «leituras». A verdade, porém, é que estamos perante um cinema adulto, que, dirigido ou não, ainda ensina alguma coisa. Um cinema que sabe procurar novas formas, novas tonalidades estéticas, que muitos outros ainda não souberam encontrar. Apesar de «Guerra e Paz», pensemos no que é o cinema ocidental e confrontemos...

ROGÉRIO VIDIGAL



Djamília e o amor

NÃO PERCA "O BAILE DOS BOMBEIROS"

**CARTA
DO BRASIL**

CHIANG CHIA DE GARCIA

Operação cirúrgica

Ao surgir através da porta não consegui evitar um estremecimento. Chegara a minha vez. E vi aquele cenário que, por reflexo, só conhecia dos filmes americanos: uma sala de operações cirúrgicas. Enfileirados luziam os bisturis electro-magnéticos. Médicos de batas verdes e meia-máscara tapando a boca, falavam em voz baixa. As enfermeiras ensinaram-me o jeito certo de me colocar. Depois a luz de um projector facetado incidiu sobre a minha cabeça. Fechei os olhos. Ouvi breves diálogos. E o aviso ameno:

— *Só dói a primeira picada.*

Era o começo da anestesia. As últimas já não doeram nada. Cobriram-me o rosto. Apenas uma fenda tornava visível ao cirurgião o local enfermo.

Algo insidioso formara-se quase rente ao ângulo das pálpebras no lado extremo do meu olho esquerdo.

Oito horas e dois minutos.

Então concentrei-me. Pensei que morrer, ali, tinha certa dignidade. Na mão do médico? Não, na mão de Deus. Como é mesmo o soneto? Ainda o saberei de cor? Digo-o mentalmente, e certo. E agora? Eu estava presente, mas dentro de uma nuvem. Veio-me à cabeça aquela ideia cinematográfica de que, quem se despede da vida, relembra em segundos todo o seu tempo passado...

TEMPO 1

Na mão de Deus na sua mão direita...

TEMPO 2

E de repente, influenciado por *Colóquio-Letras* n.º 8, lido na insónia da véspera (meu dorme direito em véspera de operação?) saltou-me de lá o Braz Cubas, de Machado de Assis, com a transcrição da cena do delírio em que o protagonista cavalga montado num hipopótamo através dos séculos.

TEMPO 3

Mas não, não é assim o que me interessa. Não quero o desfilar de todas as raças, de todas as paixões, na destruição recíproca de seres e coisas, não. O que busco nestes talvez breves instantes (foram afinal duas horas) — sou eu mesmo. Que me importa a história do ser humano?

Ao contrário de Machado de Assis eu quero é fixar o relâmpago da minha vida. De onde vim? De que céus? Para quê?

Que me importa o turbilhão dos séculos? O que eu estou é pensando naquela pobre ceifeira (a vida) que canta e ceifa. Ali, canta, canta sem razão! O que em mim sente está pensando...

Não, Braz Cubas, não estou correndo atrás da quimera da felicidade, que, segundo ele, se esfuma como uma ilusão. O que eu quero reconstituir não é o delírio. O que estou procurando é seguir o fio daquilo a que eu chamo a minha frágil rebeldia. De onde vem esse fico perdido no tempo e no espaço, como um verso rejeitado por todos os poetas?

TEMPO 4

O que em mim sente está pensando em Lisboa. E revejo-o. Ao sol. À chuva. Nos longos serões da minha infância. Não sei como aprendi a ser menino rebelde se eram da minha avó os livros que ela me dava a ler. Coisas assim: O Leal Conselheiro, a História da Menina e Moça, as Imagens da vida cristã e aquela Carta de guia dos casados, em que tinha sido educada...

Mas para seu desespero ante tantas obras de sãos ensinamentos, a única que me interessara fora aquela que tanto escondera de mim. As Peregrinações, de Fernão Mendes Pinto.

— Nunca puz tal coisa nas suas mãos!

— Li o livro todo, às escondidas.

Deu-me uns sopapos. Zangou-se comigo, fechou a estante à chave, e desabafou:

— *Ler um livro imoral na sua idade. Que vergonha!*

— *Avó, quando for homem quero é viver aventuras como Fernão Mendes Pinto.*

— *Aventuras? Mentiras. Ele era apenas um mentiroso...*

— *Mesmo assim deve ser bom ter histórias para contar. Mesmo que pareçam mentiras...*

TEMPO 5

Pois é. Ainda hoje há leitores do DIÁRIO DE LISBOA que não acreditam na veracidade das minhas histórias. E também julgam que sou mentiroso. E no entanto muitas delas são apenas contadas nas entrelinhas...

TEMPO 6

Depois conheci o mar. Houve um tempo em que morámos em Cascais. E no alto da Boca do Inferno ainda pensava naquele período que começa assim: —

«quantas vezes ponho diante dos olhos os grandes trabalhos que por mim passaram, começados no princípio da minha primeira idade, e continuados pela melhor parte, no melhor tempo da minha vida... em tal estado que nela vivi sempre em misérias, e não sem sobresaltos e perigos de vida...»

TEMPO 7

Esqueci Fernão Mendes Pinto e passei a ler, em liberdade, tudo que me mostrou o contraste de Portugal de então, com aquele de antigamente, o das grandes aventuras marítimas. Foi quando intuí precocemente que acima de tudo, o que nos ficara do passado, era o Brasil...

Adoptei como lema a vil tristeza. Enveredei pela melancolia. E foi assim que encontrei uma irmã na poesia de António Nobre. Acresce que os médicos, nesse tempo, estavam certos de que eu morreria jovem. Cheguei a saber o *Só* todo de cor.

TEMPO 8

Que importa que os bisturis estejam rasgando fundo na minha carne? Era bom estar ali e ao mesmo tempo presente no passado. Sim, lá tão longe, tão longe...

TEMPO 9

«Moinhos ao vento! Eiras! Solares!
Antepassados. Rios. Luas.
Tudo isso eu guardo, aqui ficou»

TEMPO 10

Depois vivi, amei, descobri, briguei, fiz parte de uma Lisboa que durou dos anos vinte aos trinta, mas que nenhum romancista conseguiu até hoje captar. Afirmando, nenhum. Tentaram, às vezes, criar gente, tipos, conflitos. Mas não é nada disso, não. Nós, lisboetas de então éramos produtos da própria estrutura da cidade. A verdade é que nós não fazíamos Lisboa. Lisboa é que nos fazia a nós. Era uma Lisboa de clero, nobreza e povo republicano. Ela é que nos modelava. Lisboa carregada de mistérios seculares. Nossa mãe. De amor. De ciúmes. De Tédio. De ódio. De rebeldia. De lágrimas. Mas também de risos.

Se não morrer, aqui, agora, nesta mesa de operações, hei-de voltar a falar nisto, claramente, no «Diário de Lisboa». E melhor pensado, é lógico. Mas esta, juro, é a Lisboa de ouro que já não há. Lisboa hoje é uma Lisboa urbana. Lisboa classe média. Sem raízes.

TEMPO 11

Nove anos depois chegava do Brasil. O Brasil dá muito que pensar nos seus acertos e desacertos. Mas em tão pouco tempo, xentes, dois séculos apenas! As imensas virtudes naturais. Pecados trazidos pelos povoadores europeus. E a presença africana. O fim da escravatura:

«O Fulô, ó Fulô,
Cadê, cadê teu Sinho
que nosso Senhor me mandou?
ah, foi você que roubou
foi você negra Fulô»

TEMPO 12

Essa negra Fulô, como Chica da Silva, escrava que viveu como rainha, e tantas outras, cantadas por poetas, e que acabaram tornando a negra um mito de encanto, de beleza, de magia, isso até à realidade da mãe-preta, nos antigos casarões avarandados que era a segunda mãe de todas as gúris e de todos os gúris que com ela aprendiam as histórias de espantar das superstições africanas. Ainda as há, talvez. Velhinhas. Contando as mesmas histórias. Aos filhos, ou aos netos, ou bisnetos dos primeiros que as ouviram.

Entre os pecados de Gilberto Freyre destaca-se talvez a virtude de reconhecer a importância da negritude na história do Brasil. Sangue a sangue. Por escolha do branco, grão-senhor com seus cofres cheios de ouro. Depois, sim, depois veio a mulata.

TEMPO 13

O Brasil! Praias, rios, matas, sertões, a selva amazônica, os pantanais de Mato Grosso, tudo isto tendo no centro São Paulo, num desafio às grandes metrópoles, e aqui, à beira-mar o Rio de Janeiro, nos longínquos longes do interior embora a par da miséria, a graça dos seus folgozes.

Quantas vezes não vi por lá, as mil e uma maneiras de representar o Bumba — meu boi. E coisas rústicas e bonitas como as enormes carrancas na proa dos barcos no rio São Francisco (São Chico, como se diz nas suas margens) e a cerâmica Carajá e as danças gaúchas, e a capoeira, o mais ágil dos jogos de destreza. Eta,

Brasil grande. Tudo isto num cenário bíblico, por vezes violento e trágico, como no Velho Testamento.

TEMPO 14

Tanta coisa para me despedir! Ou será que escape desta? Porque não param finalmente os bisturis? Ou será que já estou a caminho do além? Sim, suspensão no ar, fechado dentro de uma nuvem. Mas, não. Vagos sussurros me cercam. Anjos ou demónios?

TEMPO 15

Que pensa se eu for embora sem ter relembrado pelo menos meu diálogo com Emiliano Sarrazeta, pernambucano que esteve há dias no Rio de Janeiro. Ele é, à maneira regional, um detective particular. Que de casos pitorescos ele me contou. Sua missão é investigar em sigilo a vida de candidatos a noivos, a pedido de famílias tradicionais. Ou vigiar os passos de maridos, ou de esposas possivelmente adúlteras. Ou investigar segredos de adversários políticos desta ou daquela cor. Ou negócios de compra ou venda de terras. Coisas assim...

— *Minha vantagem disse-me, está no olho sempre ligeiro. Eu no meu ouvido que escuta mais que microfone...*

— *E quando você tem provas de que as suspeitas são fundamentadas?*

— *Cartas na mesa. Recebo a minha paga, e dou logo o conselho certo: agora chame um pistoleiro e mande matar.*

— *Puxa!*

— *Que é que há? Depois do detective o que serve mesmo é o pistoleiro.*

— *E depois?*

— *Depois o caso aparece nos folhetos de cordel. Minha fama é universal. Os cantadores do sertão cantam assim a meu respeito: «Faço a noite mudar em linda aurora / Faço uma rua mudar em cinco becos / Faço um fogo de folhas e de paus / Toco fogo no mundo e vou embora...»*

DEZ HORAS DA MANHÃ

Ele a cantar e eu a sair da nuvem. Estou com um olho só disponível (é com ele que reproduzo agora o que fica aí em cima). No mais meu rosto desaparece sobre faixas de gaze. Sorriem para mim. Desperto meio tonto. Amparam-me. Levam-me. Lá fora espera por mim minha amiga Dilma, e o marido, o meu caro Geysa Bóscoli. E ele a rir:

— *Malandro, troço no olho uma ova! Tu fizeste foi uma plástica completa.*

Sorri, exausto. Levaram-me para casa. Hoje é segunda-feira. E aqui têm, apesar de tudo, a minha carta do Brasil.

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO

PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA



SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem **20 000\$00** ou mais escreva-nos.

Rendimento assegurado.

DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso

Nome _____

Morada _____ Telefone: _____

ISTO É HOLLYWOOD

A última invenção de Hollywood é a utilização de cartões de crédito na bilheteira. Ao abrigo de um acordo entre «Columbia Pictures Industries» e «American Express», cerca de doze filmes baseados em peças clássicas serão produzidos e exibidos simultaneamente em aproximadamente 500 cinemas dos Estados Unidos. Os espectadores poderão utilizar os cartões da «American Express» para pagarem os seus bilhetes.

A primeira película a ser produzida dentro do novo sistema será «The Iceman Cometh», de Eugene O'Neill, e terá Lee Marvin como actor principal. Marvin, a quem já foi atribuído um prémio da Academia, participou na versão para o teatro de «Iceman» quando estudava declamação em Nova Iorque, em 1948. Actualmente, surge ao lado de Gene Hackman, que obteve o prémio da Academia este ano, em «Prime Cut».

Vanessa Redgrave será a Rainha Christina, da Suécia, em «The Abdication», da «Warner Bros», cuja rodagem teve por cenário Roma, no passado mês de Agosto. E a história de uma rainha que desistiu do trono, foi para Roma e se apaixonou por um dignitário da Igreja católica.

Julie Andrews, cuja primeira novela infantil, «Mandy», está agora a ser objecto de estudo com vista a uma possível transposição para a tela, recebeu a «Medalha de Ouro de 1972 por Serviços Distintos à Humanidade» do «America's National Institute of Social Science». Uma das primeiras pessoas a receber esta distinção foi a Senhora de Chiang Kai-Shek. Bob Hope foi outro dos contemplados. Julie encontra-se assim em companhia de pessoas célebres.

O músico e cantor Buddy Greco escreveu e gravou uma canção intitulada «Oct. 4, 1971», que, segundo ele, «despedaça o coração do ouvinte». Afirma Greco que foi o dia em que sua mulher, Dani, lhe disse desejar o divórcio.

Após uma ausência de 22 anos da tela, Ann Rutherford regressa para desempenhar um papel em «They Only Kill Their Masters», da MGM. Trata-se de uma história policial que tem como actores principais James Garner e Katherine Ross.

Gene Hackman, que arrebatou o Oscar deste ano para o melhor actor, estará ao lado de Al Pacino em «Scarecrow», uma história cujo tema são os sonhos e as aventuras de dois vagabundos.

Desde que ganhou o Oscar, Hackman viu aumentar não só o seu salário, mas também o número das cartas dos seus admiradores, que é o que mantém um actor no cume.

«Portnoy's Complaint», o filme do «best seller», em que aparecem lado a lado Richard Benjamin e Karen Black, acaba de ser projectado em Hollywood com as mais diversas reacções. Há quem goste dele e quem não goste, mas todos concordam em que Karen surge na tela tão «sexy» como sempre e nos apresenta com uma representação verdadeiramente excelente. A mulher de Benjamin, a actriz Paula Prentiss, pretendia desempenhar o papel de Karen mas foi rejeitada por eles serem casados. Benjamin vive várias



Lee Marvin com a cantora Michele Triola



Vanessa Redgrave



Elvis continua vivo.



Julie Andrews acompanhada pelo marido, o produtor Blake Edwards

intrigas amorosas no filme. Paula foi, por seu turno, convidada para desempenhar um papel na comédia «Last of the Red Hot Lovers».

Ambos confessam que gostariam de trabalhar juntos numa comédia. Esperamos que o consigam, pois são formidáveis.



Nathalie Wood

Cute Goldie Hawn acaba de assinar um contrato com a «Columbia» para dois novos filmes. A sua última película foi «Butter-

flies are Free». Goldie tornou-se internacionalmente famosa no mundo do cinema após o seu primeiro filme, «Cactus Flower», pelo qual obteve um prémio da Academia como melhor Actriz Secundária. Foi igualmente a figura principal de «There's a Girl in my Soup» e «Dollars», ao lado de Warren Beatty.

Os admiradores de Barbara Streisand ficarão contentes por saber que ela aparecerá ao lado de Robert Redford numa nova película, «The Way We Are». O dramaturgo-novela novaiorquino Arthur Laurents escreveu o argumento com base na sua própria novela, recentemente publicada, cujo tema é o improvável amor e casamento de duas pessoas extremamente simpáticas com estilos de vida totalmente diferentes.

James Caan, cujo impetuoso papel de Sonny em «The Godfather» lhe valeu os aplausos da crítica, incarnará novamente uma personagem violenta no seu próximo filme, «Barry Seal», acerca de um típico novaiorquino.

Facto por muitos desconhecido, Caan é um talentoso cantor e dançarino, como tem frequentemente ocasião de o demonstrar em festas particulares. Acaba de assinar um contrato para aparecer num programa de variedades de Verão televisado. Como complemento, Caan toca também piano e guitarra.

O homem de muitos talentos que é Sammy Davis, Jr. emprestará a sua voz ao gato animado do filme de longa metragem, «Sir Puss-in-Boots». Sammy está financeiramente interessado na empresa produtora do filme, cujo director é Jack Kinney, que trabalhou para Walt Disney em «Pinocchio», «Dumbo» e «The Reluctant Dragon».

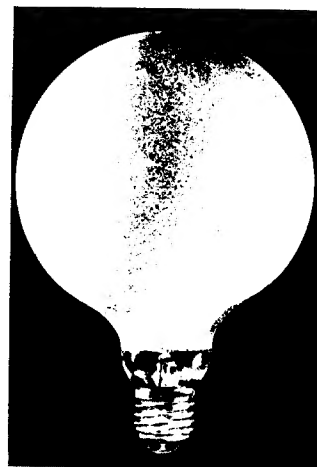
Além de emprestar a sua voz ao gato, Sammy cantará quatro canções escritas pela equipa de compositores (premiada pela Academia) Robert e Richard Sherman.

Hollywood prestou homenagem às celebridades do teatro Alfred Lunt e Lynn Fontanne por ocasião das suas Bodas de Ouro.

A «American National Theatre and Academy» patrocinou um jantar e baile em sua honra, em que estiveram presentes inúmeras celebridades, muitas das quais participaram num «show» do género de «This is Your Life». Henry Fonda, Tony Randall, Raymond Burr, «Sir» John Gielgud, Shani Wallis e Shelley Winters contavam-se no número dos que contribuíram para tornar o serão uma ocasião memorável. O governador Ronald Reagan leu uma carta de parabéns do presidente Nixon, e Jack e George Burns encarregaram-se das anedotas. Inútil dizer que os duzentos convidados se sentavam em cadeiras de ouro.

Corre insistentemente em Hollywood que está prestes a começar a rodagem de uma película de carácter biográfico sobre a falecida Judy Garland. E quem melhor poderia encarregar-se do papel principal do que sua talentosa filha, a actriz-cançonetista Liza Minnelli.

ILUMINAÇÃO
INCANDESCENTE
LÂMPADAS DECORATIVAS



J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.P.A.

TEL. 654165 * LISBOA

VEM A PAX!

DL/DOMINICAL

VIDA MODERNA

A TRAGÉDIA DO TALCO

Em 7 de Agosto último, três meninos de poucos meses foram recuperados, a poucas horas de distância uns dos outros, no Hospital de Charleville, nas Ardenas. Estavam moribundos, e os médicos não conseguiam compreender as causas disso. Os sintomas eram: eritema entre as pernas, perturbações neurológicas, agitações depois de sono e, finalmente coma. Alguém recordou que os mesmos sintomas haviam sido encontrados em crianças misteriosamente mortas em várias partes de França. Tinham-se deitado as culpas aos alimentos, à água mineral, até ao talco o qual as mães costumam secar os seus pequeninos depois do banho. Porém, todas as análises executadas sobre estes produtos tinham tido resultados negativos. Nem as farinhas, nem a água mineral, nem o talco pareciam responsáveis por aquelas mortes.

Os médicos do Hospital de Charleville chamaram, então, para consulta, um perito, o professor Martin-Bouyer, de Paris. Martin-Bouyer chega quando um dos três meninos já tinha morrido. Também ele não sabe explicar a causa, mas também ele, como os outros médicos do hospital, soube que outras mortes de crianças, com os mesmos sintomas, alarmam, há já algum tempo a França. Faz executar as habituais análises, interroga, procura deduzir. A mãe da criança morta pergunta-lhe, entre outras mil coisas, qual o talco que usava para secar seu filho depois do banho. A resposta vem naturalmente: «O Bébé, o Bébé Morhange, aquele que todos usam, aquele de que se faz publicidade até na televisão».

O professor Martin-Bouyer, por escrupulo profissional, toma a lata de talco e fá-lo analisar por químicos do hospital. Logo lhe dizem que é um trabalho inútil, que aquele talco já foi analisado com o resultado seguinte: 99,5 por cento de talco e 0,5 por cento de extracto de alfazema. Mas o médico insiste: «Analise-me-no da mesma maneira».

A resposta dos químicos do laboratório chega poucas horas depois e é surpreendente: no Bébé Morhange, além do pó de talco e do extracto de alfazema, há ainda uns seis por cento de hexaclorofeno. Hexaclorofeno? De que se trata? Nem todos os médicos do Hospital de Charleville o sabem; como quer que seja, no espaço de poucos minutos, colmatam também esta lacuna: o hexaclorofeno não é mais do que ácido fénico em pó, em desinfectante que é adicionado a certas preparações médicas para uso externo, na medida, com estabelecer a farmacopeia oficial, de um por cento no máximo.

Como foi possível acontecer que um veneno tão potente, a ponto da sua presença nos preparados medicinais ser tolerada apenas na dose de um por cento, estivesse, pelo contrário, presente em seis por cento num talco destinado a crianças de tenra idade? A pergunta, tão tragicamente importante, depois das investigações terem estabelecido que pelo menos uma trintena de crianças morreram devido ao talco com hexaclorofeno, ninguém sabe responder. Ou não quer. Em 24 de Agosto, o ministro da Saúde faz uma denuncia no tribunal contra o distribuidor do Bébé Morhange, declarando, no entanto, que «se trata manifestamente de um incidente devido a uma falta de controlo, de um erro cometido no decurso da preparação do produto. Produto que não é medicinal e cuja fabricação e venda não são, por isso, controladas pelos serviços do Ministério da Saúde».

Todavia o ministro acrescenta que, dentro de algumas semanas, assinará um decreto em que estabelece que todo o produto, contendo mais de um por cento de hexaclorofeno, não poderá ser posto à venda senão com a responsabilidade de um químico-farmacêutico. Será, pois, deste modo, considerado como um medicamento e, portanto, só poderá ser vendida nas farmácias.

Entretanto, vai-se formando a cadeia que começa pela lata de talco Bébé Morhange, em busca do culpado. O senhor Paul Berty, director da Perfumaria Morhange, que pôs à venda o produto, diz que não compreende: o talco era produzido e enlatado pela Setico sob licença. Se houve erro, o erro é da Setico. O administrador-delegado desta sociedade é convocado a tribunal e, naturalmente, após o seu colóquio com o magistrado, encontra à sua frente algumas dezenas de jornalistas. Declara: «Desde Julho de 1971 que a nossa sociedade confecciona o talco para a firma Morhange. A técnica desta laboração é muito

● HEXACLOROFENE: UMA PALAVRA QUE TEM O SABOR DA MORTE



O pequeno Yannick, uma das crianças envenenadas, ao colo da mãe. Sobreviveu, mas ficou paralisado

simples: trata-se de introduzir num misturador o talco, acrescentando-lhe alguns aditivos, segundo os vários métodos de fabricação; por outras palavras, segundo as receitas pedidas por cada firma. A partir deste momento, tudo decorre automaticamente: o misturador abastece o depósito da máquina que, por sua vez, enche as latas e as fecha. O produto assim obtido é controlado pelos clientes de duas maneiras: um seu representante assiste a toda a operação, ou tira uma amostra ao acaso, reservando-se o direito de o analisar num laboratório. Hoje por hoje, não me parece possível que o hexaclorofeno tenha podido entrar na composição do talco durante a laboração na nossa fábrica. Como quer que seja, estamos a proceder a investigações e análises».

SABOTAGEM?

Por sua vez, um químico da Setico declarou: «Nós confeccionamos o talco para muitas firmas. O produto, isto é, o talco, é-nos fornecido em bruto, em sacos de cinquenta quilos. Cada firma pede para juntarmos um ou outro aditivo para «personalizar» o produto. Há, entre estes aditivos, também o hexaclorofeno, mas não é o caso da Morhange que, ao talco, junta apenas extracto de alfazema. Poderia ter acontecido que, devido a erro, ao talco «Morhange» se tenha adicionado hexaclorofeno destinado a outras firmas. Mas isso teria sido na dose de um por cento, isto é, de 600 gramas por cada 600 quilos de produto. Em contrapartida, não me parece possível que tenha sido adicionado hexaclorofeno na proporção de 36 quilos por cada seiscentos. É uma dose enorme. Não resta senão pensar em sabotagem».

Sabotagem? Porquê? Com que objectivo? Será possível que existam criminosos deste género? Não obstante, a palavra corre, é agarrada pelos jornais, passa de boca em boca. Oficialmente, o hexaclorofeno matou uma trintena de crianças. Oficiosamente, considera-se que tenha morto, pelo menos, uma centena. Agora, por toda a França está a fazer-se aquela tristíssima coisa a que se chama exumação e autópsia. De crianças, que, depois do banho, foram amorosamente polvilhadas pelas suas mães com pó de talco, e que se não tivessem sido a intuição, ou a obstinação, do professor Martin-Bouyer, teriam ainda na sua certidão de óbito as palavras: «morto por causa desconhecida». E, com elas, quem sabe quantos outros hoje e amanhã.

A tragédia francesa trouxe, portanto, à ribalta um outro nome sinistro, como aconteceu há anos com a talidomida: hexaclorofeno. Naturalmente, o alarme depressa chegou a Itália (e a todo o mundo, N. do T.). Foi asseverado que os produtos que continham hexaclorofeno, vendidos nas farmácias, são pouquíssimos e todos com um conteúdo inferior a um por cento.

São eles: uma pomada para mediar, ou tornar anti-sépticas, feridas superficiais; um shampoo, indicado nas formas seborreicas e na psoríase (inflamação crónica) do couro cabeludo, quer do adulto quer da criança; um pó aspersório contra as «infecções de coçagem», manifestações eczematosas ou erimatosas, um outro shampoo e um pó para o «pé de atleta». Nenhum motivo, portanto, para preocupações.

Mas o destino quis que também a Itália tivesse a sua vítima do hexaclorofeno. E a vítima é, ainda uma vez mais, uma criança. Há dias, em Nápoles, foi recuperado no hospital um menino, de nascimento prematuro, e imediatamente colocado na incubadora. A médica escreveu numa receita o nome de uma certa papa de cenouras que teria feito bem ao menino. O pai deste agarrou na receita, corre à farmácia, voltou com o boião, entregou-o à enfermeira que, após ter deluído duas colheradas no leite, o dá ao menino. E o menino morre quase imediatamente. Um outro erro trágico: o farmacêutico tinha-se equivocado ao ler a receita e, em lugar da papa de cenouras, havia entregue ao pai da criança um «anti-séptico desodorizante» contendo precisamente hexaclorofeno, o qual, como se vê, é um veneno.

Em França, pediram para que fosse colocado fora de lei, que não mais seja usado, de nenhum modo, em nenhuma preparação farmacêutica. Mas, como de costume, depois de casa roubada, trancas na porta.

O QUE É O HEXACLOROFENE

É justo, antes do mais, esclarecer que as tragédias verificadas em França por causa do hexaclorofeno não são de pôr em correlação nem ao horrível drama da talidomida nem à oportuna abolição do emprego de fármacos que se tenham revelado perigosos para a saúde pública.

Com efeito, trata-se não do imprevisto, do inesperado manifestar-se da toxicidade de uma substância considerada inócua durante muito tempo, mas sim de um fatal quanto grosseiro erro de formulação ou de preparação de um produto, num sector não sujeito a suficiente controlo e regulamentação legislativa.

É também verdade que, ainda bastante recentemente, em diversas revistas especializadas (em geral americanas e, também, no «Boletim químico-farmacêutico» de Milão) foram assinalados os limites de perigosidade desta substância relativamente aos possíveis efeitos neurotóxicos por absorção cutânea. Todavia, quanto a mim, alarmes excessivos em seguida à actual desgraça não são completamente justificáveis, mesmo ao nível da insuficiente regulamentação.

Quimicamente, o hexaclorofeno é um derivado por alocação (introdução de átomos de cloro) de duas moléculas conjuntas daquele velho quanto benemérito e esquecido germicida que se chama ácido fénico. Por virtude também do cloro apresenta um acentuado poder anti-séptico e desinfectante (os termos são usados consoante os micróbios sejam atacados sob a pele ou sobre os objectos).

Em Itália, as especialidades medicinais regularmente registadas, que contêm este fármaco, não são mais de cinco e é bem conhecida a severidade e a complexidade da legislação italiana sobre a produção e sobre a distribuição dos produtos farmacêuticos e medicinais. Todavia, por falta de uma outra tanto precisa regulamentação, não podemos saber exactamente quanto e quais são os produtos cosméticos (principalmente e na sua maioria pós para tratamento dos pés, sabões ou líquidos desodorizantes) que contêm hexaclorofeno, nem podemos saber a quantidade deste último que neles está contida.

Não obstante, para tranquilidade das mães, podemos assegurar que não são produzidos por nós pós cosméticos aspersórios para crianças com hexaclorofeno.

Em conclusão, para limpar completamente o campo de quaisquer dúvidas é absolutamente necessário que, segundo tudo o que foi augurado, proposto e projectado, se chegue quanto antes a um novo regime legislativo que preveja o registo, com todas as normas consequentes, no campo da produção e da distribuição, dos produtos cosméticos, em especial daqueles que, por qualquer forma, contenham substâncias capazes de desenvolver uma certa actividade farmacológica. Só nesse caso, também neste sector, poderia ser devidamente tutelada a saúde pública.



Paul Berty, director de «Morhange»

DL/ DOMINICAL

REPORTAGEM

FALTA SANGUE NOS BANCOS DOS SANGUE É VIDA



O ciclo do «fluido da vida»: braço, frasco, frigorífico, braço.

Falta o sangue para transfusões nos hospitais portugueses. «O sangue não se fabrica, tem de ser dado» e as dadas correspondem apenas a 68 por cento das necessidades. «A falta de sangue é a falta de mentalização para dar sangue»: nos Hospitais Cívis de Lisboa, entretanto, houve dias em que mais de vinte doentes deixaram de receber assistência cirúrgica por não existir o sangue necessário para eventual transfusão.

ATÉ À ÚLTIMA GOTA

«Todos os dias há Gibaltas e Cais do Sodré — disse-nos nos Serviços de Sangue (no Hospital D. Estefânia), recordando dois grandes desastres que levaram ao banco de urgência centenas de dadores espontâneos, impressionados pelas calamidades, pelo número de feridos e pelos apelos radiofónicos. Mas há todos os dias centenas de acidentes de viação, centenas de operações, partos, doenças graves.

A falta de sangue significa «operações que se adiam, doentes que pioram em vez de melhorar, vidas que se perdem por não se lhes acudir a tempo» — dizem os próprios folhetos de propaganda dos Hospitais, que acentuam sobretudo o sentido idealista das dadas: a sua multiplicação por «todos os portugueses válidos» será considerada «mais um tulo de glória para as virtudes da raça!»

Título que tarda. Há sangue benévolo e sangue remunerado. O sangue é uma substância indispensável ao organismo, e é um produto do seu trabalho, que funciona como meio terapêutico quando é utilizado para uma transfusão ou para o fabrico de derivados, como o plasma. Os «dadores» remunerados recebem actualmente 450\$00 por 400 cm³ de sangue.

O serviço de sangue dos Hospitais Cívis recolhe uma média diária de 35 litros, quando precisaria de 100 a 150 litros para assegurar o movimento. Para as Gibaltas e Cais do Sodré de todos os dias, «os frigoríficos têm às vezes 250 litros, mas

outras vezes não têm nada. Gasta-se até à última gota». A escala nacional — em que funciona como centralizador de todas as recolhas e distribuição, no Instituto Nacional de Sangue, do Ministério da Saúde — extrairam-se, em 1971, apenas 40.900 litros dos 60.000 que as necessidades exigiam.

SANGUE DUM «BOM CORAÇÃO»

«A superação da crise não passa», segundo os responsáveis dos serviços, «por maior recrutamento dos dadores remunerados». Pensa-se que será mais eficaz promover o aumento das recolhas gratuitas através de uma larga campanha «contra a relutância e contra o medo» junto de toda a população. É que, contra todos os mitos, «dar sangue não faz mal nem custa nada». Para convencer disso o maior número de portugueses, o Instituto Nacional de Sangue vai mesmo contratar um especialista de publicidade.

Entretanto «Quem acode?», como se lê num dos prospectos? Quem vai acudindo aos Hospitais Cívis são os 1938 dadores benévolos e os 4008 remunerados de 1971. No mesmo ano, à escala nacional, houve 100.000 dadas, mas teriam sido necessárias 180.000. Do sangue recolhido, eram de graça 26335 litros e remunerados apenas 14542. Até 1962, era remunerada a maior quantidade da colheita (55 por cento nesse ano). Em 1963, a situação invertia-se: dos 28.444 litros recolhidos, eram já benévolos 51 por

cento. Os números de 1971 indicam que são benévolos quase dois terços dos frascos recolhidos nas brigadas móveis e nos postos fixos.

O que é dar sangue? Uma inspecção médica, uma picada para o teste, uns minutos numa maca com a veia do braço ligada a um frasco, depois um galão quente e três bolachas. E «quanto mais sangue dou mais porreiro estou», disse mesmo um dos mais antigos dadores com quem falámos, o sr. Nicha, caldeireiro da CPE e bombeiro voluntário, com 46 anos, 35 dadas de sangue e a medalha de bronze do Instituto Nacional.

COMPRAR E VENDER

«Dar sangue é um desporto como outro qualquer», disse-nos um dador que aguardava vez numa clínica privada e lucrativa, a qual para 500\$00 pela extracção de 400 cm³, que depois integrará numa transfusão de sangue encomendada para um doente de uma clínica ou hospital particular.

A transfusão executada pelo pessoal do centro fornecedor do sangue custará ao doente cerca de 1 400\$00, ainda que receba apenas meio litro do produto: 400 cm³, a que se somaram 100 cm³ dum soluto químico anti-coagulante.

Não nos foi possível obter os números do movimento duma destas clínicas hematológicas. São números comerciais, como se deduz das palavras do dr. Sampaio Madail, assistente do Hospital de Santa Maria e co-proprietário dum centro de

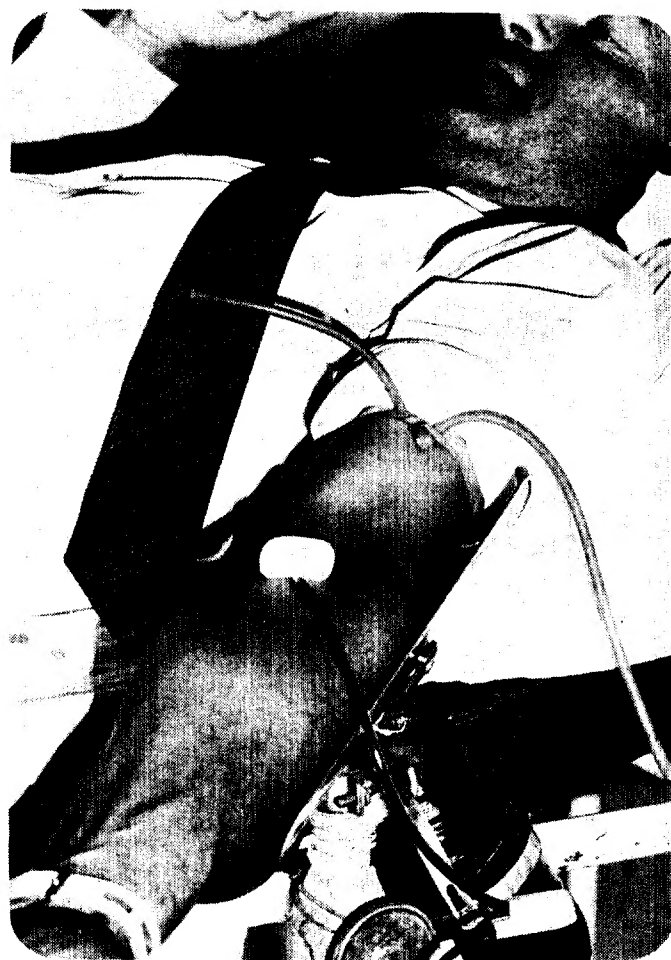
do seu sócio ausente se protificaria o dr. Madail e prestar-nos certos esclarecimentos sobre o funcionamento da sua firma. O que não interessava ao repórter. O volume de compras e vendas, sim, mas o dono da «loja» não quis argumentando que «os jornais vêm cheios de aldrabices».

Este centro tem cerca de 1 000 dadores inscritos, apuramos nós outra fonte. São remunerados regulares, entre os vinte e os cinquenta anos, nunca estiveram no Ultramar (para evitar a suspeita de que sejam portadores de algum vírus tropical), e um deles — entrou em actividades quando a unidade militar em que servia lhe deu vinte dias de licença para se recuperar duma colheita de sangue gratuita, num ano em que não teria férias — disse-nos que, em 1948, o sangue estava a 100\$00 por 2,5 dl, mas que já pouco depois o Instituto de Oncologia dava 250\$00 pela mesma quantidade. Este homem — um dos raros «O/RH negativo», de acordo com o seu talão de grupo sanguíneo — vai fazer proximamente 24 anos de «dador» de sangue.

transfusões, e qual é o sangue das transfusões? Foi esta a reserva a que teve mais vezes de responder, quando se dirigia a camaradas de trabalho pedindo-lhes que fossem engrossar os ficheiros do Grupo de Dadores de Sangue constituído na grande empresa em que presta serviço. O Grupo que se tornou depois de ter sido necessário sangue para salvar a vida dum companheiro de fábrica, vítima dum acidente, tem já sete anos e conta com mais de duzentos nomes «do administrador ao servente», organizados numa escala pela qual são chamados a dar sangue sempre que ele é preciso nalgum lado: Hospitais, INS, Oncologia, maternidades. É uma das poucas associações de dadores benévolos constituídas no país: outra, devida também ao trabalho do sr. Nicha, nos Bombeiros Voluntários de Moscavide, uma em Santarém, um grupo em Coruche, outro em organização na Lourinhã. Uma rede que se começa a formar.

O Ministério da Saúde aprovou já um projecto-tipo de Estatutos das «associações Humanitárias de Dadores de Sangue», pessoas colectivas de utilidade

E A VIDA ESTÁ CARA



E depois «parecemos mais leves, há uma espécie de alívio, de boa disposição».

pública administrativa que têm como «único objectivo a protecção de vidas humanas, por meio da doação desinteressada de sangue com fins terapêuticos a feridos e doentes seja qual for a sua nacionalidade, raça, credo político ou religioso, condição social ou económica».

EMAGRECER E ENGORDAR

É que dadores e recebedores querem muitas vezes conhecer-se antes da transfusão que antigamente se fazia braço a braço e agora do braço para um frasco que pode estar até 21 dias conservado num frigorífico e depois do frasco anónimo para a veia dum doente anónimo. Há preconceitos — que um dador entrevistado qualificou muito precisamente de «racistas» — sobre aquilo que corre no sangue das pessoas, e sobre o que ocorrerá no sangue das pessoas se ele se misturar com o das outras; e há quem pense que as vidas de certas pessoas não merecem ser salvas com o sangue de ninguém.

Conhecemos um «delinquente habitual» que tem o sério problema de saber que efeitos terão sobrevidos à destreza da sua mão carteirista depois de nela ter começado a correr o sangue de um polícia durante a transfusão que teve de fazer muito ferido, num acidente do automóvel que conduzia aquando duma pequena estadia em liberdade condicional. Idênticos os problemas do «sangue judeu». Há certamente quem pague uma fortuna por receber «sangue azul». E imaginemos que o «sangue toureiro» se transfundia... «São coisas», disse outro dador «que nos estão na massa do sangue».

DADORES ASSOCIADOS

Muita gente não vai dar sangue, disseram-nos o sr. Nicha porque pensa que o sangue doado acabará por ser vendido: os hospitais cobram dinheiro pelas

transfusões: «O senhor dirigia-se ao repórter — «também não iria a uma loja de confecções pedir que lhe dissessem o volume de vendas e o número dos clientes.» Uma questão de concorrência E só na presença

DL/DOMINICAL

REPORTAGEM

HOSPITAIS



«Dou sangue há 21 anos, vou fazer 41. Já me tiraram mais de oitenta litros» — sr. Carlos Fernandes, dador remunerado, e comerciante de profissão. «Hoje já não precisaria do dinheiro, tenho a vida regularizada. Mas vim e fiquel.»

O QUE NOS CORRE NAS VEIAS

Os médicos só conhecem uma incompatibilidade entre dadores e recebedores: a derivada do grupo sanguíneo e composição dos fluidos que se vão fundir. O resto são preconceitos e «questões de ordem psicológi-

o medo da habitação e dependência de um acto depois do qual «parece-nos mais leves, há uma espécie de alívio, de boa disposição».

Uma «questão psicológica»? Talvez não só. Dois deles, dizendo representar a opinião de numerosos colegas, dadores remu-

tuto Nacional. O mesmo acontece com as cardiopatias, o paludismo, as doenças contagiosas e as anemias.

Antes da primeira colheita, o candidato a dador tem de submeter-se a pormenorizada inspecção médica que nos centros particulares inclui uma microrradiografia pulmonar, e que em geral se compõe de auscultação, investigação da história clínica, exame da boca, pele e mucosas, medição da tensão e do ritmo cardíaco e determinação laboratorial da hemoglobina, da velocidade de sedimentação, do tempo de coagulação e da presença de sífilis no sangue.

Nas dádivas seguintes, organizada a sua ficha, o dador é sempre observado por um médico, antes de o sangue ser recolhido. É frequente nos Hospitais Cívis a reprovação de dadores por falta de condições sanitárias. A inspecção médica regular — que permitirá detectar qualquer doença e aferir do estado geral do organismo — é um dos motivos que pesam como contrapartida da dádiva benévola de sangue. Depois da terceira colheita, o dador fica com direito a assistência médica gratuita nos Hospitais Cívis, mesmo nas consultas de especialidade e nos serviços de pequena cirurgia. O benefício não inclui o internamento, mas abrange a transfusão de sangue de que o dador ou algum parente próximo necessitem.

Extraído o sangue, o dador toma uma pequena ou uma grande refeição, como desejar. Talvez não «o imprescindível bife em sangue», que é outra das falsas ideias que tingem dum tom épico ou heróico a dádiva de sangue, acto muito fácil e simples, em que «é muito raro haver desmaios» e que se pode praticar com um sorriso e de olhos abertos, como se vê nas fotografias. «Mas depois, de cada vez que lá vou» — confessou-nos o experimentado sr. Nícha — «como aí trzentas ou quatrocentas grammas de fígado na grelha, muito mal passado, só com umas pedrinhas de sal; e que bem que fico!»

«SAI MAIS CARO»

«A transfusão é a forma mais bela de verter o sangue por outro homem» — lê-se num cartaz à entrada dos Serviços de Sangue instalados no Hospital de D. Estefânia, antes dum exíguo corredor em que se apinham dezenas de dadores, a grande maioria dos quais remunerados. Benévolos, apenas uma média de 13,8 por dia (segundo os números de Junho passado, em que houve 386 dádivas benévolas e 1 374 remuneradas, correspondendo as primeiras a 184,4 litros e as segundas a 689 litros de sangue recolhido; a proporção, como se vê, é inversa da oferecida pelas estatísticas do INS, à escala nacional, que referem 63,7 por cento de sangue benévolo em 1969, quando dez anos antes era apenas 22 por cento do total).

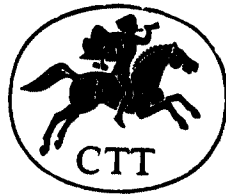
Verter o sangue por outro homem. Mas serão legítimas as reservas dos que não querem dar, gratuitamente, sangue para transfusões pagas pelo doente?

Segundo um responsável pelo serviço dos Hospitais Cívis, «o sangue benévolo acaba por sair, talvez mais caro do que o remunerado», dadas as compensações clínicas recebidas pelos dadores, as despesas com deslocações de brigadas de colheita, os encargos clínicos gerais e os investimentos em campanhas de propaganda. No preço das transfusões está incluído o sangue fornecido, mas também os serviços

SANGRIA

A sangria fazia bem aos nervos e aos hipertensos, aos congestionados e aos possessos, aos gordos e aos febris. Mais raras doenças pedem hoje como remédio «a extracção terapêutica». Quem tenha excessiva hipertensão, assim como excessiva hipotensão, não pode dar sangue, segundo as regras do Insti-

Continua na pág. 16



SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

Informação dos Correios e Telecomunicações de Portugal

O serviço telefónico aumentou durante o último ano cerca de 25 %, o que corresponde a duplicação em 3 anos.

Nos dias úteis o serviço concentra-se fortemente em períodos relativamente curtos, congestionando centrais e linhas telefónicas que, no resto do dia, têm grande parte da sua capacidade livre. Durante os períodos de congestionamento os assinantes são frequentemente obrigados a sucessivas marcações do mesmo número, o que mais aumenta a sobrecarga das referidas centrais e linhas.

Para evitar ou atenuar os elevados congestionamentos, faz-se aos assinantes o seguinte APELO:

REALIZEM AS COMUNICAÇÕES TELEFÓNICAS, SEMPRE QUE POSSÍVEL, ANTES DAS 10 HORAS E DEPOIS DAS 17 HORAS;

QUANDO OBTIVEREM SINAL DE OCUPAÇÃO, AGUARDEM 2 OU 3 MINUTOS ANTES DE MARCAR NOVAMENTE;

MARQUEM OS NÚMEROS LENTAMENTE, EVITANDO ASSIM ENGANOS QUE CONTRIBUEM PARA AUMENTAR O CONGESTIONAMENTO.

ELECTRICISTAS DE AUTOMÓVEIS

Com o Curso Industrial completo
BATE-CHAPAS

Instrução primária e prática comprovada da especialidade.

OUTROS REQUISITOS:

- Nacionalidade portuguesa
- Serviço militar cumprido ou dele isento
- Menos de 36 anos

OFERECE:

- Vencimento compatível
- 13.º mês
- Subsídio de férias
- Regalias Sociais.

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Resposta à Divisão do Planeamento do Pessoal até ao dia 30 do corrente. Edifício 25-1.º andar — Aeroporto de Lisboa.

TAP
TRANSPORTES
AERÉOS PORTUGUESES

DL/DOMINICAL

EXCLUSIVO

ECOCÍDIO

GUERRA QUÍMICA NA INDOCHINA

Desde a primeira guerra mundial, durante a qual o armamento químico foi utilizado pela primeira vez em grande escala, as armas químicas e bacteriológicas (biológicas) não deixaram de se diversificar e de aumentar de potência, enquanto os meios de as fazer atingir sobre o objectivo se aperfeiçoavam. A ameaça particular causada actualmente pelas armas químicas resulta da existência de novos compostos químicos tóxicos, muito mais potentes que os de há cinquenta anos. Visto que os agentes bacteriológicos (biológicos) existem na natureza, o crescimento da sua potência enquanto armas resulta mais de um processo de selecção que da produção de agentes inteiramente novos.

Os agentes químicos da guerra são considerados como substâncias químicas, quer

sejam gasosas, líquidas ou sólidas, que poderiam ser usadas por causa dos seus efeitos tóxicos directos sobre o homem, os animais e as plantas. Consideram-se os agentes bacteriológicos (biológicos) de guerra como organismos vivos, seja qual for a sua natureza, ou substâncias infecciosas derivadas desses organismos, que se destinam a provocar a morte ou a doença no homem, nos animais ou nas plantas e cujos efeitos dependem da sua aptidão para se multiplicarem no homem, no animal ou na planta atacada.

Além das bactérias podem utilizar-se, como armas, diversos organismos vivos: caso das rickettsias, dos vírus e dos fungos.

Neste contexto, todos estes agentes se denominaram geralmente «armas bacteriológicas».



Um pára-quedista americano examina uma bomba que não chegou a explodir.

UMA PAISAGEM LUNAR

Doze anos de pesados bombardeamentos americanos, o uso de desfoliantes e de enormes «bulldozers», para aplainar os bosques, mudaram a face da Indochina, suscitando polémicas entre os ecólogos. «Interrompeu-se o ciclo da vida vegetal», diz um perito da UNESCO. «Parece que a terra foi revolvida por um gigante enraivecido», diz um observador militar americano. Fala do Vietname, onde a paisagem parece ter-se tornado um inimigo submetido a uma sistemática destruição. Os Estados Unidos, desde o início da guerra, a pretexto de procurar atingir os vietcongs, descarregaram sobre as florestas milhões de toneladas de bombas, borrifaram do alto milhares de hectares de terreno com herbicidas mortais, aplainaram vastas áreas de selva, com gigantescos «bulldozers». Visto do céu, o Vietname

parece um território ferido de morte.

Segundo muitos cientistas, os Estados Unidos são culpados de ecocídio, isto é, da destruição propositada de um ambiente vital. Para outros,

pelo contrário, os danos causados ao território vietnamita são limitados, a ponto de não merecerem esta definição. Com efeito, como afirma o semanário *Newsweek*, até agora não foram efectuados estudos suficientes para propenderem a favor da

primeira ou da segunda tese. Porém, uma coisa é certa: os doze anos de guerra mudaram completamente a face da Indochina.

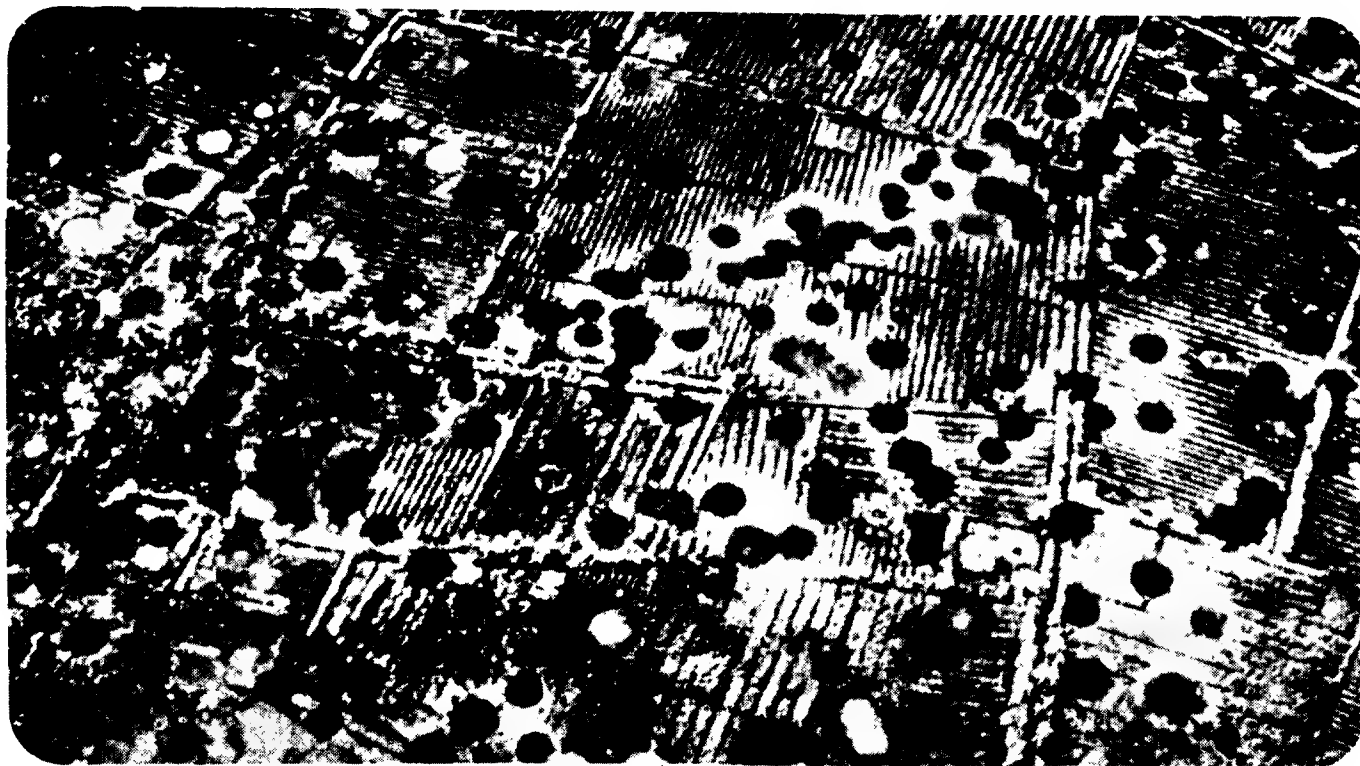
HERBICIDAS E DESFOLHANTES

Até agora, as armas mais usadas pe-

los americanos nesta guerra ecológica (como se indica no quadro respectivo) têm sido os herbicidas e os desfoliantes. Destinados a remover a camada de cobertura da selva para descobrir os movimentos

das tropas inimigas, os desfoliantes (chamado, consoante, o seu conteúdo, «alaranjado», «azul» ou «branco») foram usados pela primeira vez em 1961. Até 1970, altura em que as prementes solicitações dos cientistas obrigaram os Estados Unidos a renunciar a este tipo de armas, os pilotos americanos tinham destruído cerca de uma décima parte da terra cultivável no Vietname do Sul e cerca de um terço das florestas do país.

Há dois anos, o professor Matthew S. Meselson, da Universidade de Harvard, e um grupo de investigadores da Associação Americana para as Ciências, descobriu que cerca de metade das florestas de mangue do Vietname do Sul havia sido «irremediavelmente destruída» pelos herbicidas, enquanto que as florestas mais densas tinham resistido à acção dos desfoliantes «laranja». Es-



ECOCÍDIO. Vista aérea de uma paisagem do Vietname desfigurada pelos bombardeamentos. Dois cientistas americanos, especialistas em problemas de Ecologia, calcularam que, algures na Indochina, foram disseminados 21 milhões de crateras de bombas com uma profundidade média de metro e meio e a largura de 9 metros aproximadamente. «Os Estados Unidos são culpados de ecocídio», afirmou um daqueles cientistas.

tes, de facto, depositavam-se sobre as copas das árvores, permitindo que a vida vegetal se reproduzisse na parte de baixo.

Além dos desfoliantes, os Estados Unidos usaram também, em doses maciças, as bombas tradicionais para destruir a vegetação do Vietname. Para proporcionar aos helicópteros os necessários campos de aterragem, a aviação empregou bombas designadas por «corta-margaridas» e «hamburger» com queijo». Estas bombas feitas detonar a um metro de altura do solo, não criam crateras, mas, pelo contrário, aplanam uma superfície parecida com a de um campo de futebol. Para superfícies mais amplas são empregados «bulldozers» colossais de 32 toneladas chamados Roma. Usados vinte de cada vez, aplanaram cerca de 3150 quilómetros quadrados de território vietnamita, antes de serem retirados nos princípios deste ano.

CHUVA E INCÊNDIOS

Uma outra arma ecológica, pelo contrário, foi um malogro. Após vários anos de experiências, o exército americano, com a ajuda de peritos do serviço florestal, tentou, durante os anos de 1966 e 1967, incendiar uma boa parte da selva sul vietnamita. Estas missões, chamadas em código «Rosa pálido» ou «Floresta de Sherwood», malograram-se por um motivo simplíssimo: a

selva era demasiado húmida para arder. «Havia muito fumo», recordou recentemente um alto funcionário do Pentágono, «mas nada que se parecesse com um incêndio».

Os Estados Unidos tentaram também criar a chuva artificial especialmente sobre o trilho de Ho Chin Minh, que liga

ecológicos do Vietname, os Estados Unidos disseminaram na Indochina, durante estes anos de guerra, 21 milhões de crateras de bombas, cada uma delas com a profundidade média de metro e meio e com uma largura de cerca de 9 metros. Na zona do delta do rio Meção, segundo Pfeiffer, as crateras en-

plodem, criando, assim, vastas zonas minadas. Além disso, estas explosões violentas têm modificado a composição do solo. «As crateras das bombas os desfoliantes, os meios químicos, são perigosos para o terreno», diz A. Van Der Sluijs, geólogo da UNESCO que trabalha para o Governo sul vietnamita.

me. E, como exemplos, dão os de alguns campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, aos quais a vida custa a voltar (em Verdun, as árvores não crescem ou crescem mal «Será preciso um século», diz um perito francês, «para que estas florestas, agora tão pesadamente bombardeadas, pos-

nos sobre a ecologia do Vietname. Do desfoliante «laranja» por exemplo, disse-se que provoca defeitos de nascimento nos animais de laboratório, mas nenhum estudo foi levado a cabo sobre os efeitos que pode ter nos homens. Cientistas do Governo norte-americano, por outro lado, afirmam que a malária no Vietname do Sul diminuiu durante o ano passado e que as florestas aplainadas pelos «bulldozers» contribuíram para aumentar o terreno cultivável desta zona.

Não obstante estas argumentações há muito, porém, que dão razão aos pessimistas. Certas zonas do Vietname como as províncias de Quang Tri, Pleiku e Kontum, estão reduzidas a um estado desastroso pelos bombardeamentos, ainda que, como escreve Edmund Stillman, muito crítico relativamente aos militares americanos sobre o modo como se está a conduzir a guerra, «pareça incrível, mas o equilíbrio ecológico de uma nação é difícil de destruir». Outros afirmam que os bombardeamentos do Vietname do Sul não são piores do que aqueles que tiveram lugar, durante a Segunda Guerra Mundial, sobre Dresden ou Tóquio. Tratava-se, porém, de cidades, facilmente reconstruíveis, observa ainda o semanário *Newsweek*, enquanto que a Natureza vietnamita é um organismo delicado que, uma vez destruído, é difícil fazer ressurgir.

Existe, depois, o problema das populações camponesas: por causa dos bombardeamentos têm sido obrigadas a fugir dos campos para terminar em cidades esqueléticas. Os sociólogos afirmam que esta gente deixará de ser a mesma, gente que não conseguirá já regressar à própria terra, arruinada a tona-da estéril pelos bombardeamentos. Talvez exactamente neste facto se possa reconhecer a tragédia mais espantosa da guerra: o apogeu do ecocídio.

AS ARMAS QUE MUDARAM A FACE DO VIETNAME

BOMBAS INCENDIÁRIAS

PLANOS «FLORESTA DE SHERWOOD» E «ROSA-PÁLIDO»
Usando as bombas incendiárias de magnésio da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos tentaram, sem êxito, queimar uma boa parte da selva vietnamita.

CHUVA ARTIFICIAL

PLANOS «POPEYE» e «AMIGO MEDIADOR»
Deixando cair cristais de iodeto de prata sobre o Vietname, os Estados Unidos tentaram fazer chover sobre o fluxo de tropas e materiais que, do Vietname do Norte, se dirigiam ao Vietname do Sul.

DESFOLHANTES

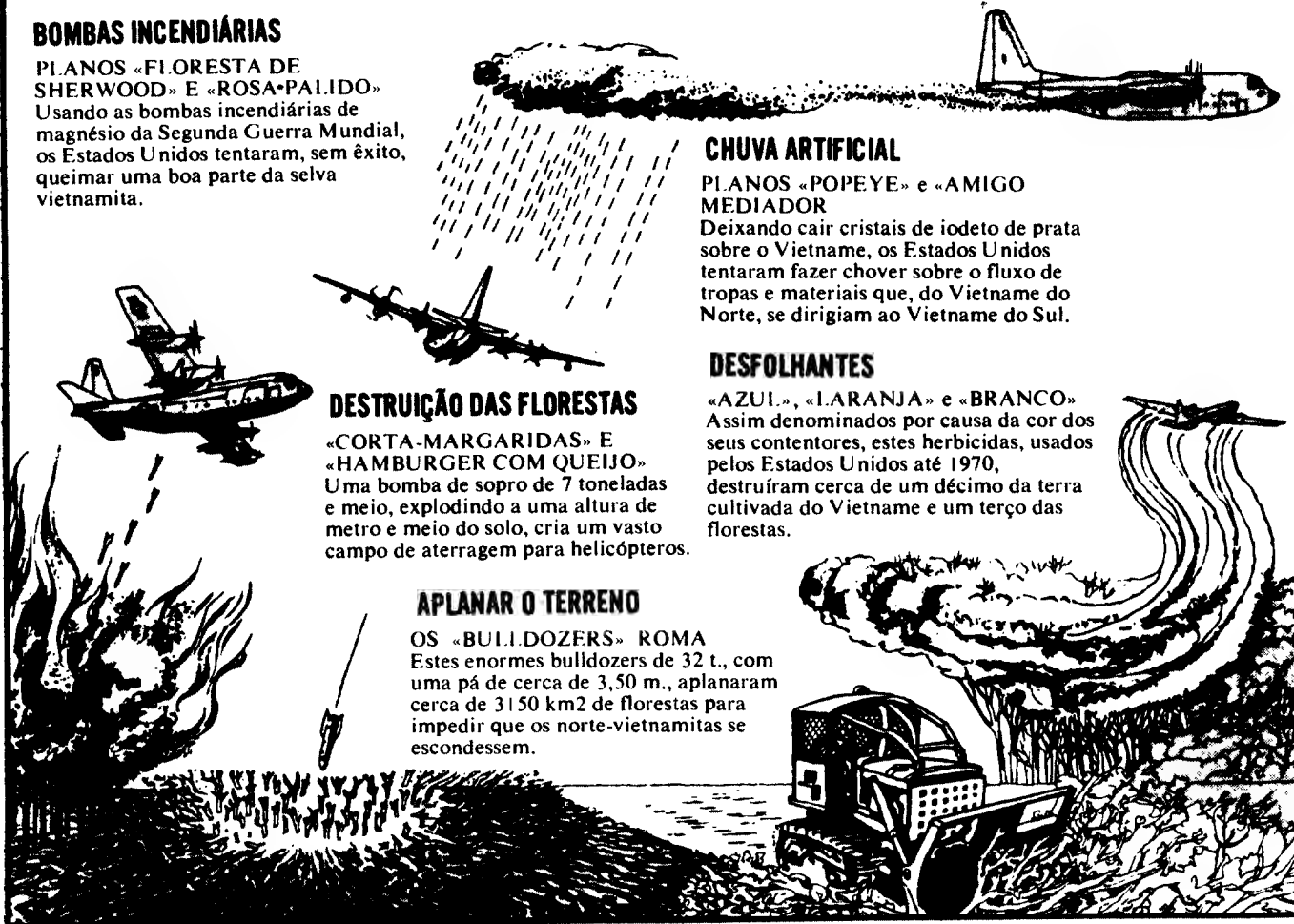
«AZUL», «LARANJA» e «BRANCO»
Assim denominados por causa da cor dos seus contentores, estes herbicidas, usados pelos Estados Unidos até 1970, destruíram cerca de um décimo da terra cultivada do Vietname e um terço das florestas.

DESTRUIÇÃO DAS FLORESTAS

«CORTA-MARGARIDAS» E «HAMBURGER COM QUEIJO»
Uma bomba de sopro de 7 toneladas e meio, explodindo a uma altura de metro e meio do solo, cria um vasto campo de aterragem para helicópteros.

APLANAR O TERRENO

OS «BULLDOZERS» ROMA
Estes enormes bulldozers de 32 t., com uma pá de cerca de 3,50 m., aplanaram cerca de 3150 km² de florestas para impedir que os norte-vietnamitas se escondessem.



o Vietname do Norte com o Vietname do Sul, mas sem grande êxito.

Estas armas ecológicas, na verdade, têm provocado menos danos do que as convencionais. Segundo os professores Arthur H. Westing e E.W. Pfeiffer, estudiosos dos problemas

chem-se rapidamente de água e nestes charcos estagnados encontram refúgio mosquitos transmissores da malária.

Os bombardeamentos maciços comportam também outros perigos. Segundo uma estimativa do próprio Pentágono, um a dois por cento das bombas não ex-

ta. «O solo é um mundo vivo quando um elemento deste ciclo é destruído, interrompe-se toda a cadeia da vida e os bosques estão condenados à morte».

Alguns cientistas estão convencidos de que as destruições da guerra criaram danos ecológicos irreparáveis no Vietna-

sam voltar à primeira forma»).

EQUILÍBRIO ECOLÓGICO

Outros cientistas, pelo contrário, não são pessimistas, e isto também porque foram feitos poucos estudos rigorosamente científicos sobre os efeitos dos bombardeamentos america-

«Progressos» realizados em seis anos pelos americanos no Vietname na utilização dos gases tóxicos, principalmente do CS e das suas variedades (CS e CS₂)

1964	1970
Granadas de mão.	Granadas de mão (3 modelos).
Granadas de espingarda.	Granadas de espingarda.
	Foguetes para morteiros com tubos múltiplos.
	Obuses de 105 mm, 120 mm, 155 mm.
	Tanques explosivos de 80 libras.
	Sacos plásticos de 10 e 20 libras.
	Jerrycan de suspensão sob pressão.
	Estojo de carga múltipla (cannister).
	Helicópteros porta-tanques (40 a 80).
	Máquina insufladora individual.
	Máquina insufladora pesada (Mighty Mite).

Categorias de agentes para a guerra química e suas características

	Estado físico a 20°C	Persistência	Estado físico no objectivo	Via de absorção eficaz	Eficaz contra
Neurotóxicos	Líquido	Fraca a elevada	Vapor, aerossol, líquido	Pulmões, olhos, pele	Seres humanos, animais.
Vesicantes	Líquido, sólido	Elevada	Vapor, aerossol, líquido	Pulmões, olhos, pele	Seres humanos, animais.
Sufocantes	Líquido	Fraca	Vapor	Pulmões, olhos, pele	Seres humanos, animais.
Tóxicos do sangue	Líquido, vapor	Fraca	Vapor	Pulmões	Seres humanos, animais.
Toxinas	Sólido	Fraca	Aerossol, líquido	Pulmões e canal intestinal	Seres humanos, animais.
Lacrimogéneos e fatigantes	Líquido, sólido	Fraca	Vapor, aerossol	Pulmões, olhos	Seres humanos, animais.
Incapacitantes . . .	Líquido, sólido	Fraca	Aerossol, líquido	Pulmões, pele	Seres humanos, animais.
Herbicidas (desfolhantes)	Líquido, sólido	Fraca a elevada	Aerossol, líquido	Folhagem e raízes	Plantas (*).

(*) Certos herbicidas, sobretudo os que contêm compostos orgânicos do arsénico, são também tóxicos para o homem e para os animais.

DL DOMINICAL

POLÍTICA

1972
VOTE

USA

O candidato democrático, George McGovern, assina autógrafos durante uma visita eleitoral



ANO DE ELE

Os norte-americanos acreditam muito em estatísticas e inquéritos à opinião pública. A julgar por um inquérito recente realizado pelo Instituto Gallup ao eleitorado norte-americano, os três anos e meio de residência na Casa Branca serviram para moldar sensíveis transformações na imagem irradiada por Richard Nixon. Ele, de tal forma assimilou os veneráveis ares presidenciais que ganhou, nesse tempo, se não a admiração incondicional da população, pelo menos o respeito de grande parte dos seus compatriotas.

Desta vez o desagradável slogan que aparecia encimando a fotografia do então candidato Richard Nixon — *Você compraria um carro usado a este homem?* — e que foi difundido pelos seus adversários em outras campanhas eleitorais, é hoje coisa do passado, assim como o não menos incómodo apodo de *Tricky Dicky* (Ricardinho dos Truques) que o acompanhou durante uma grande parte da sua vida pública.

MUDANÇA SENSÍVEL

Como é o novo Nixon? Um homem moderno, avançado, fiel aos seus princípios, dotado de singular e encantadora personalidade, simpático e bem humorado, — responde a maioria dos entrevistados no último inquérito do Instituto Gallup à opinião pública.

Sem dúvida o gabinete especial do presidente Richard Nixon trabalhou muito durante os últimos três anos e meio. Estas qualidades, noutros tempos, dificilmente se ajustariam à personalidade de um político cuja carreira, até há pouco tempo, era impulsionada mais pelo apoio que recebia de um padrinho influente — Dwight Eisenhower — do que pela popularidade. Finalmente, Richard Milhous Nixon é admirado. E, o que é mais importante muitas vezes é admirado pelas qualidades que mais pareciam faltarlhe.

Para chegar a estas conclusões o Instituto Gallup realizou uma série de 1100 entrevistas em todos os Estados Unidos. Foram ouvidas pessoas de todas as classes sociais, bem como de todas as minorias religiosas e raciais do país. Os entrevistados foram consultados sobre as realizações do Governo e a personalidade do presidente — e as suas respostas não só revelam importantes modificações na imagem de Nixon como sugerem possíveis táticas eleitorais para uso dos dois partidos.

O CALCANHAR DE NIXON

A pesquisa — aparentemente encomendada pelo Partido Republicano — revela que, na verdade a couraça de Nixon não é invulnerável. Apesar das qualidades do candidato, ele apresenta certas fraquezas por onde poderá penetrar a artilharia do Partido Democrático.

A aprovação popular às realizações do Governo de Richard Nixon baseia-se sobretudo — e talvez até com um certo exagero — nas suas conquistas internacionais, especialmente à nova tática adoptada pela Casa

Branca em relação à China e a União Soviética. Quanto aos assuntos domésticos, o número de pessoas que classifica o desempenho de Richard Nixon como «excelente» ou «bom» é igualado e por vezes até superado pelos que o julgam apenas «regular» ou «fraco». Também em matéria de política económica, Nixon obteve notas muito baixas. Por outro lado, é significativo o número de americanos que acham a política de Richard Nixon, na Casa Branca, orienta-

A dois meses das eleições em que se defrontam o presidente Nixon, candidato à reeleição pelo Partido republicano e o senador George McGovern, democrático, o eleitorado americano é consultado permanentemente por sondagens à opinião pública



Henry Kissinger, o conselheiro especial do presidente Nixon

ARMÁRIOS ROUPEIROS ESTANTES

e quaisquer outros
MÓVEIS modernos
ou de estilo, executamos por desenhos e medidas nas nossas oficinas próprias

ARTIS

Rua Maria Andrade, 64
(perto da Igreja dos Anjos)

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

PASSAPORTES

Com rapidez e economia

TRANSNAUTICA

Agência de Viagens e Turismo

R. Duque Palmela, 35/37
LISBOA

VEM A PAX!

Instituto Superior do Serviço Social

O Instituto Superior do Serviço Social é um estabelecimento particular de ensino superior que se propõe:

- formar profissionais do Serviço Social, de nível superior, com diploma e título reconhecidos oficialmente;
- contribuir para o progresso do Serviço Social por todos os meios adequados.

O curso de Assistente Social é reconhecido de nível superior (despacho ministerial de 20 de Outubro de 1961). A nota do Episcopado Português que anuncia ao País a criação da Universidade Católica menciona o Instituto como uma das Instituições que nela se inteirarão.

As matrículas efectuem-se de 1 a 30 de Setembro.

Informações pelos telefones 4 66 81 e 5 07 10 ou no Largo do Mitelo, 1.

da de modo a favorecer sempre aos ricos sem dar a devida atenção aos pobres.

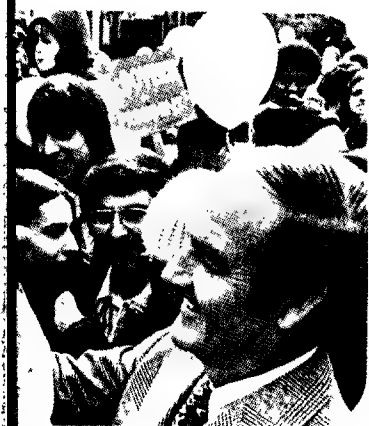
O PESO DE EAGLETON

Mas, se estes são alguns dos pontos fracos de Nixon, o inquérito revela, por outro lado, que o candidato democrata, George McGovern tem-se mostrado incapaz de os aproveitar.

A segunda sondagem eleitoral foi realizada pouco depois da revelação do passado psiquiátrico do senador Thomas Eagleton, que ainda continuava na lista de McGovern como seu vice-presidente. Os resultados re-

DI DOMINICAL

POLÍTICA



ELICÇÕES

velavam um claro declínio na popularidade do candidato democrático Nixon tinha 57 por cento das preferências, contra 32 por cento para McGovern.

A última sondagem, realizada após a designação de Sargent Shriver como novo candidato à vice-presidência, mostra nova quebra na popularidade dos democráticos — 57 por cento a 31 por cento — embora, a perda de um ponto — que não foi ganho por Nixon — possa ser considerada estatisticamente insignificante.

POPULARIDADE

No amplo inquérito do Instituto Gallup sobre a popularidade de Nixon, realizado simultaneamente à segunda sondagem eleitoral Nixon-McGovern, o que mais chama a atenção é que o presidente leva

os católicos, tradicionalmente democráticos, apoiam Nixon por 49 por cento contra 39 por cento para McGovern. Até entre os jovens — a grande esperança de McGovern — Richard Nixon ganha terreno ao candidato democrático: na faixa dos eleitores entre os 18 e 29 anos de idade, McGovern tem apenas 44 por cento das preferências, contra os 48 por cento que deverão votar em Nixon.

Na camada dos eleitores independentes, Nixon conta com 60 por cento das preferências, contra 25 por cento para McGovern.

ELEITORADO FEMININO

Outro importante sector do eleitorado, cujo apoio é decisivo a qualquer dos candidatos e cuja preferência vai para Richard Nixon: as mulheres. Neste campo o presidente tem 53 por cento das simpatias, contra 36 por cento de McGovern.

Há a considerar ainda que o típico eleitor de Nixon continua a ser o homem, protestante, suísta, com idade superior aos 30 anos, com instrução universitária e dedicado aos negócios ou a uma profissão liberal. Isto ficou provado nas campanhas anteriores do actual morador da Casa Branca.

Na verdade, praticamente a metade do eleitorado — 49 por cento — considera Nixon ou «muito próximo» ou «razoavelmente próximo» do seu ideal de presidente. Apenas 26 por cento do eleitorado diz o mesmo de McGovern. Se a pergunta é formulada de forma negativa o contraste é ainda mais forte: apenas 16 por cento encaram Nixon como um mau presidente, enquanto 36 por cento acreditam que McGovern seria um fracasso.

POLÍTICA EXTERNA

A presença de Nixon na Casa Branca é muito importante nesses índices. De facto 45 por cento, dos entrevistados pelo Instituto Gallup admitem que passaram a encarar-lo com maior simpatia depois de sua eleição para a presidência e apenas 20 por cento manifestaram-se menos simpáticos a Nixon agora do que em 1968. Os sentimentos favoráveis cresceram particularmente nos últimos doze meses, período que coincide com a nova arrancada da política externa presidencial, com viagens à China e à Rússia bem como à nova política económica do Governo. Nada menos do que 40 por cento dos entrevistados afirmaram ter agora uma melhor opinião a respeito do presidente do que há um ano.

As viagens a Pequim e Moscovo são, de longe, os acontecimentos mais populares da folha de serviços de Nixon. Estas notas são ainda mais expressivas quando comparadas com o resto do boletim de Nixon, onde prevalecem as qualificações «regular» e «fraco».

Outra grande surpresa nas entrevistas do Instituto Gallup: a política presidencial no Vietname não chega a ser condenada pelo eleitorado. De facto 49 por cento dos entrevistados classificam esta política de «excelente» ou «boa», enquanto que outros 49 por cento preferem dar à actuação de Nixon no sueste asiático, as classificações de «regular» ou «fraco». Ainda de acordo com a pesquisa a guerra no Vietname continua a ser o grande pólo das discussões, despertando grande entusiasmo no eleitorado.

AMIGO DOS RICOS

Mas, se Nixon obteve grandes notas na sua política externa, a sua actuação no plano nacional não mereceu a mesma pontuação. As suas posições quanto ao transporte escolar obrigatório para fins de integração racial mereceram apenas 28 por cento de «excelentes» e «boas», contra 61 por cento de «regulares» e «fracos». Também a «lei

e a ordem» deixaram de ser bandeira agitada por Richard Nixon: dois terços dos entrevistados consideram pobre o seu desempenho no combate à criminalidade.

No entanto, o grande fracasso de Nixon, é na política económica — custo de vida, desemprego, impostos e bem estar social: aqui as opiniões são visivelmente desvantajosas para o presidente norte-americano. Quase três de cada quatro pessoas consultadas classificaram o seu desempenho nesta área como «regular» ou «fraco».

Apesar dos esforços de Nixon para atenuar ou mudar esta imagem, uma grande parte do eleitorado ainda acredita que o Governo se enquadra no velho estereotipo republicano favorece os ricos os militares e os grandes negócios, dando pouco importância aos pobres, aos trabalhadores e mesmo à classe média.

Para McGovern, este é um ponto a explorar, embora os conselheiros de Nixon, nesta al-

tura, já estejam a procurar melhorar a imagem presidencial neste ponto.

IMAGEM FRÁGIL

Os três anos e meio passados na Casa Branca serviram para modificar radicalmente a sua imagem pessoal. Pelo menos este é o ponto do questionário do Instituto Gallup onde Nixon leva mais vantagens sobre McGovern, se considerarmos que, até 1968, a simpatia não era o seu forte.

Dos entrevistados 42 por cento classificam-no de «bom» e outros 13 por cento de «excelente» na pergunta **inspira confiança como chefe?** Quarenta por cento disseram que ele é **fiel aos seus princípios** e apenas 12 por cento o consideraram **oportunistas. Fiel, honesto, dotado de boa capacidade de julgamento, moderno e moderado** foram outras questões onde Nixon obteve as mesmas marcas.

Há porém, na imagem de Nixon, um ponto fraco por onde pode penetrar o ataque de Mc-

Govern. Quase o mesmo número de pessoas (24 por cento) o condena por **ser político de mais** e o elogia por **colocar os interesses do país acima da política** (27 por cento). Isso pode sugerir que a imagem de estadista, adoptada por Nixon, seja perigosamente frágil. Nesse ponto parece certa a tática até aqui usada por McGovern, procurando atraí-lo para a arena política, retirando-o da Casa Branca. Caso Nixon aceite o debate público com o senador democrata, ficará mais exposto ao eleitorado a sua velha imagem de político profissional e oportunista. Por isso mesmo o candidato tem relutância em aceitar um debate público com McGovern.

VANTAGEM

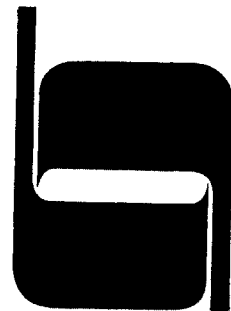
A grande vantagem de Nixon, a esta altura da campanha, ao contrário do que pode parecer, não é sobre McGovern mas sobre si mesmo. A face negativa da sua personalidade pública Nixon, o «maçador» o

«preconceituoso», o «calculista», o «hipócrita» e o «eterno vencido» quase não aparece. Estatisticamente é vislumbrada apenas em números magros, sem importância.

Quanto a McGovern, ele beneficia do facto de não se ainda bastante conhecido do eleitorado, sendo, portanto, natural as dúvidas que ainda persistem ao seu respeito. Está na sua mão, de agora em diante, modificá-las. Conseguirá?

McGovern conta ainda com as circunstâncias de, até as eleições de Novembro, a face negativa de Nixon começar a aparecer. Se Nixon continuar a ser visto mais como um estadista do que como político, se o capítulo diplomático da sua folha de serviços continuar a fazer esquecer as questões económicas do seu Governo, então as perspectivas para McGovern serão mais desoladoras do que agora. Resta saber se Nixon vai conseguir manter inalterável a sua imagem. A isso só o tempo pode responder.

este símbolo
está
onde é preciso



EM S. DOMINGOS
DE BENFICA

A partir de segunda feira, dia 18 de Setembro

* Rua Padre Francisco Álvares-1
Telefone: 780205

R. de S. Domingos de Benfica

Estrada de Benfica

Rua Padre Francisco Álvares-1 *

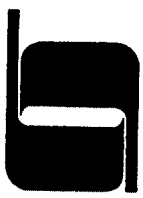
Trav. das Águas Boas

Jardim
Zoológico

Sete Rios

Agora estamos mais perto.

Queremos facilidades para os nossos clientes. Nós vamos onde eles estão. Onde precisam de dinamismo, experiência, solidez, atenções e tudo quanto temos a oferecer.



BANCO DE ANGOLA

Processos modernos. Sim ao futuro.

vantagem sobre o seu adversário em todas as camadas significativas do eleitorado.

Caso não aconteça nenhum desastre político a Richard Nixon, a sua reeleição em Novembro próximo está assegurada. A julgar pelas sondagens, várias tradições eleitorais deverão ser quebradas este ano. De facto, alguns dos habituais clientes do Partido Democrático, estão fortemente inclinados a votar no candidato republicano. Os trabalhadores por exemplo, estão com Nixon em 56 por cento contra 33 por cento. Também

DL/DOMINICAL

REPORTAGEM

SANGUE É VIDA E A VIDA ESTÁ CARA

Continuação da pág. 11

e o material despendidos. Acresce que o volume recebido por transfusão pode ser «reposto» por familiares ou amigos do doente, que não o pagará então, segundo a mesma fonte.

O doente poderá também ter já em seu nome um «depósito» no banco de sangue, válido por um ano: «um seguro valioso», nas palavras dos folhetos. Os dadores regulares do INS — que só recolhe sangue benévolo — têm assegurada a «reversão» de 50 por cento do sangue que oferecerem, no caso de virem a carecer dele, sejam quais forem as circunstâncias, segundo regras «que o Instituto procurou que fossem as mais liberais que um mínimo de prudência permitiu», no sentido de «apoiar os dadores, verdadeiros colaboradores na terapêutica dos doentes hospitalares, quando por sua vez enfrentam problemas assistenciais». Transcrevemo-las:

«A reversão individual fica definida por 50 por cento do volume de sangue doado com um certo ritmo pelo dador, anotado no certificado de dádiva ou no Cartão Nacional de Dador. A reversão colectiva reporta-se a 50 por cento do sangue doado pela colectividade. Serão dela beneficiários todos os membros do agregado do doador quer tenham ou não doado sangue, mas não abrange os

familiares daqueles que não fizeram a sua doação.

«É PRECISO GANHAR A VIDA»

«Estes quatrocentos mil réis fazem-nos falta» — diz um remunerado que, falando alto à reportagem, começou a receber remos dos benévolos que esperavam vez em D. Estefânia. «É preciso ganhar a vida», continuou o antigo soldado, agora motorista, cuja primeira dádiva remonta ao ano de 1961, quando foi preciso acudir a um ferido num acidente de guerra em Angola.

Dirigiu-se aos serviços dos Hospitais Cívicos, uma vez regressado ao Continente, e quando «um ordenado baixo e muitas necessidades» o levaram a procurar os 450\$00 de dois em dois meses. É muito fácil: observe o leitor a nossa fotografia e aperceber-se-á de como se sente bem o antigo soldado durante a extracção.

São venais estes homens? Que sentirão eles quando um corredor de hospital os confronta com os que dão aquilo que eles vendem? «Às vezes discutimos, mas são coisas que passam», afirmou um, jardineiro da Câmara.

Venais não são. Recebem mais por um frasco de sangue do que por muitos dias de trabalho, «e sempre dá para um par de sapatos». E assim como

venda, menos expressivamente, menos onerosamente, menos dificilmente, o seu sangue. Há porém quem o ofereça.

SANGUE E SUOR

O decreto-lei n.º 44 199 fixava em 200\$00 o preço de 400 cm3 de sangue. A concorrência particular obrigou depois a que a remuneração subisse. Cinquenta escudos — «não sabe bem donde» segundo os serviços de H. D. Estefânia — aumentaram a «compensação» atribuída a título de indemnização pela

perda de um ou meio-dia de trabalho, o dia da extracção de sangue. Mais tarde, vieram 200\$00, atribuídos pelo Socorro Social. Os dadores recebem assim, nos Hospitais, 450\$00, por colheita.

«Os ordenados são baixos», justificou-se o motorista da Caris. E até pudemos registar o caso dum verdadeiro dador remunerado profissional. Morreu cedo. Inscrito em vários centros de recolha de sangue, percorria-os tão depressa quanto a resistência — cada vez menor — lhe permitia. Vendeu sangue

com intervalos de horas. Chegava a deslocar-se aos hospitais regionais. A inexistência de controlo permitia-lhe a profissão.

Ganhar a vida com o suor do seu rosto ou perdê-la com a venda do seu sangue, não será apenas desigualmente mortífero?

Para evitar casos destes — e, em menor escala que o descrito, são já alguns — o sr. Niche lembrou a necessidade do Cartão Nacional de Dador, que deveria ser apresentado antes de qualquer colheita, para o respectivo registo. Esta, afirmou, a

única maneira de fazer respeitar o prazo mínimo de dois meses entre as extracções.

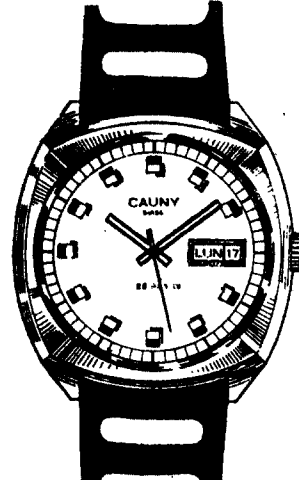
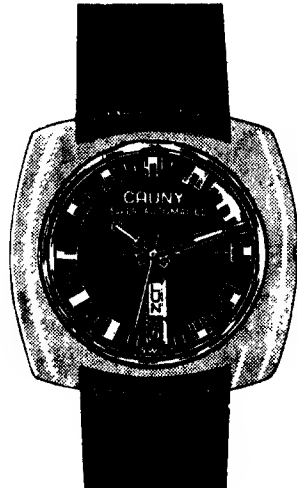
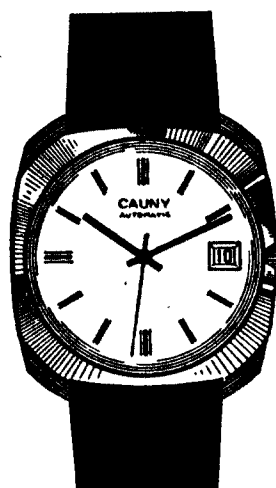
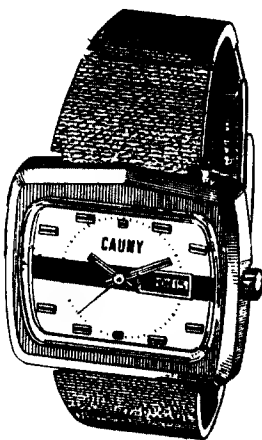
ONDE E QUANDO

Têm postos fixos de recolha de sangue quase todas as instituições oficiais de assistência hospitalar. Podem dar ou vender sangue os maiores de dezoito anos, até aos cinquenta, desde que satisfaçam o exame médico e não tenham comido gorduras até três horas antes da extracção e (as mulheres) não estejam no período de regras mensais.

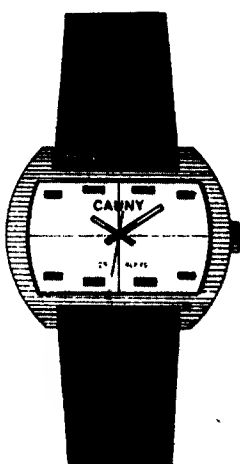


CAUNY

O RELÓGIO SUIÇO PREFERIDO POR MILHÕES DE POSSUIDORES



AUTOMATICOS - CALENDARIOS - EXTRAPLANOS - ANTICHOQUES

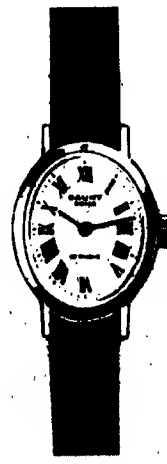


NA SUA FABRICAÇÃO SE EMPREGAM METAIS DA MAIS ALTA QUALIDADE

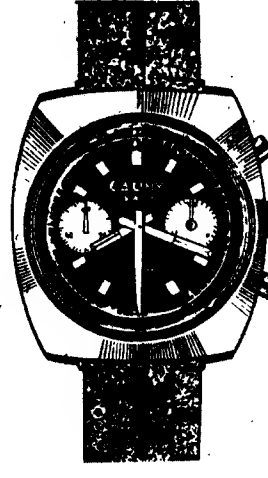
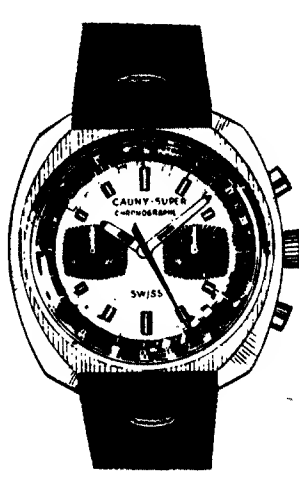
CONTROLADOS POR EXPERTOS RELOJOEIROS COM OS MAIS RECENTES APARELHOS ELECTRONICOS

CAIXAS ESPECIALMENTE DESENHADAS

NOSSA REFERÊNCIA: 600 CONCESSIONARIOS NO MUNDO



SUBMERGIVEL 100% - MOLAS QUE NÃO SE QUEBRAM - CRONOMETROS



UM NOME - UMA QUALIDADE - UMA GARANTIA

FILMODA 2

VESTUÁRIO, CALÇADO E ADORNOS

Continua aberto ao público o grandioso Salão Filmoda. Milhares de pessoas o têm visitado, admirando nos pavilhões da Junqueira quanto de melhor se produz, hoje em dia, em matéria de Vestuário, Calçado e Adornos. Não deixe de ver Filmoda-2.

Horário: 15-23 h

FIL — Feira Internacional de Lisboa

Reduza custos com cabos Solidal

ARMADOS E NÃO ARMADOS

ALUMÍNIO MACIÇO

ECONOMIAS NA AQUISIÇÃO MONTAGEM LIGAÇÃO

SOLIDAL CONDUTORES ELECTRICOS SARL

LISBOA TEL 674828 ESPOSENDE PORTO TEL 491392

DL/DOMINICAL

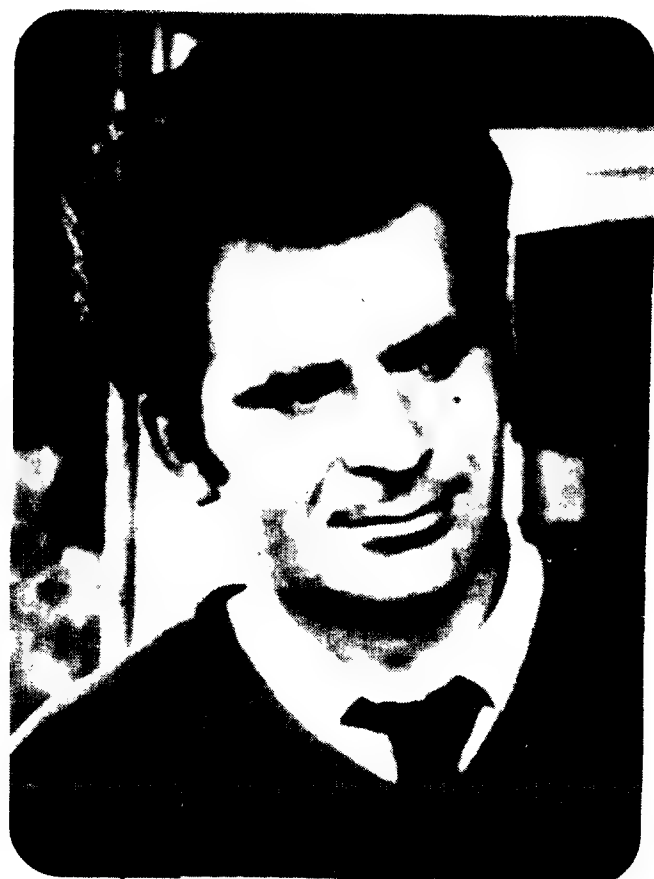
GENTE



Fittipaldi, campeão do mundo.



Mark Spitz: da natação ao cinema.



Spassky aguarda a desforra.

EMERSON FITIPALDI, o novo campeão mundial de automobilismo, é um homem de modestas ambições. Os seus maiores desejos podem deduzir-se em poucas palavras e, todos eles são facilmente realizáveis para o volante brasileiro. Para começar, Emerson deseja vencer, pelo menos mais uma vez, o Grande Prémio da Áustria, disputado em Nurburgring, o circuito que os pilotos da Fórmula-1 consideram como o mais difícil do mundo. A segunda ambição de Fittipaldi é criar, com o seu irmão Wilson, uma escola de pilotagem. Por fim, o terceiro desejo: morar numa casa de praia, tão logo abandone as corridas.

Tudo isso — disse Emerson a um jornalista de Montreal — eu gostaria de ver realizado depois de conquistar o título mundial, novamente em 1973.

RALPH GINZBURG, o ex-editor da revista Esquire — e de outras publicações menos sérias — é um homem que não fuma e não bebe. Faz ginástica todos os dias e, nos fins de semana, pratica alpinismo. Ralph é um homem casado e, segundo o testemunho da sua mulher, leva a monogamia muito a sério.

Tem dois filhos, um cachorro, gosta de pássaros, nunca passou mais de dois dias longe da mulher, toma religiosamente os seus comprimidos de vitaminas e nunca vai para a cama depois das nove horas da noite.

No mundo de hoje — convenhamos — dificilmente se encontram pessoas assim, modelares. Mas, Ralph Ginzburg está na cadeia, preso e condenado por imoralidade. E vai ficar por lá uns dois anos, longe dos seus pássaros e da sua mulher. Tudo isso porque um juiz norte-americano acha que ele não passa de um alcoiteiro e voyeur, que trata o sexo de uma forma men-

tirosa, exagerada, bizarra, perversa, mórbida e repetitiva.

Tudo começou em Junho de 1962, quando Ginzburg deixou o seu emprego na Esquire e lançou a revista Eros. Em poucos dias o Departamento dos Correios recebeu aproximadamente 35.000 queixas. E, no dia 19 de Dezembro de 1962, por ordem do então ministro da Justiça Robert Kennedy, Ginzburg foi oficialmente acusado de violar a lei Comstock, de 1873.

Nestes últimos dez anos, além da sua rotina normal, Ralph travou uma violenta luta contra a decisão, em todos os tribunais, inclusive no Supremo Tribunal onde acaba de perder a acção, tornando-se assim no primeiro americano a ser condenado por violar a lei Comstock nos 99 anos da sua existência.

Pronunciado como pornógrafo e devidamente recolhido à prisão, Ralph fez uma lista de coisas que gostaria de ter na sua cela enquanto durasse a pena. Da lista constam um par de meias brancas, alguns vidros de vitaminas E e C, uma gaita de beijos e o livro Moby Dick.

MARK SPITZ está na firme disposição de trocar o seu calção de nylon azul por uma tanga e a água azul de cloro da piscina pelos turvos rios da África. Os nadadores adversários — caso seja concretizada a troca — serão substituídos por jacarés. De facto, a exemplo do que aconteceu com Johny Weissmuller, após vencer as Olimpíadas, o nadador norte-americano Mark Spitz recebeu um convite para trabalhar no cinema, revivendo o famoso personagem de Tarzan. Em recentes declarações, Spitz pareceu confirmar a notícia, dizendo que iria abandonar o desporto amador, profissionalizando-se.

— «Dentro de quatro anos, para os próximos Jogos Olímpicos, creio que

terei perdido a condição de amador», explicou o recordista mundial, futuro astro do cinema, que brevemente, nas telas, nadará os 100 metros, sob gritos de um público temeroso de que os jacarés o devore.

BORIS SPASSKY arranjou uma excelente desculpa para explicar a sua derrota diante de Bobby Fischer: perdeu porque a sua mulher — Larissa — não estava junto dele. Reconhecendo que Fischer jogou melhor, Spassky afirmou, há dias, em Moscovo:

— Só comecei a jogar o meu jogo quando a minha mulher chegou a Rei-quejavire, mas a série já estava a meio e eu estava em grande desvantagem.

Sorrindo para a bela Larissa, Spassky completou: — «Na desforra jogarei muito melhor, com ela ao meu lado desde o princípio.

FERNANDO SILVA, o popular atleta do Benfica, não entendia bem porque os juizes continuavam a chamar a representação portuguesa para as eliminatórias dos 4x400, se ele já há muito tempo estava na pista. Até que se desfez o engano: Fernando, querendo trazer para Lisboa uma lembrança dos XX Jogos Olímpicos, trocara o seu fato de treino com outro atleta, entrando na pista com as cores da Suíça...

FERNANDO DOS SANTOS volta a estar na ordem do dia. Ele vai tourear na Nazaré, e fará o que, pensa, ainda ninguém fez, entre nós: trata-se de tourear, mas ele tem em mente fazer uma corrida completamente sozinho. O espectáculo está marcado para amanhã e talvez seja mais uma prova das que Fernando dos Santos presta para entrar oficialmente, na tauromaquia portuguesa. De resto isso não é muito importante na sua carreira, na medida em que ele regressa ao Méxi-

co no dia 7 de Outubro.

— «Para já vou tourear duas corridas na Nazaré. Na segunda delas toureiro sozinho. Não haverá cavaleiros nem forçados para estes toiros de João Ramalho (dois) e de Pedrosa (outros dois).

Fernando dos Santos mostra-se muito à vontade, já que tem treinado em ganaderias particulares, e foi ele próprio escolher os toiros. Objectivos desta corrida na Nazaré:

— «Quero mostrar à «aficion» que estou no melhor momento na minha carreira, até moralmente. Depois esta é uma praça onde já actuei há anos e onde tenho feito as minhas melhores exhibições em Portugal. Já aqui saí três vezes em ombros pela porta principal.

O regresso ao nosso país acabará por acontecer. Mas Fernando dos Santos estará ausente durante muito tempo:

— «Volto a Portugal em Março, para tourear em Lourenço Marques. Além disso penso chegar a um acordo com a empresa do Campo Pequeno para actuar na capital.»

NELSON NED



ESTE
HOMEM
NÃO
SE MEDE
AOS
PALMOS...

MEDE-SE
AS
PALMAS!



EM DOIS UNICOS ESPECTÁCULOS

NO TEATRO CAPITÓLIO

VASCO MORGADO apresenta

SÁBADO, 23 de Setembro de 1972
às 21.45 horas
Grupo B - M 10 anos

DOMINGO, 24 de Setembro de 1972
às 16.00 horas
Grupo A - M 6 anos

O ÍDOLO DAS MULTIDÕES
O EXPOENTE MÁXIMO
DA CANÇÃO BRASILEIRA

NELSON NED

acompanhado pelo seu conjunto prático

Domingo à tarde, Será será, Se as flores pudessem falar, O seu retrato, A Bíblia, Estou chorando, Da-me, Da-me, Da-me, Esquece coração esquece, Estou chorando e muitos outros.

PAQUETE «NIASSA»

Informe-se os Senhores Passageiros de que, por motivo de força maior, o Pacote «NIASSA» alterou a data de saída para cerca de 29 do corrente, devendo os bilhetes de passagem ser levantados no próximo dia 27.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

SHIANOUK: o exílio e o reino



O príncipe Norodom Shianouk acedeu à vida política do Camboja em plena ocupação japonesa (1941). Em 1947 publicou a constituição democrática de Maio e participou na luta contra o Viet-Minh. Dificuldades políticas de várias ordens levaram-no a exercer o poder pessoal durante três anos e a exigir ao governo francês a independência, exilando-se espectacularmente na Tailândia (1953). A independência ficou assegurada a partir de 1945 pelos acordos de Paris. Após um referendo triunfal, Norodom abdicou em favor de seu pai, fundou o partido da Comunidade Socialista Popular e passou a exercer o cargo de presidente do conselho de ministros. Recorrendo ao apoio dos Estados Unidos, Shianouk modernizou o país: desenvolvimento da cultura do arroz, do algodão, criação de escolas, um banco nacional, etc.. A seguir à morte de seu pai, (1960) um referendo levou-o à condição de chefe de Estado, mas não de rei (título simbólico). A partir de Janeiro de 1961, Shianouk passou a exercer simultaneamente a função de presidente do conselho de ministros até vir a ser deposto em Março de 1970 por um golpe de estado das direitas.

«O que me interessa não é saber se o Camboja será comunista ou não-comunista. Aquilo que me interessa é a independência do Camboja no verdadeiro sentido internacional».

O príncipe Shianouk salientou que isto para ele é mais importante do que a sua própria posição relativamente ao futuro do Camboja. Exilado em Pequim desde que foi deposto por um golpe de estado das direitas em Phnom Penh (Março de 1970), o príncipe Shianouk concedeu recentemente esta entrevista a uma equipa de reportagem em digressão pela China, constituída por Roderick Beaton, H. I. Stevenson e Wilbur Landrey. O encontro do príncipe com os jornalistas decorreu na antiga Embaixada francesa em Pequim.

Shianouk falou num inglês fluente mas com pronúncia francesa, durante a entrevista que durou uma hora e cinquenta minutos. Por vezes batia com a mão sobre o braço da cadeira onde estava sentado, a fim de sublinhar as suas afirmações. Por trás, numa grande sala de visitas, viam-se nas paredes os seus próprios retratos e os dos presidentes do Partido Comunista chinês, Mao Tsé Tung.

«Os comunistas gostam

de se verem livres de mim» disse «mas a necessidade faz lei. Talvez durante alguns anos continuem a precisar de Shianouk, depois disso nada sei. O presidente John Kennedy, quando foi eleito, não podia saber que seria assassinado».

Insistiu, constantemente, em que o presidente Nixon tem de retirar completamente os Estados Unidos da Indochina e deixar de apoiar os «governos fantoches» no Camboja, no Vietname do Sul e no Laos. Só depois poderá haver paz.

Os «Khmer Rouge» (comunistas cambojanos) haviam-no informado que queriam que ele continuasse como chefe do Estado, até à morte. Mas, e o que é mais importante, prometiam-lhe:

«Nunca venderemos a independência da nossa nação ao Vietname do Norte, à China ou à Rússia» — observou.

A China, por seu turno, prometera-lhe não interferir nos assuntos de «um Camboja não-alinhado» — prosseguiu.

Falando do seu próprio futuro, foi fatalista e sombrio:

«Os comunistas formam uma parte importante da Frente Nacional Unida do Camboja». A certa altura

explicou:

«Haverá uma guerra civil se eles tentarem tomar o país. Não posso afirmar que esteja completamente confiante. Não confio em absoluto nos comunistas».

A GUERRA NA INDOCHINA

Uma mulher cambojana, vestindo uma comprida saia preta e blusa bordada, circulava na sala com uma bandeja com bolos de mel, caviar e amêndoas frescas.

Interrogado sobre o curso da guerra na Indochina, o príncipe respondeu:

«O presidente Nixon tem nas mãos a chave do termo da guerra na Indochina. Tudo agora depende dele: Terminar a guerra neste momento, ou dentro de alguns meses ou mesmo alguns anos. Os combatentes da resistência da Indochina têm de admitir que não podem derrotar uma potência tão grande como são os Estados Unidos».

«Não somos hostis aos norte-americanos, apenas queremos a devolução da nossa independência nacional. No Camboja, no Laos e no Vietname do Sul, não podemos declarar que os povos têm uma independência nacional, e visto que os Estados Unidos estabeleceram regimes «fantoches» e controlam, de facto, os assuntos oficiais do Camboja, do Laos e do Vietname do Sul».

«A nossa ambição não é infligir aos Estados Unidos qualquer humilhação. Queremos que eles retirem não só as suas forças armadas, e as forças armadas satélites não indochinesas, mas que suspendam a ajuda dada aos regimes de Saigão, de Phnom Penh e de Vientiana. Queremos também que os Estados Unidos nos permitam a nós, povo indochinês, que resolvamos os nossos próprios problemas sem intervenção de fora».

«Existem em Phnom Penh, em Saigão e em Vientiana regimes que não representam de qualquer modo as aspirações do nosso povo. Não podemos, por isso, aceitar a chamada política de vietnamização de Nixon».

A PAZ NO CAMBODJA

Shianouk referiu-se seguidamente às viagens do presidente Nixon a Moscovo e Pequim:

«Como diriam os franceses, não conheço os segredos dos deuses. Estes deuses são Washington Pequim e Moscovo. Para a China, a solução de problema indochinês é ainda mais urgente do que a própria questão da Formosa».

«A China pode ser paciente frente ao problema da Formosa, porque não existe qualquer guerra relacionada com ele. Penso que os assuntos internos dos Estados Unidos podem ter uma influência na política do presidente porque se verificam problemas sociais, financeiros e descontentamento em muitos círculos da nação. Parece que cada vez maior número de norte-americanos desejam o fim da guerra do Vietname».

O pensamento do príncipe sobre a situação política no Camboja, bem como as relações internacionais do seu país, foi objecto de várias perguntas. Eis o resumo das principais posições de Shianouk:

P. — «Então, como estabelecerá a paz no Camboja? Teria de ser uma vitória militar?»

R. — «A longo prazo, estamos convencidos de conseguir derrotar Lon Nol e o seu grupo. Apenas os aviões norte-americanos e

a intervenção das forças terrestres de Saigão nos impedem de tomar Phnom Penh. Mas um dia o conseguiremos. Não aceitamos qualquer solução política com Lon Nol. E, como tal, nunca aceitaremos qualquer compromisso ou conversações com o seu grupo. Nunca, jamais».

«Continuaremos a guerra contra Lon Nol até que o seu grupo seja varrido e até voltarmos a estabelecer a minha legitimidade em Phnom Penh».

«Os maiores fornecedores em matéria de quantidade — acrescentou — são os Estados Unidos: Destinam-se a Lon Nol e Van Thieu, mas apreendemos-lhes muitas, muitas armas».

«E compramos ainda algumas armas especiais das forças de Saigão. Em Neak Luong há uma base, a 50 quilómetros de Phnom Penh sobre o rio Mecão. Os homens de Saigão vendem lá algumas armas, certo material aperfeiçoado de fabrico norte-americano. O chefe do Governo chinês, Chou En Lai, deu-nos dólares para comprarmos, não só as armas aperfeiçoadas no próprio local, como também medicamentos e equipamento para os nossos hospitais. Mesmo os oficiais de Lon Nol vendem-nos equipamento e medicamentos em troca de dólares. O que querem são dólares».

COMUNISTAS NO GOVERNO

P. — «Sente-se muito seguro de que, no caso do seu Governo voltar a ser imposto no Camboja, que não será efectivamente tomado pelos comunistas? Voltando para a História, na Coreia, no Vietname, como pode estar confiante em que um Governo independente pode ser estabelecido no Camboja sem que caia nas mãos dos comunistas?»

R. — «Não posso afirmar que esteja muito confiante. Não confio nos comunistas até esse ponto, mas, como sabem, tenho que ter certos factos em conta. Primeiro, os comunistas cambojanos parecem ser auto-independentes. Confesso que 10 membros do meu Governo que se encontram no Camboja são comunistas e apenas um é não-comunista e esse é meu primo».

«O que me interessa, porém — prosseguiu — não é saber o Camboja será ou não comunista depois da guerra. Aquilo, que me interessa, aquilo que para mim é importante, é a independência Cambojana no sentido internacional. Pode haver um comunista no Camboja, nos assuntos internos, mas num Camboja independente a um nível internacional, pode acontecer o mesmo que na Roménia».

Temos ainda a Jugoslávia, que não é apenas independente da Rússia, mas é não-alinhada. Do mesmo modo, também poderemos ter um Camboja à moda jugoslava».



**JOÃO JOSÉ GOMES
DE ARAGÃO TEIXEIRA**

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua família participa que amanhã, dia 18, pelas 19 horas, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, será rezada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo a todos aqueles que manifestaram o seu pesar e que por desconhecimento de moradas o não faz directamente

ACCÕES

Antes de comprar ou vender leia o livro «O interesse da Bolsa». Nas principais livrarias de Lisboa

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

TÉCNICOS DE PLANEAMENTO

Aceitam-se candidaturas para provimento de vagas nas categorias de técnico e adjunto técnico nas Caixas de Previdência e Abono de Família dos Distritos de Aveiro, Guarda, Ponta Delgada, Portalegre, Santarém, Viseu, Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

Os candidatos deverão preencher os seguintes requisitos:

Idade compreendida entre 21 e 40 anos;

Habilitações:

Técnico: Licenciatura em Direito, Economia, Finanças, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina e diplomados deste Instituto e dos Institutos de Estudos Sociais e Instituto Económico e Social de Évora, Engenharia Civil, Arquitectura e Matemáticas.

Adjunto Técnico: 3.º ciclo liceal ou equivalente.

Os requerimentos, em papel comum, devem ser remetidos às instituições referidas ou à Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família (Av.º Manuel da Maia, n.º 58-2.º, em Lisboa) até 6 de Outubro de 1972.



FUTEBOL EUROPEU: GUERRILHAS ABERTAS EM TRÊS FRENTES

Depois do Benfica do Sporting e do Vitória de Setúbal, cabe esta semana ao Futebol Clube do Porto e ao Desportivo da Cuf a obrigação de entrarem na «dança» do futebol europeu, defrontando o Barcelona (nas Antas) e o Racing White (em Bruxelas), respectivamente. Ambos os encontros realizar-se-ão na próxima quarta-feira, sendo o do F.C. do Porto pelas 21 e 30 horas e o do Desportivo da Cuf às 20 horas.

Que sorte espera estas duas equipas portuguesas? Para responder a esta pergunta, teremos de esperar até ao final da eliminatória. No entanto, pela sorte do sorteio e pelo valor das quatro formações intervenientes, qualquer vaticínio é susceptível de falhar. Assim sendo (e numa primeira análise) a mais prejudicada pelo sorteio de Zurique foi a turma nortenha: pois lhe «calhou» um adversário de bastante valor, com «nome europeu» e que alimenta fortes esperanças de conquistar o troféu em disputa. No que diz respeito ao «onze» português, este encontro não vem na altura ideal, pois a equipa ainda não se encontrou e há muitas arestas ainda por limar. Fernando Riera tem diversos problemas a resolver, pelo que o favoritismo da eliminatória tem de pender levemente para a turma espanhola.

No entanto, é de esperar que o Futebol Clube do Porto tente tudo para contrariar, não apenas o favoritismo que está encostado à turma do Barcelona, mas também a má sorte que costuma ter nestas andanças europeias. Para isso conta, muito naturalmente, com o apoio incondicionado dos seus adeptos: que poderão, em boa verdade, ajudar os onze ou doze ou treze jogadores da camisola listada

azul e branca a «construir» um resultado que seja tranquilidade para o jogo da segunda «mão». Nisso confiamos.

No que diz respeito ao Desportivo da Cuf (muito mais favorecido pelas estrelas da sorte) terá de, na quarta-feira, salvaguardar todas as esperanças que naturalmente alimenta, no sentido de resolver no Barreiro (no seu belo estádio) a sorte da eliminatória. «A priori» a turma belga está perfeitamente ao alcance da equipa que, no nosso último campeonato, se classificou em quarto lugar. E a qualificação tem de começar a ser cavada no campo do adversário, conhecida como é a tendência da turma fabril em conseguir melhores resultados em casa dos contrários do que no seu próprio relvado.

Que se espera (e pede) pois à equipa orientada por Fernando Caiado? Que se apresente em Bruxelas consciente do seu real valor, se esqueça que está num torneio europeu de muita responsabilidade e jogue o que realmente sabe jogar. Se conseguir reunir a estes três pontos a vontade e a determinação de que os seus jogadores são capazes, estamos em crer que o Desportivo da Cuf pode afastar da «Taça UEFA» a equipa que tem Merckx co-

mo «patrão».

Refira-se, a propósito, que o Desportivo da Cuf viajará amanhã para Bruxelas, saindo da Portela de Sacavém às 14 e 30 horas, com escala em Londres. Só depois do jogo de hoje, contra o Montijo, Fernando Caiado indicará os nomes dos 16 jogadores que constituirão a comitiva.

QUANDO OS JOGOS DA 1.ª MÃO JÁ DIZEM MUITA COISA...

É verdade que sim: quando os jogos da 1.ª mão já dizem muita coisa isso significa que alguns clubes se podem considerar desde já presentes no próximo sorteio. Sem procurarmos adivinhar o futuro, citaremos alguns clubes que podem encerrar, com certo optimismo, o jogo da segunda «mão».

TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

Sem falarmos do Benfica (que tem obrigação moral de «cilindrar» na Luz um Malmoe de plano muito secundário), julgamos que o Gornik Zabrze (da Polónia) tem tudo a favor e nada contra para continuar na prova. E, isto porque venceu o seu adversário, o Sliema Wanderers (de Malta) por 5-0. Agora, no seu relvado, as dificuldades irão ser muito menores e o somatório de golos a favor crescerá assustadoramente...

Também o Arges Pitesti (da Roménia) está nestas condições: é certo que a vitória alcançada no jogo da primeira «mão» não é tão gorda, mas os 2-0 conseguidos no campo do adversário (o Aris, do Luxemburgo) empresta-lhe todo o favoritismo. Aliás, foram estas equipas as únicas a vencerem fora, na primeira «mão» da



Anastasi, o célebre avançado do Juventus de Turim em acção durante o jogo disputado frente ao Olympique de Marselha. O encontro, realizado na cidade francesa, contava para a 1.ª eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus» e terminou com a derrota dos italianos por 1-0.

eliminatória inicial.

Porém, se alguns clubes não venceram este primeiro confronto merecem, igualmente, todo o favoritismo: está neste caso o Bayern (de Munique) que foi empatar a um golo ao campo do Galatasaray (da Turquia) e o Panathinaikos (da Grécia) que, embora perdendo por 1-2, na Bulgária, pode considerar-se com valor suficiente para, em Atenas, se qualificar. Dos que jogaram e ganharam em casa é de considerar o Real Madrid que, vencendo por 3-0 o Keflavik (da Islândia) leva para a terra do frio vantagem suficiente para não permitir um «aquecimento» dos locais. O Magdebourg, da Alemanha Oriental, transporta para a Finlândia uma vantagem de seis golos. Nestas circunstâncias, quem vai aventurar uma surpresa que seria uma recuperação?

TAÇA DOS VENCEDORES DAS TAÇAS

Curioso: nesta competição, nenhum clube conseguiu vencer no campo do adversário. E, enquanto se espera que o Sporting tenha capacidade para defender em Edimburgo a vantagem (magra) conseguida em Alvalade, todos esperam que o 0-0 registado no Rapid de Viena - Paok Salónica, venha a beneficiar a turma

grega. Por outro lado, os empates alcançados pelo Leeds de Inglaterra, pelo Besa da Albânia e pelo Wrexham do País de Gales (todos por 1-1) fazem crer que os jogos da segunda «mão» servirão apenas para confirmar as suas qualificações. De notar, ainda, o caso do Aatvidaberg (da Suécia) que, embora vencido no primeiro confronto, conseguiu marcar três golos à defesa do Burges da Bélgica: três remates que podem vir a pesar muito no conjunto da eliminatória, já que o grupo sueco entra para a «segunda parte» deste jogo, apenas com dois golos de vantagem...

Goleadas? Apenas são de registar a do Karal Zeis da Alemanha Oriental ao Mikeli da Finlândia (6-1) e a do Hibernian de Malta ao Pezoporisksa de Chipre (4-1). Os encontros da segunda «mão» não lhes devem trazer contrariedades de maior.

TAÇA UEFA

Ainda com alguns jogos referentes à primeira «mão» por realizar, devemos considerar desde já o Vitória de Setúbal a salvo de qualquer surpresa: cinco golos de vantagem é margem suficiente para José Maria Pedrito deixar de pensar nesta eliminatória.

E, enquanto se espera pe-

los resultados do F. C. do Porto e do Desportivo da Cuf, vejamos quais os clubes que têm todas as hipóteses de passarem esta barreira.

Em primeiro lugar, o B. S. Zagora, (da Bulgária) que ganhou no seu campo por 7-0 ao Austria (de Viena). Depois, o Slovan (de Bratislava) que goleou o Voyvodina (da Jugoslávia) por 6-0. Sem falar do Feyenoord (Holanda) que marcou nove golos ao Rumelange, do Luxemburgo. Ou do Borussia que venceu no campo do Aberdeen (Escócia) por 3-2, do Tottenham (de Inglaterra) que foi vencer o Lyn (à Noruega) por 6-3, ou ainda do Valência, (de Espanha) que foi empatar (2-2) ao relvado do Manchester. Afinal, o mesmo resultado que o O. F. K. Belgrado foi «comprar» ao Dukla de Praga. E não nos podemos esquecer, igualmente, dos 6-1 do Inter ao La Valette (de Malta).

Enfim: esta primeira «mão» das três frentes ao futebol europeu, forneceu-nos já algumas indicações preciosas, embora ainda estejamos no princípio e a selecção de valores esteja por pares. Porque, lá para a terceira eliminatória, já não acontecerão resultados tão desnivelados a deixarem despavorecer os favoritos mais favoritos...

Colectividades Populares

Colectividade modesta, o Sport Lisboa e Amoreiras tem, no entanto, a sua sede instalada num moderno edifício de oito andares: o n.º 11 da Rua de Campolide. Merece (pois) a pena saber como se processou a vida do clube desde a fundação até aos dias de hoje. E, para contar a história, nada melhor que ouvir um dos fundadores: precisamente o sr. Raul Sustelo, actual presidente da direcção. Diz ele:

«Um grupo de dez amigos aqui do antigo Campo Aliança, e que frequentava o também antigo Campo das Amoreiras do Sport Lisboa e Benfica, resolveu fundar uma colectividade, a que deu o nome de Sport Lisboa Amoreiras. Isso foi há um bom par de anos em 5 de Janeiro de 1934. Infelizmente, cinco dos fundadores já não pertencem ao número dos vivos.»

E continua: «Estivemos durante alguns anos sem sede própria. Conseguimos mais tarde alugar uma casita na Vila Raul, pela qual pagámos uma renda de 150

SPORT LISBOA AMOREIRAS: DIRECÇÃO PEDE SILÊNCIO

escudos. Passámos, depois, para o edifício que haveria de ser demolido para se erguer este onde hoje nos encontramos. A renda era de 350 escudos e não havia outros inquilinos. Apenas, por baixo, uma farmácia e uma padaria. Quando o prédio foi para demolição solicitámos que no novo edifício permanecesse a nossa sede. E recebemos 70 contos pelo tempo que estivemos na rua.»

E a altura de esclarecer o leitor mais surpreendido pelo período inicial da reportagem: o Sport Lisboa e Amoreiras não ocupa os oito andares do imóvel. Apenas o primeiro do lado direito. Estava bom de ver, não?

Aos 70 contos recebidos juntaram-se mais 100 angariados à custa dos esforços que se calculam: era o «sinal» para a compra do andar que iriam ocupar. E, onde estão há quatro anos, aguardando a conclusão do negócio. Aqui, paremos um pouco.

Após um momento de reflexão, decidimos atender o pedido

da direcção do Amoreiras: não tocar por ora na estranha negociação que envolve a aquisição do andar. Os leitores perdoar-me-ão a «traizãozinha» que lhes faço se atenderem acuradamente a colectividade poderia perder com a divulgação dum assunto que está entregue a um tribunal. Bem gostaria de tornar pública a falta de palavra e a desmedida ambição de enriquecimento à custa do trabalho alheio por parte de quem se calcula. Paciência, fica para outro dia. Voltamos a ouvir o sr. Raul Sustelo:

«Neste momento devemos ter uns 300 associados a pagarem mensalmente de 2\$50 a 7\$50. Além da quotização, arranjam-se mais uns dinheirinhos na exploração do bufete, nos matráculos e nos jogos de mesa. Por outro lado, temos uma despesa fixa de quase dois mil escudos com água, gás, electricidade, telefone, serviços de limpeza e de bufete. Mesmo assim, conseguimos equilibrar as finanças a ponto de termos no banco Esc. 50.435\$90.»

Casa pequena, a sede da agremiação não permite abundância de actividades:

«Praticamos oficialmente o ténis de mesa em todas as categorias. Queremos agora começar com o andebol, mas temos grande dificuldade com o recinto para os treinos. Não se apercibe como uma zona tão povoada como esta não dispõe de um pavilhão gimdesportivo. Sendo assim, temos de ir para o da Ajuda...»

Os dirigentes aproveitaram um terraço de que dispõem nas traseiras para aí erguerem uma sala de convívio e um gabinete para a direcção: e lá se foram mais 40 notas de mil. Em contrapartida, os subsídios:

«Recebemos 30 contos da Câmara Municipal de Lisboa e 10 do Governo Civil. A Câmara ofereceu-nos também uma biblioteca.»

Natal: tempo de festa.

«Todos os anos damos um bocado aos pobres. Nesse acto de boa vontade muito nos ajuda a sr.ª D. Hortense, uma amiga de todos os momentos que chama

ao seu cuidado a organização do bado e a escolha dos necessários.»

Necessitados somos todos. Uns mais que outros, apenas. Não será necessitado o sócio que se dirige ao clube a fim de tomar o seu banho? Quantos anos terão ainda de passar até existirem casas de banho para todos? Muitos, certamente, e para alguns vai servindo o chuveiro do clube da sua área (se este o tiver, está bom de ver). No Amoreiras, o banho fica por 1\$50 ou 2\$50, conforme for utilizada água fria ou quente. Mas, há

mais «necessitados». Por exemplo: os «amadores» do ténis de mesa.

«Há jogadores que se vão embora por não lhe podermos pagar. Pois se há clubes que lhes pagam 10 contos pela assinatura da ficha e 750\$00 por mês!»

Com isto terminamos, economizando comentários que se afirmam dispensáveis. Fica-nos «atravessado» o tal negócio do andar... Que raiva!

Texto de
ALEXANDRE PAIS

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.ºs Clientes que, amanhã, dia 18 faremos o nosso serviço habitual de Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES, em virtude da Sala «COZINHA VELHA» se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.

A DIRECÇÃO

DL/DESPORTOS

JIM RYUN DIZ ADEUS AO FALSO AMADORISMO

O norte-americano Jim Ryun, recordista mundial dos 1.500 metros e da milha, foi derrotado, em Londres, na sua primeira corrida depois das olimpíadas e admitiu estar «interessado» em se tornar profissional.

Na prova da milha, disputada num torneio internacional de atletismo que teve lugar no Crystal Palace, Ryun foi creditado de três minutos 57,4 segundos, atrás do neo-zelandês Tony Polehill, que fez menos quatro décimos de segundo.

Depois da corrida, Ryun revelou que a Associação Internacional de Atletismo dos Estados Unidos (um grupo profissional) está interessada em o contratar.

Pode-se dizer que estou verdadeiramente interessado, porque já é tempo de eu ganhar algo com o desporto — declara-

rou Ryun, acrescentando:

Porém, não vou tomar qualquer decisão apressada. Há ainda muito que conferenciar. E, espero que se faça algo para tornar o atletismo um desporto aberto.

Ryun, cuja última oportunidade de honras olímpicas («Em 1976 já estarei demasiado velho») nas suas próprias palavras se desfizeram em Munique, quando caiu durante a disputa das séries dos mil e quinhentos metros, desapontou, no seu reaparecimento, a multidão que enchia o estádio por completo.

Nesta prova da milha, em terceiro lugar ficou o inglês Ray Smedley, com 3-59, e em quarto, com 4-01,5, o norte-americano Dave Wottle, campeão olímpico dos oitocentos metros.

Ryun — que estabeleceu o

seu «recorde» de 3-33,1 há cinco anos, declarou encontrar-se de momento completamente desiludido com o atletismo.

No que diz respeito ao atletismo, de momento não tenho qualquer motivação disse Ryun, que em Munique indicou estar seriamente a estudar o seu futuro no atletismo.

Por contraste, o antigo campeão olímpico dos quatrocentos metros barreiras, o inglês David Hemery, decidiu-se em definitivo. Hemery, que depois de ganhar uma medalha de bronze em Munique anunciou que ia abandonar o desporto, venceu a sua última corrida, fazendo o melhor tempo do ano na distância pouco vulgar dos trezentos metros barreiras, com 34,6 segundos, contra 35,4 do seu compatriota Alan Pascoe, que ficou em segundo lugar.

ÍDOLOS E HERÓIS

Ainda sobre Munique e os seus Jogos Olímpicos se não disse (nem dirá) tudo. Também não serei eu que vou terminar a história dos discutidos jogos. Duvido (mesmo) que alguém um dia o consiga fazer. Interessam-nos, a nós, os reflexos dos referidos jogos. Daí (sim) poderemos tirar algumas conclusões e proveitos.

Pois de Munique continua a falar-se. E o que por lá se passou não vai tão depressa esquecer-se.

Na expectativa, e enquanto

vos heróis dos tempos modernos. As grandes figuras da humanidade não podem (por vergonha) rivalizar com a sua popularidade.

Se está bem ou mal não sei. Ou antes: não quero saber. Mas, uma coisa é certa: devemos tentar a «fabricação» desses seres «superiores», dessas supervetadas capazes de assombrarem a visão e a mente de qualquer ser terrestre. Entretanto, convinha que se agisse com rapidez, pois contando com a evolução actual, qualquer dia podemos ter

instrutores e treinadores vão, em breve iniciar, segundo o programa dos nossos responsáveis, uma obra que só peca pelo atraso. Mas, vale mais tarde do que nunca...

Porém, gostava de fazer uma sugestão: às nossas actuais vedetas, ávidas de facilidades para poderem fazer alguma coisa digna de se ver, podia-se (talvez) investi-las em cargos que outros menos capazes terão maiores dificuldades em desempenhar. Como exemplo dessas facilidades: os Vicências da natação, os Filipos Abreus ou as Manueles da ginástica, as Sobrais ou os Mamedes e os Carlos Lopes do atletismo, todos esses e mais aqueles que mostrassem capacidade, valor e noção de responsabilidades. Todas essas esperanças actuais, que estão a um passo de se perderem (como tantas outras) não poderiam formar uma primeira escola do ensino desportivo? Claro que os seus deveres e responsabilidades não seriam termos sem significado. Mas, às exigências de deveres e responsabilidades, o correspondente estímulo (necessário) não deveria também ser esquecido...

E, para não cair em qualquer mal entendido nas funções a atribuir: aos credenciados professores do INEF, nas suas especialidades, ficava-lhes a difícil obrigação da escolha e aperfeiçoamento dos mais aptos. Melhor dizendo: das futuras vedetas. E que, sem bons mestres, não pode haver bons alunos. **Faço-me entender?**



Por LÚCIA FARIA

RECORDISTA INTERNACIONAL DE ATLETISMO

decorriam os preparativos das Olimpíadas, o tabuleiro de xadrez pôs frente a frente russos e americanos. Do duelo (pacífico) saiu vencedor (sem discussão) o representante do Tio Sam. Daí o aparecimento de um novo herói da América: Fisher. Só os heróis têm honras como as que foram previstas e realizadas em homenagem ao novo ídolo das terras do dólar. No tabuleiro do xadrez, a América marcava dois pontos no jogo da superioridade mundial.

Logo a seguir, aquele judeu (perdão, americano) que depois seria apelidado de «peixe-dourado», cumpre uma promessa difícil de acreditar (mesmo sendo da terra do dólar que tudo vence): sete medalhas de ouro e sete «records» do Mundo. Uma superioridade tamanha é (realmente) digna de todas as elogiosas referências. Não há dúvida: se Spitz quando se formar (dentista) for assim tão bom, vai (com certeza) ter uma clientela superior à das nossas emissões especiais de moedas de cinquenta escudos.

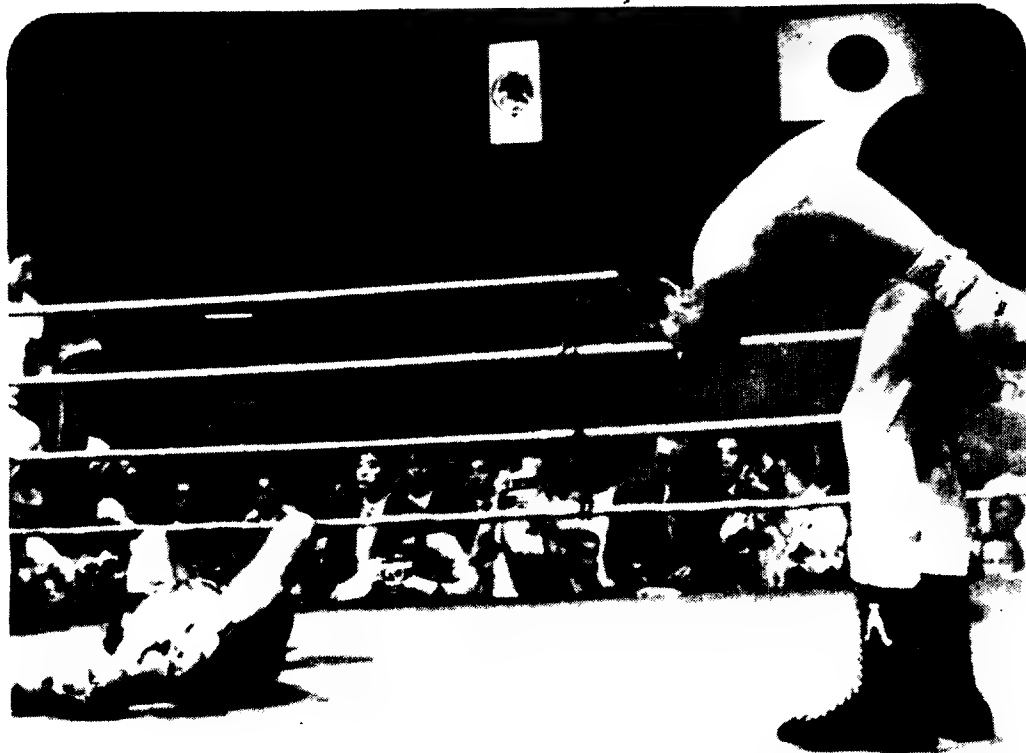
Ele impressionou o Mundo. Impressionou-nos a todos. A sua proeza quase abafa todos os outros grandes feitos, quer individuais quer colectivos, dos jogos de Munique.

Fisher, Spitz e Companhia, são bem os novos ídolos, os no-



Shane Gould: na Austrália começa-se de pequenino

O FIM



Após o soco decisivo, o regresso à posição vertical. Os fotógrafos registam a imagem que anula o sonho do pretendente japonês Susume Okabe, batido por K.O. ao 12.º assalto, pelo campeão mundial dos leves, o mexicano Ricardo Arredondo.



Após a debandada geral, o regresso à normalidade. Os operários remendam os buracos no relvado olímpico, anulando as marcas do disco, martelo e das patas dos cavalos participantes no «Grande Prémio das Nações»

PESSOAS E FACTOS * PESSOAS E FACTOS

DISCIPLINA

Por motivos de disciplina, a direcção da Portuguesa de Desportos (de São Paulo) despediu seis bons jogadores, cujo «passo» colocou à venda. Trata-se de Marinho, Piau, Hector Silva, Ratinho, Lorico e Samarone.

O presidente da Portuguesa (Teixeira Duarte) declarou que outros jogadores poderão também ter o mesmo destino. «Se fôr preciso, disputaremos o campeonato nacional de futebol com uma equipa de juvenis».

A derrota da Portuguesa, no jogo com o Santa Cruz, do Recife, em São Paulo (por 0-1) provocou a «tempestade» que há muito se previa.

PELÉ

Dois brasileiros, o avançado Edson Arantes do Nascimento (Pelé) e o guarda-redes Manga,

actualmente no Nacional de Montevideo, alinham na selecção de futebol da América do Sul que joga no dia três de Outubro em Basileia, na Suíça, com uma selecção da Europa.

A receita do encontro, patrocinado pela ONU, destina-se às crianças orfãs de todo o mundo.

A selecção sul-americana terá ainda jogadores do Perú, do Uruguai e da Argentina. Mas a grande atracção será, indiscutivelmente, a presença (assegurada) do fabuloso Pelé.

KEINO

Kipchoge Keino, o brilhante atleta do Quênia que obteve a medalha de ouro dos 3000 metros em Munique, anunciou, em Nairobi, ao regressar dos Jogos Olímpicos, que vai abandonar o atletismo no próximo ano.

Keino, actualmente com 32 anos, disse que deixará de cor-

rer em provas internacionais após os Jogos Africanos que vão decorrer em Lagos (Nigéria) no próximo mês de Janeiro.

«Participo nos Jogos Africanos e depois despeço-me. Tenho tido uma carreira maravilhosa no atletismo internacional, mas tudo tem um fim».

O atleta acrescentou que foi a Munique convencido de que podia ganhar os 3000 metros depois de ter feito oito minutos e 30 segundos no Japão, em Abril.

«Dei tudo por tudo para ganhar a medalha e isso provavelmente custou-me a possibilidade de ganhar os 1500 metros, mas não se pode ganhar tudo, não é verdade?»

Keino tinha ganho os 1500 metros no México, mas em Munique apenas conseguiu o segundo lugar nessa prova.

"SEU" DUDA: DO BRASIL COM FUTEBOL

Reportagem de ALEXANDRE PAIS

Fotos de ACACIO FIGUEIREDO

— Duda: você foi um «barrete» para o Vitória?

— Escuta aqui: eu fui, sempre, um jogador de primeira categoria. Se as coisas não me correram bem na época passada, foi tudo por dificuldades de ambientação. No Recife, faz sol. Há calor. É diferente: muito mesmo, daqui de Setúbal, onde (por vezes) o frio é intenso, é de enregelar. No entanto, julgo que esta temporada já estou a dar uma ideia mais certa

do meu valor. E, sinceramente, espero continuar a melhorar.

Nasceu a 4 de Agosto de 1947, no Estado de Alagoas: exacta e mais precisamente em Maceió. O pontapé na bola chegou, oficialmente, aos 16 anos:

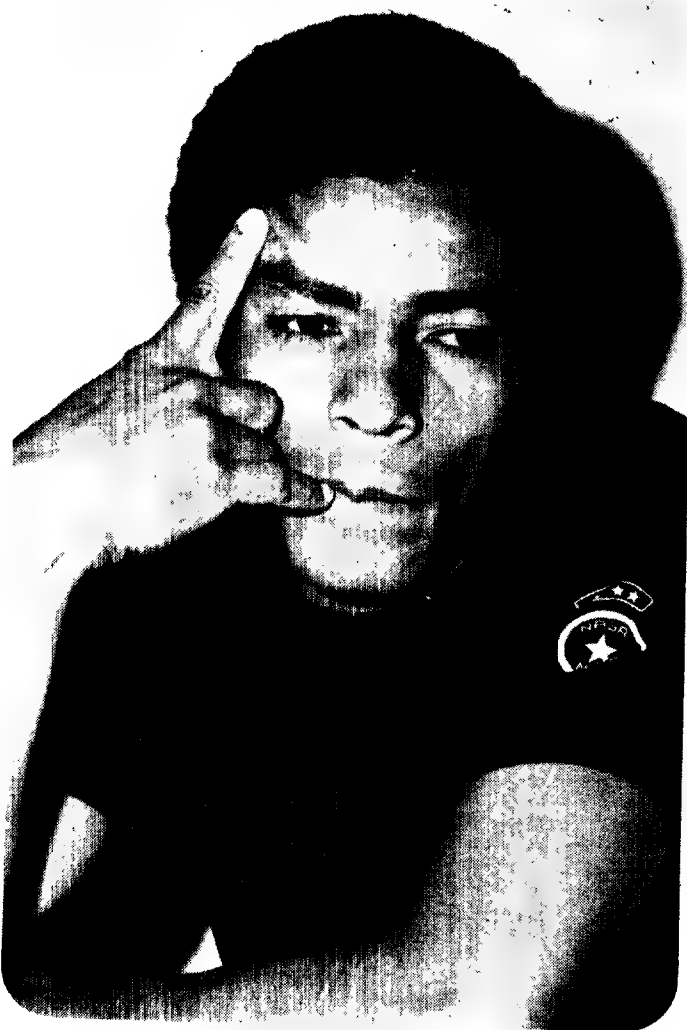
— Comecei por jogar no Centro Esportivo Alagoas, onde actuei durante quatro anos. Passel, então, para o Esportivo do Recife: que era o meu clube quando o empresário Barbosa

me convidou a vir para Portugal.

— E, porque Portugal, Duda?

— Porque era um país que eu desajava conhecer e, principalmente, honestamente, porque o empresário me prometeu negócio vantajoso.

Duda firmou contrato com o Vitória de Setúbal até ao final da época de 1973-1974. Terá sido, com efeito, um «negócio vantajoso»?



E o futuro?

— Devia ser, mas não é. Estou em Setúbal com uma retribuição inferior à que tinha no Recife: recebo do Vitória 70 contos por ano e 4 de ordenado mensal. São verbas muito mais pequenas do que as contidas na promessa do empresário Pinto Correia. Aliás, não foi só nisso que o sr. Barbosa e o sr. Correia me enganaram: disseram-me, também, que eu vinha para Portugal destinado ao Vitória. Qual não foi a minha surpresa quando, ao chegar a Setúbal, me disseram que tinha de fazer um teste para ver se servia ou não. A princípio, recusei: mas, não tinha outra alternativa. Já estava metido na engrenagem...

Acescenta: — Felizmente, acabei por agradar ao sr. Pedroto e ficar. Mas o contrato...

Duda é casado e tem uma filha. Há um futuro que é necessário prevenir. Para além de 1973-1974...

— Agora tenho de continuar a trabalhar para obter melhores condições, quando chegar o momento da renovação. Para continuar assim, prefiro voltar ao Brasil. Mas, palavra de honra: estou convencido que o Vitória me dará o que eu mereço.

O processo da dupla nacionalidade está quase concluído: em breve Duda poderá alinhar ao lado de Câmpora. Para já, não joga um.

— O sr. Pedroto é que sabe. Eu sou um profissional que está em Setúbal para servir o Vitória. Se sou o titular, tanto melhor. Se me destinarem a suplente, fico no «banco». Se me mandarem apanhar a bola, eu vou correndo atrás dela...

Convicto:

— Julgo ter valor suficiente para actuar no «team» principal, mas não tenho problema com isso. A escalção é da responsabilidade do técnico.

Lugar preferido: na frente ou no meio da «cancha»?

— Eu fui sempre «pontade-lança»: mas já no Recife os treinadores me faziam recusar quando faltava alguém na armação. Aqui, em Setúbal, passa-se o mesmo. Prefiro jogar na área, mas se o sr. Pedroto entende que o meu lugar no

Simpático e bom conversador, este brasileiro não esconde a sua admiração por José Maria Pedroto. Ele que já trabalhou com técnicos de grande craveira e, por sinal, bem conhecidos dos portugueses: Zézé Moreira, «Marão», Alfredo Gonzalez e Jorge Vieira. E foi por um triz que não veio, em 1969, para o Futebol Clube do Porto:

— Os directores do Esportivo pediam muito dinheiro pelo meu «passe» e a transferência acabou por não se concretizar. Só quando mudou a directoria é que foi possível um entendimento: e aqui estou.

Hoje, no Restelo, com Duda ou com Câmpora, o Vitória de Setúbal terá pela frente o difícil obstáculo que se chama Belenenses.

— Claro que a nossa equipa entra em campo com o pensamento no triunfo. Mas, que vai ser duro, lá isso vai. Já defrontei o Belenenses, em África, este ano, e fiquei bastante impressionado. Gonzalez é um excelente jogador e Luís Carlos não lhe fica atrás: Jogou no Rio de Janeiro e em São Paulo, sempre em primeiro plano. Mas, estou confiante na nossa vitória: que, porém, se não surgir, não dará motivos para desanimos. O campeonato é muito longo: e Setúbal tem um grande «plantel». É uma equipa a sério: candidata ao título tal como o Benfica, o Sporting, o Porto ou o Belenenses. Mas, atenção: este ano vai ser mais difícil. Vai ser, ninguém duvide, um torneio disputadíssimo, discutido palmo a palmo.

Duda, para terminar: porque «Duda»?

— Isso também eu queria saber. Foi ideia dos meus pais, que desde pequeno me trataram assim. Talvez fosse algum nome de família mais antigo, quem sabe? Olhe: fiquei Duda e já não vou mudar...

Aparecendo em Portugal e no Vitória de Setúbal, para satisfazer a ganância dos que vivem à custa do futebol (pouco fazendo por ele), José Francisco Leandro Filho quer esquecer tudo isso e continuar apenas a ser Duda. Com bom pé e remate é fácil. Com mulher e filha para assegurar o pão. Pesada tarefa, Duda. Mas (esse, sim) negócio vantajoso.

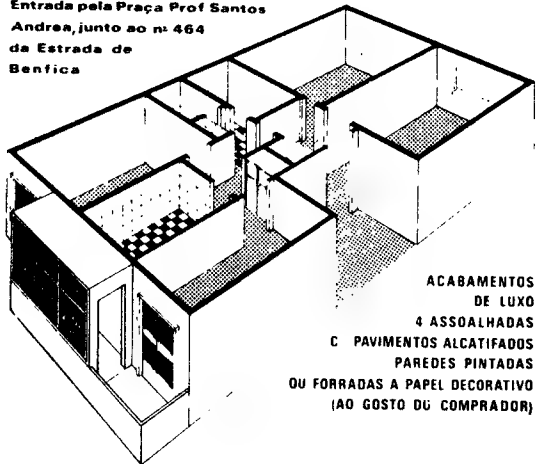


Duda e Dudazinha

PARA HABITAÇÃO OU RENDIMENTO ANDARES

EM BENFICA - Rua Dr José Batista de Sousa, 11

Entrada pela Praça Prof Santos
Andrea, junto ao n.º 464
da Estrada de
Benfica



ACABAMENTOS
DE LUXO
4 ASSOALHADAS
C PAVIMENTOS ALCATIFADOS
PAREDES PINTADAS
OU FORRADAS A PAPEL DECORATIVO
(AO GOSTO DO COMPRADOR)

DESDE 580 CONTOS
30.º ATÉ À ENTREGA DAS CHAVES.

O RESTANTE EM 3 a 10 ANOS.

VEJA NO LOCAL O ANDAR MODELO.



SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

ROSSIO 74-3

TELFs. 35438, 366257

DL/DESPORTOS

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE S. JOÃO

Até 30 de Setembro estão abertas as inscrições para os cursos de:

- Enfermagem geral.
- Auxiliares de enfermagem.
- Especialização obstétrica para enfermeiras e para auxiliares de enfermagem.

Pedido de informações à Secretaria da Escola à Praça 9 de Abril, 161 — Porto — Telef. 44075.

LAGOTAINER LINE

Serviço regular totalmente contentorizado para:

SUÉCIA (Gothemburg e demais portos)

NORUEGA (Oslo e outros portos)

BÉLGICA (Anvers e outras localidades)

o porta-contentores «Monika Bos», em 18 do crte.



OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4
LISBOA 2

TEL. 380056 382288
PORTUGAL

DINHEIRO

EMPRESTA-SE

SOBRE PROPRIEDADES
AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

RUA DO OURO, 292, 1.º (Esquina com o Rossio)
TELEF. 369384 5 6

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

**NEW YORK, PHILADELPHIA
BALTIMORE e NORFOLK**

Recebe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna e rápida motonave espanhola:

GALEONA

Esperado em 23 do corrente

Os Agentes Gerais

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21-1.º

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV
LISBOA-2

ADOLFO: UMA TACADA EM QUEM?

Em «O Norte Desportivo», o defesa internacional Adolfo faz declarações tempestuosas. A respeito da sua turma, afirma o popular jogador: «A equipa do Benfica não está bem: existe uma certa desmoralização, da qual quase ninguém se apercebe, nem se compreende bem o «porquê». O que é facto,

porém, é que a rapaziada discute dentro do campo, coisa que não acontecia. Em suma: a equipa acusa problemas anormais. Há qualquer coisa conosco. Há alguém responsável pelo que se está a passar.

Não sei se é cansaço da nossa parte, se estamos saturados do treinador. Eu não

sei: digo isto mas, na realidade, não sei explicar o que se passa. De qualquer modo, todos os dias há complicações. E isto a verificar-se assim, sistematicamente, terá de reflectir-se nos jogos e até o que será este ano o Benfica»

Sobre a eliminação europeia (e entre outras conside-

rações) proclama Adolfo:

— Embora ache difícil que sejamos eliminados, também não posso garantir a vitória do Benfica. Como a equipa está de momento, não sei mesmo se isso poderá vir a acontecer... É que eu vejo «isto» tão mau, tão mau... tão turvo... Nem sei o que seria melhor...

Ginástica: Aprender a ensinar

Por notícias vindas a lume, por frases ouvidas a responsáveis, pelo muito que se tem dito a tal respeito pelas iniciativas, pelos cursos, parece-nos que se pretende dar uma vida nova à educação física portuguesa. Há, como que uma corrida atrás do tempo: dê-se tempo que se perdeu anos a fio. Todavia, ainda não acreditamos que desta feita se consiga recuperar muito terreno. Por motivos variadíssimos.

Organizou-se, em Julho, um curso de educação física para professores primários, com vista a adquirirem conhecimentos que lhes permitam transmitir aos seus alunos uma ginástica racional, de base ou desportiva. Esse curso, programado para escassas 30 horas numa primeira fase, reuniu elevado número de interessados.

Não nos parece que essas horas permitam adquirir elevado saber de ginástica (devemos apontar que grande maioria dos participantes pouco ou nada sabe da matéria). E, logicamente, não nos parece que tais professores, pese toda a boa vontade, estejam em condições de transmitir aos seus alunos aquela ginástica de base, correctiva ou formativa, educativa ou desportiva, de que as nossas crianças da instrução primária carecem.

E, mesmo que pudessem ensinar, somos forçados a concluir que a sua missão é tão ingrata quão impossível: pois nos estabelecimentos de ensino onde está colocada grande maioria não dispõe de uma sala (ginásio seria um luxo) com um mínimo de condições para trabalho.

Perguntamos, pois: é ao ar livre (faça sol ou chuva, ou caia neve, como em muitos locais do nosso país que as crianças da primária vão fazer ginástica? A tal propósito, lembramo-nos de uma escola conhecida que dispõe dum terreno murado que dava para construir um belíssimo pavilhão ginno-desportivo: e que apenas lá tem tojo, cardos e plantas bravias...

Julgamos que as «explosões de juventude», periodicamente observadas nos recintos desportivos portugueses, não chegam para dar aos nossos miúdos a educação física de que necessitam (ou que se pensa dar-lhes) com vista a resultados futuros.

Ainda a propósito da educação física nas escolas primárias, ocorre-nos uma pergunta: não existem ainda, por esse país fora, encarregados de educação que furtam os seus filhos ao trabalho ginástico e desportivo?

Uns, porque está mau tempo. Outros, porque o menino está constipado. Outros, também, porque o menino não pode fazer ginástica por ser fraquinho!...

Há ainda casos (e tivemos ensejo de os observar pessoalmente) em que o aluno faz ginástica quase vestido (com a roupa com que saiu de casa, excentuando os sapatos), ou sem mudar a roupa interior porque «o pai não quer que se dispa à frente dos outros». E, por via desta mesma razão, nem sequer toma banho depois do esforço físico despendido. Mas é verdade (também) que muitas instalações escolares e até mesmo desportivas não

dispõem de balneários convenientes e de água quente...

Entendemos que a educação física escolar devia ser obrigatória e processar-se tal como outra qualquer disciplina: com faltas, aproveitamento, provas, notas, etc. Mas, não podemos concordar que as aulas de educação física se processem a partir das 13,30 horas e por um período de duas horas, em pleno trabalho digestivo, com todos os inconvenientes consequentes.

Isto (e nalguns casos) tomando muitas vezes duche de água fria, logo de enfiada. Mais, ainda: entendemos que o responsável pela manutenção dessas aulas deve estar em «su sítio» para as orientar. Não concordamos, e também tivemos ocasião de o constatar, que o responsável se queda na escola e mande meia dúzia de miúdos de 11 anos fazerem corta-mato passando por estrada e linha férrea, apenas com um da mesma idade a tomar conta (?) dos colegas.

Voltando ao princípio: através da D. G. D., foi resolvido fazer-se um outro curso de professores de ginástica, (de 140 horas) destinado a antigos praticantes e actuais treinadores sem diploma que mal fôsse concluído, permitiria oficializar muitas situações. Ao que sabemos, pois também nos inscrevemos para o frequentar, esse curso ficou adiado para data a designar, porquanto o número de inscritos (que optou por duas semanas de trabalho intensivo, em Setembro) era apenas de 8 ou 9 e dizem não justificava que o curso se efectuasse.

Ora, tendo havido um número limite de inscrições que não foi excedido, e tendo sido pedida a opinião de todos sobre a possível forma da realização do curso, parece-nos que os inscritos deviam ter sido consultados sobre a possibilidade de participarem na frequência em Setembro: e, só depois de tomar uma resolução. E era fácil contactar com os interessados, directamente ou por intermédio da Federação de Ginástica...

Aguardamos o curso: mas, afigura-se-nos difícil conciliar as horas e dias em que o mesmo irá decorrer com as obrigações profissionais da maioria dos interessados.

Repetimo-lo: os que estão a ensinar têm as suas ocupações e não podem conseguir horas para o frequentar. Mesmo que o «milagre» seja possível, essas horas ser-lhe-ão, certamente, descontadas nos seus vencimentos. E, hoje em dia, quem pode dar-se ao luxo de perder duas semanas de ordenado?

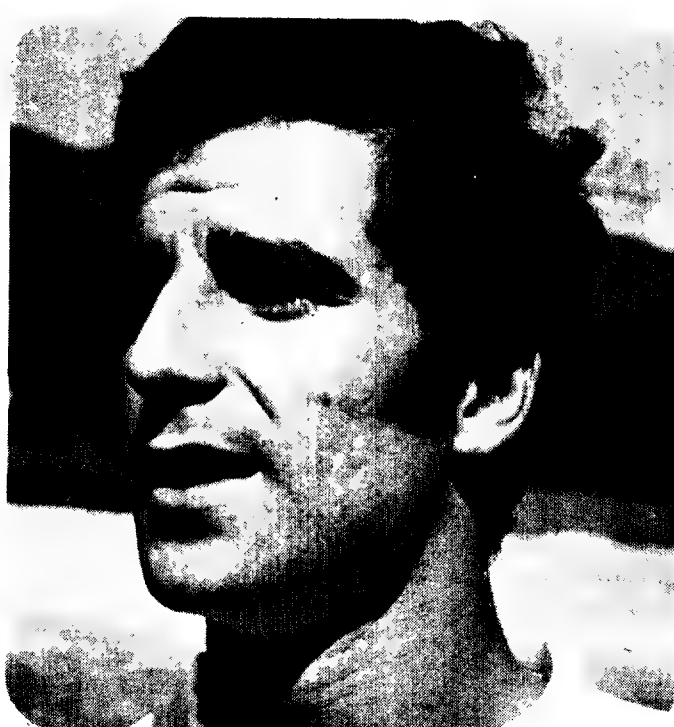
Sem querermos meter foice em seara alheia, parece-nos que 30 horas para quem poucos conhecimentos tem de ginástica são de menos: tal como são de mais 140 horas para quem já ensina e talvez só precise duma orientação actualizada. Sem falar que os professores primários podiam ter o seu curso nas férias: e os outros, dificilmente o poderão fazer fora delas.

FERNANDO MONTEIRO

DL/DESPORTOS

A mais radical das transformações porque passa o Sporting (às mãos de Allen) verifica-se no sector defensivo onde, de uma assentada, surgem três novos a dar cartas e a jogar como os melhores. De um ano para o outro, saem Caló, José Carlos e Hilário (era necessária muita coragem para tirar nomes com tal passado e categoria) e entram, para já, Laranjeira, Bastos e Carlos Pereira.

Laranjeira é uma confirmação. Carlos Pereira pegou de estaca, parece que para não mais sair. Resta a questão Bastos-Alhinho, que talvez se solucione até com a utilização dos dois: um a defesa direito e o outro no centro. De qualquer maneira, e logo que Pedro Gomes encontre adequado substituto (que até pode ser um «miúdo» de nome Espírito Santo, «internacional» júnior pelo União de



BASTOS: ESTÁGIO FORA DE ALVALADE

Agora, a palavra de Bastos:

— Eu próprio fiz muita força para ir um ano para o Farense. Havia vantagens importantes na troca, tanto para mim como para o Sporting. Para mim, porque ia ganhar mais (muitos jogos na primeira categoria, com os consequentes prémios) e adquiria experiência dos jogos, o que não acontecia se permanecesse na reserva do Sporting a jogar quase de mês a mês e só a treinar. Para o Sporting, porque recebia um ano depois um jogador que não lhes deu despesas, mais rodado e com outro calo. Hoje, considero a experiência importante e decisiva no jogador que hoje sou. Logo, tudo certo.

— Mas, o ano passado, já no Sporting, o Bastos

CARLOS PEREIRA E BASTOS: LEÃOZINHOS SAEM DA JAULA

Leiria, o Sporting fica com uma defesa dura, de boa técnica e, em especial, com excelente futuro à sua frente. Laranjeira vai nos vinte anos, Bastos tem 22, Carlos Pereira 23 e Alhinho, também, vinte e muito poucos. Logo, uma defesa certa para o futuro. É claro, todos ainda com possibilidades de progredirem no seu funcionamento global até níveis agora apenas adivinhados.

Dessa defesa falamos hoje, através de Carlos Pereira e Bastos, dois jovens que, cá atrás, apoiam as acções de outros jovens também (Fraguito, Tomé, Damas, Manaca, Chico, Dinis, Nando e o próprio Yazalde).

A responsabilidade de substituir Hilário

Carlos Eduardo Silva Pereira, tem vinte e três anos de idade (nasceu em Lisboa, a 23 de Fevereiro de 1949) e nove de Sporting. Calcorreou toda a dura caminhada desde os juvenis a titular do primeiro «team», sem problemas com ninguém, mantendo a mesma firme personalidade que se lhe nota nos jogos já efectuados sob o comando de Allen e que confirmamos em conversa extremamente equilibrada, na manhã de ontem, antes do jogo com o União de Tomar, clube onde já cumpriu uma época como profissional. E um dos últimos frutos do trabalho de Juca e Travassos nos juvenis do Sporting: a derradeira colheita da época, após Damas, Caló e Dani e imediatamente anterior a Bastos. Foi «internacional» júnior contra a Stúcia, estudou até se tornar profissional (tem frequência do 5.º ano industrial) e é o segundo de uma família de três irmãos, dos quais o mais velho Aurélio de seu nome, vinte e quatro anos, foi campeão nacional de juvenis pelo Sporting e hoje é empregado de escritório e treinador dos juvenis do Futebol Benfica.

Sóbrio a falar e a jogar, seguro do que diz e do que faz, tecnicamente ainda por burilar, e (já) o titular da posição de lateral esquerdo do Sporting. Ao fim de

uma longa e paciente espera, mas com a certeza de merecer o lugar. E a responsabilidade de substituir um senhor do futebol chamado Hilário.

— As minhas características parecem-me adaptar-se às exigências do futebol moderno e à posição de defesa lateral, muito importantes numa equipa de alta competição nos tempos de hoje. Não tenho problemas em utilizar qualquer dos pés, mas prefiro o pé direito para os passes curtos e mais certos e o esquerdo para os lançamentos longos e para os cruzamentos ou remates. Também não sou dos menos rápidos e, sobretudo, tenho muita força de vontade para agarrar definitivamente a oportunidade que o sr. Allen me está a dar.

— E os problemas de falta de poder de recuperação que a crítica vem apontando como o seu pior defeito?

— De facto, têm falado disso: mas não é só de mim que depende a correcção. Repare: Se avanço muito, no terreno (como o técnico quer e eu gosto) e a bola vem logo cá para trás eu não posso estar em todo o lado ao mesmo tempo. Mais do que falta de poder de recuperação, falta-me, por enquanto, o Dinis. Ou seja: um extremo-esquerdo de raiz, que prenda o defesa direito adversário lá no seu meio-campo e dê luz aos contrários quando passam ao ataque. Agora, o corredor direito está praticamente todo livre: a não ser quando o Vagner vai ao lado esquerdo. As vezes aparecem-me o defesa, o médio e o extremo pela frente, fazem a jogada clássica de um-dois e eu sou automaticamente batido. Com o Dinis em campo, isso não voltará a suceder. Nós podemos atacar mais e o adversário não poderá afoitamente aterrorizar-se pelo meu corredor. Há ainda a considerar que eu preciso de mais jogos para adquirir a rotina e para entrar em pleno rendimento. Por enquanto, ainda não tenho fôlego para os 90 minutos. Mas lá chegaremos em breve.

— Não receou entrar na primeira categoria, sem rit-

mo de competição?

— Recrear, não receei sentia-me em boas condições físicas e já há muito tempo que não constituíra surpresa o treinador chamar-me. É evidente que me faltava a rotação necessária para render o máximo e para responder às exigências e às responsabilidades do lugar. E

muito diferente estar anos e anos só a treinar, fazendo um jogueto de reservas por mês: e actuar todas as semanas na primeira categoria, onde a competição é muito mais acirrada e se joga a grande velocidade. Mas, como começámos nos encontros particulares, fui-me adaptando e acho que já cumprio satisfatoriamente. É conveniente lembrar que, em nove anos de futebol, só em Tomar senti verdadeiramente o que é o ritmo e dificuldade da competição profissional. Depois, sempre que entro em campo, recordo-me que alguém confia em mim exactamente, o treinador. É um estrangeiro, portanto insusceptível de se deixar influenciar por favoritismos ou pelo nome das pessoas. Essa confiança do técnico é fundamental na conquista do lugar.

— E a responsabilidade de substituir Hilário?

— Ai é que está o meu grande dilema. O Hilário é só o jogador que eu mais admiro, o «craque» que sempre procurei imitar. Quando vim para o Sporting, com catorze anos de idade, já o Hilário era o titular e o grande patrão da defesa. No seu lugar, defesa esquerdo, era insuperável: e todos os jogadores mais jovens o tinham como exemplo. Os anos passaram e a minha admiração pelo Hilário cresceu, à medida que o conhecia melhor, como homem e como profissional. O meu azar (e a sorte do Sporting), era exactamente ter um jogador de tanta categoria. Na reserva, ele foi sempre o meu conselheiro. Hoje, ainda é dele

que recebo as mais úteis recomendações. A minha amizade por ele é de tal ordem que o considero tanto como ao meu pai. Aliás, quero aproveitar esta circunstância para lhe manifestar o meu apreço e para lhe dizer que tudo quanto faz por mim não será esquecido. O que possa dizer de bem, acerca do meu «ido-

lo» Hilário, será sempre pouco.

— Além do Hilário, quem mais gosta de ver actuar como defesa-esquerdo?

— A defender, o Hilário é o maior: e não tem concorrentes a nível nacional. A atacar, gosto muito de ver o Adolfo. Fez progressos excepcionais e hoje está com uma categoria que qualquer novo gostaria de possuir. Entre os jogadores estrangeiros, para mim, o melhor é o Cooper. Desde que partiu a perna desapareceu um bocadinho da cena internacional, mas o seu jogo de ataque era incomparável.

— Carlos Pereira considerava-se já titular absoluto da posição?

— De maneira nenhuma, mas sinto que se continuar como até aqui, e levar uma vida certinha no plano familiar, posso ficar por cá uns bons anos. Também é preciso sorte, tanto mais que há responsabilidades extra, para além de se tratar de um lugar importante de uma equipa com ambições. Este lugar de defesa esquerdo merece-me muito respeito pelos antecedentes. Vim substituir um jogador de enorme categoria.

Há que dar continuidade. Os adeptos do Sporting com Hilário estavam plenamente descansados; e tenho de me esforçar para que assim continue a suceder.

LENTAMENTE, ATÉ AO TOPO

— Estou no Sporting há nove anos, tendo começado nos juvenis, na época de

63/64. Travassos era o treinador. Fiquei na categoria de juvenis durante três épocas, orientado depois por Juca. Nos juniores, joguei só uma temporada. Ascendi a senior no tempo do Caló: e por cá andei dois anos sem jamais ter jogado na equipa principal. Em contrapartida, alinhiei praticamente sempre na reserva, como defesa-esquerdo. Em 1969/70, fui para o União de Tomar. O Caló, que o Sporting cedera por um ano, já havia regressado a Alvalade: e fui eu mais o Armando Luís para o substituir. Na minha última fase do Sporting, esta é a terceira época: e continuei sem jogar, uma vez sequer, na primeira categoria, até vir o sr. Ronnie Allen. Com Fernando Vaz apenas fui convocado para suplente e, mesmo assim, poucas vezes. Nunca tive uma oportunidade, ainda que me parecesse estar em condições para substituir Hilário, sempre que este se aleijava. O treinador não o entendia: e por cá andei, treinando e trabalhando cada vez com mais entusiasmo, sempre esperando que a minha hora havia de chegar. Mas, às vezes, confesso que quase desanimava ao verificar que nem uma hipótese mínima me davam.

A conclusão:

— Com o treinador actual, a minha vida mudou completamente. No final da época passada, dois ou três jogos na reserva talvez lhe tenham agradado: e, na véspera da final da «Taça de Portugal», conversámos e disse-me que contava comigo para a equipa principal, logo que recomeçasse a preparação. Se bem o prometo, melhor o cumpro: e tenho jogado quase sempre, tanto nos encontros particulares como nos oficiais. Assim espero continuar.

não deu continuidade a essa época como efectivo no Farense...

— Ai, tive o problema que se levanta a todos os jogadores nesta idade. Fui para a tropa, mal podia treinar: e nunca estive em condições físicas ideais. Durante bastante tempo cumpri o serviço militar no Porto, longe do ambiente e dos treinos dos meus colegas: e, assim era impossível fazer alguma coisa para conquistar um lugarzinho entre os defesas titulares do Sporting. Este ano, a coisa já vai melhor. Estou em Torres Novas: mas, com outras facilidades. O pior foi a fase de recruta e da especialidade. Espero a transferência para Lisboa, para então entrar no ritmo de trabalho normal dos meus colegas. Mesmo assim, tenho treinado com mais efectividade e já caminho para a boa forma.

— Estes jogos, como titular, são para continuar?

— Vamos a ver: o Sporting tem outros bons jogadores na posição. Todos trabalhamos para servir o clube: e o treinador decide quem deve jogar. Por mim, só tenho que me esforçar e esperar que as lesões não me atrapalhem a vida.

Bastos é um profissional que dispensa apresentações mais pormenorizadas, já que foi titular do Farense uma época inteira (no campeonato de há dois anos) e chegou mesmo à selecção de Esperanças, na competição europeia da respectiva categoria. Apenas anotamos que Vitorino Manuel Antunes Bastos nasceu em Lisboa, a 4 de Julho de 1950, principiou nos juvenis do Sporting (em 1964) sob a orientação de Juca. E o último produto do trabalho do excelente técnico junto da juventude de Alvalade.

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

GOSTA?



ENTÃO DECIDA-SE!

pois já restam poucos dos magníficos andares de 2, 3 e 4 assoalhadas acabamentos de luxo

em **SANTO ANTÓNIO dos CAVALEIROS**

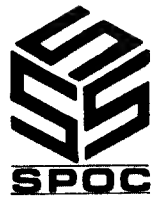
junto à placa da Flamengo

VEJA NO LOCAL

O ANDAR MODÉLO

UM EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA:

desde 280 contos



SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA

ROSSIO, 74-3ª tel. 35438/366257

LISBOA

Externato

Sebastião da Gama

CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO

Av. Almirante Reis, 106, 1.ª — Telfs. 822776/823531

(Em frente da Cervejaria Portuguesa)

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.ª Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

Para o período de 17 a 23 de Setembro

horóscopo pelo astrologo HORUS



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Aprenda a dominar os seus impulsos, se quer governar o seu Destino. Aprenda a dirigir inteligentemente a sua vontade, porque será responsável pelos erros que ela o fará cometer. Paciência e tempo fazem mais do que a força e desespero!

AMOR: Período de boas influências astrais. As situações difíceis que vinham embaraçando o seu progresso neste sector poderão agora ser satisfatoriamente resolvidas. Qualquer situação que exija troca de correspondência levará a bons resultados.

DINHEIRO: Sua situação no capítulo puramente económico, não oferece perigo, no entanto, os astros aconselham que vá progredindo com cautela.

PROFISSÃO: Empregue as suas energias nas tarefas já começadas, e não se deixe iludir por miragens. Não caia na antipatia dos seus superiores assumindo atitudes ou querendo impor-se violentamente a atenção deles.

SAUDE: Observa-se uma pequena melhoria em relação à semana anterior.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Espere o êxito das suas empresas, contanto que saiba afirmar o que é verdade e querer só o que é justo!

AMOR: Semana feliz em que abundará a afabilidade e a benevolência. Tempo muito favorável para contrair matrimónio e tratar de todos os assuntos amorosos. Influências benéficas para reconciliações, harmonias familiares e amizades.

DINHEIRO: Os influxos astrais não são desfavoráveis para tratar de assuntos financeiros, porém, necessita de fazer um considerável esforço e muita diplomacia para alcançar os fins que tem em vista. Contudo, não deve contar com grandes lucros.

PROFISSÃO: Os seus afazeres profissionais decorrerão num sentido de certa elevação. Os interesses com o estrangeiro desde que sejam bem ponderados, terão êxito.

SAUDE: As suas influências astrais actuais prognosticam um bom estado de saúde, contudo, advertem contra os excessos físicos.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Vencendo a sua natureza esmagadora, as paixões e defeitos e as suas esperanças serão realizadas!

AMOR: As influências astrológicas em referência ao amor, as relações familiares e as amizades são muito favoráveis. Tudo e todos contribuirão para que goze de boas harmonias no lar.

DINHEIRO: Terá surpresas agradáveis e interessantes que muito virão a beneficiar a sua vida. Período de grandes resoluções e de ganhos devidos exclusivamente a sorte.

PROFISSÃO: Favorece as deslocções ligadas à sua vida profissional; no entanto, é bom acautelar-se com as sociedades iniciadas nesta altura, assim, como com os colaboradores e superiores.

SAUDE: Deve usar de cuidado com os resfriados, de resto de pequena importância.



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: O seu futuro balança entre o bem e o mal. Consulte o espírito da verdade e da justiça eterna e tome cuidado de não provocar a justiça humana. Guarde silêncio sobre os seus pensamentos, a fim de não entregar às contradições dos homens!

AMOR: Reinará uma certa confusão no seu espírito, acompanhada de momentos de mau humor. Uma certa vibração impelir-vos-á para os actos descomedidos. Mas o bom senso lhe evitará cometer erros graves.

DINHEIRO: Prepare-se para despendar um esforço maior de que é habitual, porque a semana no seu todo não é má, simplesmente, exige maior tenacidade na acção.

PROFISSÃO: No seu emprego actue debaixo de uma certa calma e ponderação. Não aja nunca sob a acção de impulsos e escute primeiramente os conselhos ou opiniões de amigos bem intencionados. Conserve-se em boas relações com os seus amigos e colegas, tendo tacto, quando discordar deles.

SAUDE: O seu estado de saúde apresenta-se um tanto incerto, durante a semana em curso. O seu pessimismo e falta de ânimo podem agravar as coisas. Cuidado com o reumático e controle os seus nervos.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Lembre-se de que a prudência é a armadura do sábio. A circunspeção faz evitar os escolhos e pressentir as traições. Tome a por seu guia em todos os seus actos. Lembre-se sempre de que, se a palavra é de prata, o silêncio é de ouro!

AMOR: Os bons aspectos de que desfruta durante este período favorecem a vida sentimental e familiar e concedem felicidade nas relações sociais e, bem assim, tudo o que seja de interesse particular.

DINHEIRO: A semana apresenta-se favorável às suas iniciativas de carácter financeiro. Terá ensejo de alcançar resultados animadores se souber mostrar-se persistente e agir com bom-senso.

PROFISSÃO: As condições são-lhe propícias para tratar de assuntos ligados à vida profissional. É possível haver promoção no emprego e os que se dedicam às profissões liberais poderão também contar com o progresso na sua carreira.

SAUDE: A boa disposição concedida por esta influência contribuirá muito para o revigoramento do organismo.



VRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Se sabe querer o verdadeiro, o que for justo; se ousa só obter o possível; se perseverar calado em seus esforços achará um dia em suas mãos a chave da fortuna!

AMOR: O período apresenta-se tempestuoso nas questões de amor ou amizades. Não se zangue ou amofine se lhe demonstrarem sentimentos de censura, evite levar tão a sério as atitudes das pessoas da sua família.

DINHEIRO: Período flutuante em matéria financeira. Alternativas de altos e baixos, com alguns empreendimentos e demarches frustradas. Contudo, não desespere para não se deixar ultrapassar pelos acontecimentos.

PROFISSÃO: O momento não é para mudanças de actividade ou de posição, nem para se expandir nos seus empreendimentos. Siga a rotina costumeira. Há também uma vi-

oração que aconselha cautela com ajudantes colaboradores ou colegas.

SAUDE: Conte com algum nervosismo, cólicas e um certo mal-estar geral sem consequências más.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Sacrifique-se por outrem, mas não espere senão ingratidão da humanidade. Não expire sem perdoar aos seus inimigos. Sacrificando-se e perdendo, obterá progresso e paz!

AMOR: Controle quanto possível as suas emoções, e evite custe o que custar discutir com aqueles a quem quer bem; mesmo que haja incompreensão assuma uma atitude calma e ponderada.

DINHEIRO: Tanto o que respeita a operações financeiras como a obtenção de resultados imediatos, o período não se mostra muito favorecido, é por assim dizer, semear agora, para colher mais tarde.

PROFISSÃO: Quando pensar que tudo está bem e os seus objectivos foram alcançados, o insucesso poderá estar à sua espreita. O momento não é indicado às decisões importantes.

SAUDE: Algum cansaço e excitação, provenientes em grande parte dos seus afazeres quotidianos.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: A fatalidade cairá sobre aqueles que se deixam dominar pelas ilusões da matéria. Conheça-se a si mesmo. Seja reflectido, calmo e perseverante, que se elevará. Seja firme como a água quando cai gota a gota sobre a pedra, que chegará ao cúmulo dos seus votos!

AMOR: Certos aspectos serão profundamente perturbadores durante este período. As vibrações são desfavoráveis aos seus interesses amorosos, familiares e sociais. Portanto, use de cuidado nas suas relações de amizade e no convívio familiar.

DINHEIRO: As esperanças que alimenta em relação à sua vida financeira, sairão furadas. Registrará nos seus empreendimentos com vista a obtenção de dinheiros. Não confie em promessas e não gaste mais do que as suas actuais possibilidades lhe permitem.

PROFISSÃO: Contrariedades na vida profissional, eis o que a semana lhe reserva. Seja prudente nos seus empreendimentos para evitar prejuízos. Em face de qualquer insucesso não desanime e prossiga corajosamente e com calma com os seus afazeres.

SAUDE: Atenção ao fígado e regule os intestinos. Convém não se expor às bruscas mudanças de temperatura.



SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: O imprevisto ameaça obscurecer a sua prudência e a adversidade destruirá os seus sonhos do porvir, se a sua vontade não puser um freio às suas paixões!

AMOR: Observa-se uma vibração particularmente favorável, aos esforços amorosos. As aventuras galantes, as novas amizades, tudo isso lhe será propício.

DINHEIRO: Empresas inesperadas interessantes. Boas propostas e situações lucrativas. As despesas, principalmente em diversões tendem a ser superiores ao habitual, no entanto, não despreze as suas possibilidades orçamentárias exagerando as despesas.

PROFISSÃO: Momento esplêndido para dar maior desenvolvimento aos seus interesses profissionais, tanto na situação que tiver como em novas ideias. Contudo, convém que modere a tendência para os empreendimentos irrealizáveis.

SAUDE: Não dê preferência à alimentação rica em gorduras. Substitua-a por frutos e grelhados simples. Se se desviar dos pensamentos pessimistas a ansiedade inúteis, a sua resistência física será boa.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Marcha para a sua perda se não subjugar o seu orgulho e as suas imprudências!

AMOR: Não resolva os seus casos sentimentais e problemas familiares com brusquidão. O momento requer calma e não impulsividade. Todas as contrariedades que surgirem solucionem-se com paciência.

DINHEIRO: Toda a actividade com a finalidade de apurar dinheiros ou obter razoáveis lucros, não terá bem o efeito desejado. Não vale a pena exercer um grande esforço nesse sentido, porque a sua posição não está favorecida no presente período.

PROFISSÃO: O momento não é próprio para obter resultados imediatos, contudo, o entabulamento de negociações com vista a realização de empreendimentos futuros pode progredir um pouco.

SAUDE: Tome cuidado com a alimentação sobretudo os líquidos, que podem fazer sentir os seus efeitos maléficos nesta ocasião.



AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Serão transformadas as condições em que vive. Lembre-se que as coisas terrenas são transitórias e que as mais altas potências são cortadas como a erva dos campos!

AMOR: Os actuais aspectos proporcionam-lhe felicidade e harmonia na sua vida doméstica. Problemas perturbadores serão satisfatoriamente resolvidos. Haverá tolerância e os desejos de anular possíveis divergências.

DINHEIRO: No campo económico haverá equilíbrio. Tente nesta altura receber dinheiros que se encontrem espalhados.

PROFISSÃO: No domínio das suas actividades de ordem prática, fará bem em não perder a calma, aconselhamos a que use de diplomacia, em reuniões ou em possíveis encontros.

SAUDE: Estará em óptima forma física e isso muito contribuirá para que o seu espírito de iniciativa dê o melhor rendimento.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Será feliz e ninguém poderá roubar-lhe a felicidade, se a encerrar no círculo conjugal e no santuário do seu coração!

AMOR: Há uma boa vibração astral esta semana ajudando as actividades relacionadas com o amor. Boas amizades proveitosas, notadamente, para os que precisam pôr em prática ideias criadoras.

DINHEIRO: Tenha confiança nos assuntos que pensa empreender, pois o momento é-lhe favorável. Terá boas oportunidades de fazer negócios lucrativos, ou de obter melhoria financeira. Se tiver necessidade de capital não hesite em solicitá-lo, porque o período é-lhe favorável.

PROFISSÃO: Os presságios para a profissão são igualmente bons. Dedique-se com vontade ao trabalho, e se necessário procure o patrocínio de alguém capaz de levar a bom termo as suas empresas.

SAUDE: Tome cuidado durante esta semana, pois indisposições de saúde ameaçam surgir.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

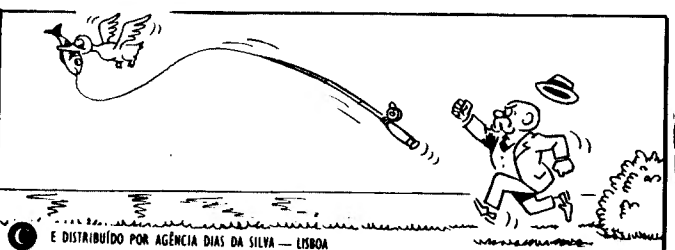
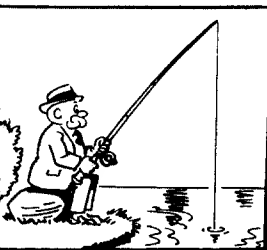
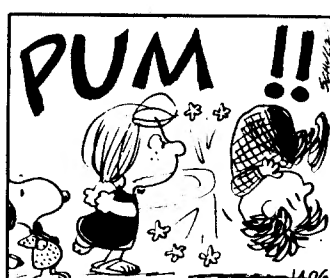
A CRIANÇA E A CASA

A criança construiu por instinto, com as suas próprias mãos pequeninas, rosadas do sol da manhã, asperdes mestras de uma casa de areia e depois o resto, todo o resto, decoração inclusive. Para quem passava e se detinha um pouco a observar ou deitava uma simples vista de olhos, em trânsito, e sorria ao de leve — porque o tempo da praia pode ser para alguns, não muitos, o tempo dos sorrisos complacentes de quem vive devagar, de quem reencontra o seu semelhante, — para essas pessoas, aquela casa era um simples monte de areia, achatada em cima e com um buraco a servir de porta. Mas para a criança não. Para a criança era uma casa maravilhosa, uma casa-fada, pensei eu, imaginei eu, soube. Uma casa com janelas largas e jorros de sol pelas paredes e no chão, e um quarto só para brincar como aquele menino lá da escola, que é rico, e lá fora um jardim com muitas flores encarnadas e um baloiço e relva (a mãozinha papuda batia na areia alisando-a) e uma árvore grande, grande, uma beleza de árvore.

A onda veio, era a sétima onda, mãe de seis ondas meninas, e a casa ruiu, silenciosa. A criança, que não sabia grande coisa do mar (chegara talvez na véspera da sua terra de árvores ou da sua cidade de cimento), ficou de olhos arregalados e brilhantes, de boca entreaberta num grande espanto mudo, sem compreender, sem admitir a terrível realidade daquela catástrofe natural.

Só depois, quando a onda se foi, começou a gritar sem voz.

PEANUTS



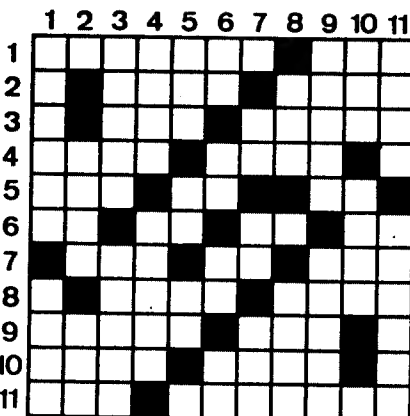
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10198

HORIZONTAIS:

- 1 Profetizara. Renque.
- 2 Costumava. Rei dos Amalecitas vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel.
- 3 Ave pernalta do Brasil. Rasgou.
- 4 Habitantes de Xoa. De preço elevado.
- 5 Aqui está. Batráquio. Abreviatura de Santíssimo.
- 6 Senhor. Cério (s.q.). Boro (s.q.). Artigo definido.
- 7 Freguesia do concelho de Alenquer. Oferece. Prende.
- 8 Alegria. Olhavam.
- 9 Estado da Federação Indonésia, formado por uma faixa montanhosa ao longo do mar da China. Prefixo que designa ar.
- 10 Derrota (pop). Aleia.
- 11 Preposição e artigo definido (pl). Alojor em tendas.



VERTICAIS:

- 1 Animal vertebrado, aquático com o corpo coberto de escamas. Morada.
- 2 Metal precioso de cor amarela. Recusa.
- 3 Pronome demonstrativo. Atrações.
- 4 Vais pelo ar com grande velocidade. Rio de Portugal.
- 5 Enal ilha francesa do Oceano Atlântico. Pronome reflexo.
- 6 Batráquio. Aqui. Compaixão. Actínio (s.q.).
- 7 Nota musical. Bário (s.q.). Nome que os Muçulmanos dão ao seu Deus.
- 8 Mãe de Rômulo e Remo (Inv.). Observam.
- 9 Ácidos. Adeja (Inv.).
- 10 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Mulher astuciosa (prov.).
- 11 Chuva. Dançar o samba.

Resolva completamente este problema?

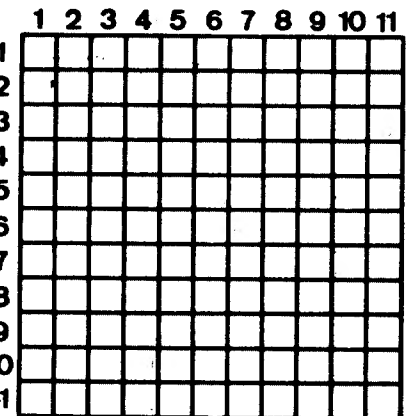
Procure então como segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6354

HORIZONTAIS:

- 1 Freguesia do concelho e distrito de Bragança.
- 2 Mudança. Sôrego.
- 3 Cidade de Itália. Uma das partes do Mundo.
- 4 Alumínio (s.q.). Prefixo de negação. Púcaro (prov.).
- 5 Princípio. Procedi.
- 6 O mesmo que amoura. Resoa.
- 7 Ave da família dos larádas (Bras). Letra grega.
- 8 Prefixo que designa três. Terreiro em frente ou em volta das igrejas. Preposição.
- 9 Leva à sirga. Parte lateral de um edifício.
- 10 Pisas. Nome científico do pato.
- 11 Grande cão de fila. Queimara.



VERTICAIS:

- 1 Trava luta com. Dança indígena de Cabo Verde.
- 2 Lista. Perigoso.
- 3 Bondoso. Laço. Cidade da Nigéria britânica.
- 4 Rio do Estado do Pará (Bras). Tempo do verbo ir. Ferro temperado.
- 5 Cálcio (s.q.). Defunta.
- 6 Presunçosa.
- 7 Nota musical. Cobalto (s.q.). Estrépio de desmoronamento.
- 8 Fútil. Andas a trote (o cavalo).
- 9 Espécie de cogumelo, amarelo e comestível que nasce nos pinheirais. Nome de mulher.
- 10 Diabo (T. da ilha das Flores). Fazer doação de.
- 11 Ecoa. Pequeno barco de recreio. Apelido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10197

HORIZONTAIS:

- 1 Parra. Cacos.
- 2 Aio. NEM. Ala.
- 3 Sama. OITO.
- 4 Sado. Arau.
- 5 Simular.
- 6 Im. Ramos. Co.
- 7 Tio. NEM. Cás.
- 8 Em. Ad. Ia. Vá.
- 9 Nasça. Arpar.
- 10 Ti. Sari.
- 11 Aspas. Serão.

VERTICAIS:

- 1 Pás. OITENTA.
- 2 Aias. Mimaís.
- 3 Romás.
- 4 Adir. Ocia.
- 5 An. Oanda.
- 6 Eu. Ume.
- 7 CM. Alómia.
- 8 Oras. Arse.
- 9 Caiar. Par.
- 10 Oltu. Cavara.
- 11 São. Rosário.

PROVÉRBO: Nem oito nem oitenta

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6353

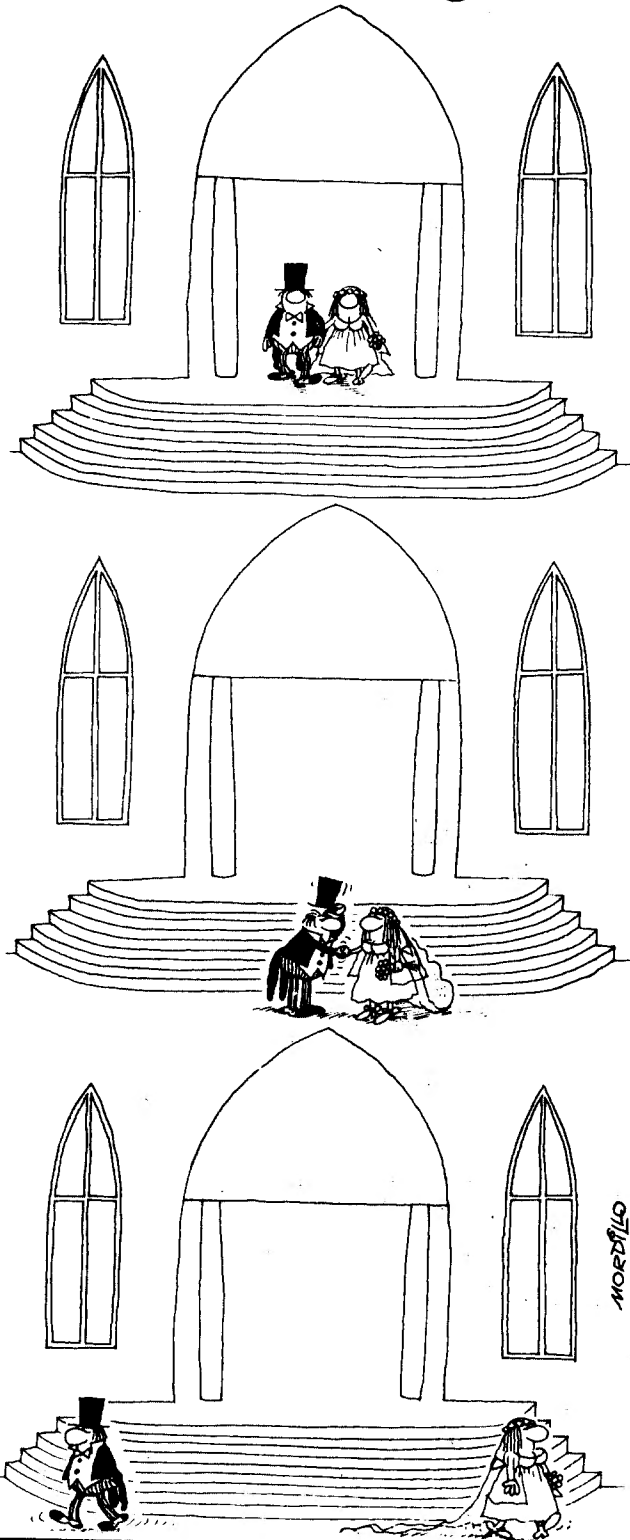
HORIZONTAIS:

- 1 Sabugal
- 2 Afina. Aviva.
- 3 Soma. Isar.
- 4 Sr. Torta. Ge.
- 5 Arcar. Arpas.
- 6 Air. Aar.
- 7 Grã. Aos. Tal.
- 8 Respira.
- 9 SS. Lá. Ru. Pg.
- 10 Toam. Goia.
- 11 Arcos. Papar.

VERTICAIS:

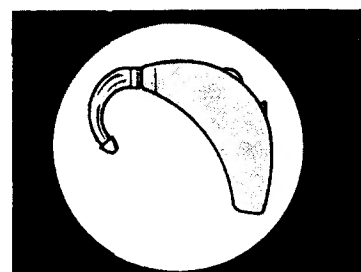
- 1 Vassá. Gasta.
- 2 Forrar. Sôr.
- 3 Sim. Ciar. Ac.
- 4 Anatar. Elmo.
- 5 Ba. Or. Aiso.
- 6 Gr. Pop.
- 7 Ga. Ta. Sir.
- 8 Aviara. Ruga.
- 9 Lis. Pata. Op.
- 10 Vagara. Pia.
- 11 Pares. Legar.

MORDILLO



SURDOS

CASA SONOTONE



ATENÇÃO: — Não comprem aparelhos de qualquer marca ou de quaisquer casas sem primeiro nos consultarem.

Tenham em vista a assistência permanente, com consciência e dignidade. **ÚLTIMAS NOVIDADES** em aparelhos auditivos. Exames, demonstrações, que são gratuitas. Facilidades de pagamento. Trocamos quaisquer aparelhos com maior valia. Temos **LARINGES ELETTRÓNICAS** para os que não podem falar. Pilhas de todas as voltagens, de mercúrio ou carvão.

Pedimos uma visita, com um grande **OBRIGADO.**

Em Lisboa, Poço do Borratém, 33, s/l. — Telf. 868352
No Porto, Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 02-35602
Em Luanda, R. António Bues, 42-2.º — Apartamento 26

ANALISTA DE MERCADO

O que exigimos

- Conhecimentos de Economia (de preferência licenciado em Economia ou Finanças).
- Perfeito domínio da língua inglesa.
- Interesse por Estudos de Mercado.

O que oferecemos

- Trabalho em Londres com remuneração compatível com as funções a desempenhar e o nível de custo de vida local.
- Possibilidades de promoção.
- Especialização adequada nas melhores escolas de Marketing da Europa.

Resposta manuscrita com «curriculum» detalhado, ao n.º 631 deste jornal.

I Simpósio Nacional de Produção, Promoção e Vendas

- SE ocupa um lugar de responsabilidade num importante ramo da actividade económica nacional;
 - SE é Administrador, Director ou Executivo de Vendas experiente, conhecedor e interessado;
 - SE gosta de estar permanentemente actualizado e precisa de manter contactos um pouco por toda a parte;
 - SE tem o desejo de comunicar ideias, debater pontos de vista, avaliar razões, efectivar, em suma, e ao mais alto nível.
- Então...

Seja bem-vindo ao I SIMPÓSIO NACIONAL DE PRODUÇÃO, PROMOÇÃO E VENDAS

Para informações e inscrição, contacte o
SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS VIAJANTES E DE PRAÇA DO DISTRITO DO PORTO
Rua José Falcão, 110 — Telefone, 25715 — PORTO

TEATRO VASCO SANTANA

Tel. 768609 HOJE às 21.45

TESTEMUNHO INADMISSÍVEL

DE JONH OSBORNE

António Montez, Francisco Nicholson, Benjamin Falcão, Catarina Avelar, Ermelinda Duarte, Helena Félix, Ana Paula, Lidia Franco
Grupo D — 18 anos

TOYOTA SERVIÇO OFICIAL

Peças e acessórios, mecânica, bate-chapas, electricista, estofador, pintura e Estação de Serviço

Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 68313/2/3

COTAL

Rua dos Lusíadas, 113-A — Tel. 631057/8

SERVIÇOS RÁPIDOS

TABELA DE PREÇOS — ORÇAMENTOS PRÉVIOS

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

«Longstreet»

Série dramática interpretada nos principais papéis pelos artistas Marilyn Mason, James Franciscus e James Broderick

2.º Programa (22.00)

«Festival O.R.T.F.»

Tomam parte no espectáculo os artistas Françoise Fabien, Maurice Chevit, Françoise Darbon Vibert, Jean-Claude Michel e outros



SIEMENS ESTORIL

O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Missa de domingo
13.10 Dia do senhor
13.35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver
14.40 Concerto
15.05 Desenhos animados
15.30 Tarde de cinema «Safari de Tamberes»
16.45 TV infantil
17.30 Expedição
17.55 Silêncio vamos rir
18.15 Domingo desportivo
18.30 TV rural
18.55 Portugal além da Europa
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Desenhos animados
20.00 «Os Companheiros»
20.30 TV 7
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Longstreet»
23.00 Fados
23.20 Domingo desportivo
23.45 Telejornal — últimas notícias
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Dó lá si
21.00 «Chegou a Lucy»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Festival O.R.T.F. — «Mara Hari»
23.50 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Cara Alegre»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com
14.20 Logo à noite
2.º Período
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Montana «Terra de Horizontes sem Fim»
20.30 Povo que canta
21.00 «Na Terra do Arco-Íris»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Randall e Hoppek»
22.50 Teatro 10
23.55 Telejornal — últimas notícias
24.00 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 «Cara Alegre»
21.00 Um dia com
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema — «Os Loucos do Futebol»
23.25 Fecho



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 622

Tempo

HOJE

SITUAÇÃO DO TEMPO

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17.º
PENHAS DOURD	8.º
COIMBRA	17.º
PORTALEGRE	15.º
LISBOA	18.º
FARO	21.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE

Máxima..... 28,5.º

PENHAS DA SAÚDE

Mínima 1,5.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	18.º
Atmosfera	20.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.33 3,1 m	4.35 2,0 m
	17.31 1,8 m

Dia 18

0.19 3,0 m	5.58 1,8 m
12.42 3,3 m	18.37 1,6 m

Dia 19

1.16 3,2 m	6.55 1,5 m
13.33 3,5 m	19.25 1,3 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo e o vento era fraco ou moderado de leste.

AMANHÃ

Nascer às 7.20
Ocaso às 19.41

Dia 23	Dia 29	Dia 7	Dia 15



EMISSIONA 1.º Programa

15.30 Tarde desportiva — Futebol: Relato e informações dos jogos da 2.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão.
18.30 Música sem palavras.
19.10 Música da Europa.
20.20 Êxitos em parada.
21.00 Rádio desporto.
21.30 Pequena história do teatro musical em Portugal.
22.00 Teatro das Comédias: Um Falso Amor, de Fausto Correia Leite.
22.35 Música portuguesa.
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia.

2.º Programa

15.30 Onda musical.
18.00 Concerto de domingo — Festival internacional de Bergen de 1972 (em gravações cedidas pela Radiodifusão Norueguesa).
19.35 Duas sonatas para violoncelo e piano: em sol menor (Handel) e em ré menor (Debussy).
20.20 A Orquestra de Câmara «Música Pragenses».
20.30 As grandes figuras do mundo português, por Caldeira Pais.
21.00 Recital de piano por Richard Castelv. Obras de Liszt e Debussy.
21.30 Que quer ouvir?
22.46 Fantasia em sol menor, op 77 (Beethoven) piano: Alfred Brendel.
23.00 Emissão em línguas estrangeiras.

PROGRAMA EM MF 2

15.30 Música sinfónica (bailados) —

Mignon (Thomas) e Dança das Horas (Ponchielli)
1.º acto da ópera Mazeppa (Tchaikovsky).
16.58 Concerto em lá menor, op. 53, para violino e orp. (Dvorak).
17.30 Música a dois pianos, de Liszt e Malipiero.

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO

21.00 Música ligeira variada.
22.00 Cantatas: Ino (Telemann) e BWV 62 (Bach)
23.05 Sonata n.º 3, em si menor, op 58 (Chopin).
23.30 Obras para câmara, de Haudn e Schumann.
0.15 Suites para orquestra: Danças fantásticas (Turina) e Ma Mère L'Ove (Ravel).

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

16.00 Tarde desportiva
18.00 Projectão
19.00 Fórmula1.
19.30 Vedetas e canções
20.00 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
21.02 Leitura
21.30 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.20 Canções ao acaso.
23.30 «PBX».
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário Rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUENCIA

16.00 Pêndulo

18.00 O nosso Programa
19.00 Vértice
21.00 Boa Noite em FM
22.00 Programa à GÓ-GÓ
00.02 Em Órbita-dois
01.02 Banda Sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

15.30 Onda desportiva
18.00 Automobilismo
18.21 Boletim litúrgico
18.30 Terço e missa vespertina da Basílica dos Mártires
19.50 Leitura do programa e boletim do S.C.R.
20.00 Zona verde-espaco ocupado pela família
20.30 Noticiário
20.35 Variedades
21.00 Meditação
21.03 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Na hora do regresso
23.00 A 23.ª Hora
24.00 Tempo Zipe.

Emissores Associados de Lisboa

Rádio Peninsular

6 às 8 e 10 às 12 e 22 às 2

Clube Radiofónico de Portugal

8 às 10 e 17 às 19.30

Rádio Graça

12 às 14.30 e 19.30 às 22

Rádio Voz de Lisboa

14.30 às 17

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel. 638256); Tapada, Calçada da Tapada, 83-A (Tel. 634721).

ALCANTARA
Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (Tel. 637563).

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Tel. 866126).

ALMIRANTE REIS
Lusa, Avenida Almirante Reis, 199-A (Tel. 41269).

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7 (Tel. 843571).

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (Tel. 681515).

ALVALADE
Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 780658); Libia, Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681); Celta, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621); Maribel, Avenida de Roma, 131-A (Tel. 776235).

ANJOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (Tel. 49479).

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Tel. 770324).

AREIRO
Lusitânia, Avenida de Roma, 18-A (Tel. 725443); Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331).

AVENIDA DA LIBERDADE
Morais Sarmiento, Rua de Santa Maria, 16-A/B (ao Tivoli) (Tel. 46490).

AVENIDAS NOVAS
Lungenit, Avenida da República, 55 (Tel. 772132); Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 42 (Tel. 54672).

BAIRRO ACTORES
Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (Tel. 41269).

AIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tel. 823446 - 370685).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172).

BAIRRO DA LIBERDADE
Zenel, Rua A, 182 (Tel. 651840).

BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Tel. 362350).

BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132).

BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697); Benfiquiz, Estrada de Benfiquiz, 444 (Tel. 782606).

CAMPOLIDE
Nova, R. de Campolide, 297-C (Tel. 687475); Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438).

CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua D. Maria Pia, 514 (Tel. 687949); Linale, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 680955).

ENTRECAMPOS

Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 780658).

ESTEFÂNIA
Morgado Lourenço, Largo de D. Estefânia, 4 (Tel. 54808); Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (Tel. 50593).

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (Tel. 702226).

ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 680955).

GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (Tel. 862909); Higienica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361).

GRILLO
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (Tel. 382470).

JUNQUEIRA
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132).

LAPA
Alb., Rua de Santana, 156 (Tel. 663562); E. Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 74 (Tel. 661010).

LUMIAR
Patuleia, Rua do Lumiar, 120 (Tel. 790332); Douro, Avenida das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 791131).

MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (Tel. 382470).

MOURARIA
Ferreira, Rua da Mouraria, 12 (Tel. 860464).

OLIVEIRA
Simão, R. Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 310581).

PEDROUCOS
Higieniz, Rua de Pedrouços, 52 (Tel. 610280).

PENHA DE FRANÇA
Higienica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361); Zema, Rua General Justino Padrel, 21-A (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580).

PICHELEIRA
Markuz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395).

SANTA MARIA
Morais Sarmiento, Rua de Santa Maria, 16 A/B (ao Tivoli) (Tel. 46490).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viagas, Rua do Viriato, 29-A (Tel. 48966 - 553601).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

ALHOS VEDROS
Gusmão, Rua Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020).

ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Estrada Nacional, 174 (Tel. 224302).

BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2273207).

MONTIJO
Diogo, Rua Almirante Cândido dos Reis, 42 (Tel. 230032).

SESIMBRA

Leão, Av. Salazar (Tel. 229471).

SETÚBAL
Lisboa, Rua dr. Paulo Borba (Tel. 22248); Saião, Av. Portela (Tel. 22709).

SEIXAL
Godinho, Largo da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

COVA DA PIEDADE
Cunha, Praça 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. da Grande Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039).

OEIRA
Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PARADE
Aisir, Bairro das Caixas de Previdência, Bloco A (Tel. 2472948).

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052).

MONTES TORRES
Lopes, Rua Hangar, 3 (Tel. 260008).

CASCAIS
Marginal, Avenida Marginal (Tel. 280078); A. Costa, Rua Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); Campos, Rua Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Cláudio, R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551).

DAMAIA
Confiança, Estrada Militar, Lote D (Tel. 9710231).

VELA NOVA
Girassol.

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181).

MEM MARTINS
Quilma, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456).

SINTRA
Marráz (Estefânia), Largo Afonso Albuquerque (Tel. 980058).

COLARES
Abreja, (Tel. 299088).

PORTO

SUB-TURNO A
Aves da Silva, Av. da Boavista, 1016; Azevedo (de) Rua do Meiral, 503; Gomes Ferreira, Rua Faria Guimarães, 449; Nau Vitória, Rua Nau Vitória, 723; Ordem da Trindade, Rua Her. e Mart. Angola, s/n; Terreiro, Rua da Reboleira, 21.

SUB-TURNO B
Antas (das), Av. Fernão Magalhães, 1076; Ant. Porta do Olival, C. Mártires da Pátria, 122; Falcão, Rua de Santo Ildefonso, 61; Ferreira, Praça D. Afonso V, 55-B; Louzada, Largo do Campo Lir, 62.

COIMBRA
TURNO E
Cruz Viagas, Rua do Brasil, 154 (tel. 22961); Donato, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (tel. 22603); Rainha Santa, Rua Figueira da Foz, 11 - B (tel. 24737).

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
Grupo D (18 anos) 2.ª semana
Portentosa realização de David Lean «DOUTOR JIVAGO».

AVIZ (Tel. 47163)
15.30, 18.30, 21.45
(Grupo B - 10 anos)
Colorscope - 34.ª Semana
O filme do ano «TRINITY» (COW BOY INSOLENT) com Burt Spencer e Terence Hill
Há mais de meio ano em exibição!

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.45
(Grupo A - 6 anos)
De novo um filme de Walt Disney «O MEU CÃO E OS LADROES».

ROYAL (Tel. 855037)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«CAIU UMA GAROTA NA MINHA SOPA» com Peter Sellers
«ENTRE A HONRA E O AMOR» com Gregory Peck

APOLLO-70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor - Prémio Kalimer
O melhor filme estrangeiro de 1970 - 5.ª Semana «DJA-MILIA» com Natalia Arim-bassarova

LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
A obra-prima de Milos Forman «O BAILE DOS BOMBEIROS».

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Um filme vulgar «MATAR, FUGIR OU CORRER» com Peter Lee Lawrence

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
7.ª Semana. O mais divertido filme de Claude Lelouch
«SMIC, SMAC, SMQC» com Catherine Allegret, Amidou, Charles Gérard e Francis Lai

MUNDIAL (Tel. 538743)
Encerrado por alguns dias para limpeza

S. JORGE (Tel. 54152/4)
15.00 e 21.30
(Grupo B - 10 anos) 2.ª Semana
Steve McQueen e Charles Bronson em «A GRANDE EVASÃO»
Só às 18.30 - Grupo A - 6 anos
A obra-prima 2.ª Semana «CHARLOT NO CIRCO».

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00-17.00-19.00-21.45
(Grupo D - 18 anos)
Sonia Petrova e Lilian Arden
«FOGOSAGRADO» (Fou Sacré)
O filme seleccionado para abrir o Festival de Cannes

TIVOLI (Tel. 50595)
14.30 - 18.00 - 21.30
(Grupo A - 6 anos) 78.ª Semana
O maior êxito de sempre «MÚSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plummer, 70 mm Technicolor (Ar condicionado)

EDEN (Tel. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Humphrey Bogart no filme de Ranold Walsh «O ÚLTIMO REFÚGIO».

CONDES (Tel. 322523/326710)
15.15 - 21.15
8.ª semana - Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser projectado 10 minutos depois do início das sessões

LYS (Tel. 48560)
14.45 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«SO PENSAVA NELAS» com Richard Benjamin e «O VALE DAS BONECAS» com Barbara Parkins

IMPÉRIO (Tel. 55134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de Richard Brooks
«O ASSALTO».

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45 4.ª semana
Eastmancolor - Maiores de 21 anos. Um filme único
«HELGA, O SEGREDO DA MATERNIDADE» com Ruth Gassman

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
«CIPÃO, DITO O AFRICANO» com Mastroiani, Gassmann

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
31.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º» com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Furstemberg e Isabel Garcês.

IMPERIAL (Tel. 821933)
15 e 21 h
«Os veteranos de Tobruk» com Richard Burton e «O ASSALTO AO CARRO BLINDADO» com John Wayne

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 17.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
Um filme de Peter Yates «O GRANDE GOLPE» com Robert Redford e George Segal
Colorido (Ar condicionado)

ESTÚDIO (Tel. 55134/5)
15.00-17.00-19.00-21.45
3.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
Um belo conto de amor e morte. «AMARGA EXPERIÊNCIA» com Catherine Jourdan e Mathieu Carrière.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos)
Uma voz única no mundo!
«O HOMEM QUE VEIO DA NOITE» com Ivan Rebroff
Eastmancolor

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.30
(Grupo B - 10 anos)
«TRINITY COW-BOY INSOLENT».



outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Prá frente Lisboa».

VILLARET
21.00 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência, o Pendura».

GIL VICENTE
22.00 (14 anos)
«Camões-72».

VARIADADES
21.00 (14 anos)
«A Cama dos Comuns».

ABC
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Dura Lex Sed Lex».

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Testemunho inadmissível».

LISBOA Cinemas

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«Sartana desafia Sabata».

PARIS
21.00 (14 anos)
«Duelo à beira do Rio».

RESTELO
21.30 (14 anos)
«007 - ORDEM PARA MATAR».

JARDIM CINEMA
21.00 (10 anos)
«OS SEIS INVENCIÁVEIS».

MAYER
21.00 (14 anos)
«Johnny Hamlet».

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«O 5.º Dedo».

MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«Direito de Vingança».

OLÍMPIA
22.00 (10 anos)
«Rancho Bravo» e «Alta tensão nas Caraíbas».

ARCO ÍRIS
21.00 (10 anos)
«Sartana reza pela tua morte» e «Comissário X e 3 Panteras Azuis».

CASTANHEIRA ESPANADA
21.30 (10 anos)
«Romance em Acapulco».

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Ponto crítico».

ALGÉS

Stadium
21.30 (18 anos)
«Divida de ódio».

OEIRAS
Oeiras-cine
21 (18 anos)
«Os Inocentes contra a droga».

PARADE
Royal cine
21.15 (10 anos)
«Guerra e Paz (Austerlitz)».

ESTORIL
Casino
21.30 (14 anos)
«Bolivar o Libertador».

ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«O Faltado».

ESTORIL
Eplanada
21.30 (14 anos)
«O caixão».

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
«Trinity, cow-boy insolente».

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«A mulher mais bela».

BARREIRO
21 (10 anos)
«Tora Tora Tora».

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)

VELA NOVA
Cine Portugal
21.15 (14 anos)
«Da terra nascem os homens».

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Um anjo dos Diabos».

QUELUZ
Queluz cinema
21.00 (10 anos)
«A Manta Vermelha».

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Chamavam-lhe rei».

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Este difícil amor».

PORTO Cinemas

TRINDADE
21.30 (10 anos)
«Os azares de um homem de Sorte».

VALE FORMOSO

21.30 (14 anos)
«Homens de Ferro».

ÁGUA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinity, cow-boy insolente».

ESTÚDUI
21.30 (14 anos)
«Entre o amor e a morte».

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Fórmula 1».

CINEMA CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Amor quente e amor frio».

CINEMA TERÇO
21.30 (17 anos)
«Bullitt».

S. JOÃO

21.30 (18 anos)
«Curvas na zona».

PASSOS MANUEL
21.45 (18 anos)
«Regresso ao Passado».

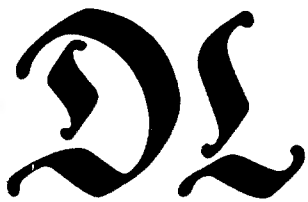
RIVOLI
21.30 (14 ANOS)
«E tudo o vento levou».

OLIMPIA
21.30 (10 anos)
«A Revolta de Tarzan».

JÚLIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«002 entre polícias e ladrões».

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Passaro de plumas cristal».

PORTO Teatros



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

DL/DOMINICAL

CIÊNCIA

A TANZÂNIA

COMBATE A PRAGA

Os cientistas inventaram um novo método para deter uma das mais persistentes pragas de África — um pequeno pássaro, lindamente colorido, que pode causar a fome e a morte.

Um pequeno pássaro — desconhecido até de nome para a maior parte das pessoas — está a ameaçar o abastecimento de alimentos a milhões de africanos e as economias dificilmente equilibradas de muitos países recém-independentes.

O pássaro — conhecido tanto pelos cientistas como pelos leigos pelo nome de Quelea — tem um aspecto indeterminado e apenas cerca de dez centímetros de comprimento.

Mas reproduz-se às centenas e milhões — e alimenta-se de grãos de cereal, seja ele trigo, arroz, sorgo ou milho miúdo, que tão necessário é em todas as partes de África para alimentar barrigas esfomeadas. Em muitas regiões, o Quelea alimenta-se de sementes de ervas selvagens e pouco dano causa à economia humana. Porém, aonde o Homem lavrou a terra para cultivar cereais — ainda hoje o principal alimento para a maior parte da população do mundo — o Quelea mudou-se para lá, tocou a finados e aumentou em número.

Muitos países a Sul do Saará estão afectados por esta praga, que só pode ser comparada, nas suas devastações, ao temível gafanhoto. Um bando de Quelea — que pode comportar meio milhão de indivíduos — pode debulhar um campo de trigo ou de outro cereal em horas.

E, até recentemente, tudo o que o infortunado lavrador podia fazer era vigiar e amaldiçoar a pequena praga que destruiu o trabalho de meses num abrir e fechar de olhos. Hoje, todavia, os recursos da ciência moderna estão a vir em auxílio do lavrador — e, em alguns países pelo menos, já não é aquilo que era.

Na Tanzânia — a república do Leste africano



O Quelea alimenta-se de grãos de cereal e reproduz-se às centenas

formada pela ex-colónia britânica do Tanganica e pela ilha das especiarias de Zanzibar — a guerra contra o Quelea está generalizada e isso deve-se a um funcionário do Ministério da Agricultura, Ernest Mosha.

Mosha é o funcionário encarregado de uma Brigada de Controlo de Aves, composta por 24 homens, que tem o seu quartel-general nos ricos campos de trigo do Norte da Tanzânia, na região do Kilimanjaro. O trabalho da brigada é capturar ou matar o destrutivo Quelea, se possível antes que este tenha a possibilidade de destruir o trabalho dos agricultores.

Os pássaros não se criam na área do Kilimanjaro, embora, quando passam para o Norte, nas suas rotas migratórias, entre Maio e Outubro, ainda contribuam — apesar dos esforços de Mosha e dos seus homens — para uma perda de 10 por cento da produção de certas searas.

Infelizmente, os pássaros não seguem as mesmas rotas migratórias ano após ano, ou até mesmo no decorso do próprio ano. A rota verdadeira depende da quantidade de água disponível à superfície, e da

presença ou ausência de alimentos. Isto significa que a praga só pode ser destruída pela constante detecção dos bandos e por um regular patrulhamento de todas as áreas — e, também, pela localização e eliminação das áreas de criação.

Mosha e a sua Brigada de Controlo de Aves seguem ambas as estratégias. Durante os meses em que o Quelea se encontra nas áreas de cultivo, Mosha e os seus homens estão ali também. Fazem constantes patrulhamentos a fim de localizar os pássaros — e estão também alerta relativamente aos avisos recebidos dos agricultores que estão muito familiarizados com o aparecimento e os hábitos desta pequena praga.

Quando um bando de Quelea é localizado, Mosha entra em acção. Os pássaros só podem ser destruídos enquanto se encontram empoleirados, pois, atacá-los enquanto se alimentam resultaria numa inaceitável perda adicional para as colheitas.

Um dos hábitos do Quelea é alimentar-se de dia e, à noite, empoleirar-se para descansar — em enormes bandos — em determinadas espécies de acácias.

E, então, que se tornam vulneráveis. Logo que as áreas de descanso são conhecidas, o seu destino está traçado. Segue imediatamente para o local uma aviãoeta com um carregamento mortal pulverizável — e, uma vez mais, a ameaça para o abastecimento de alimentos à África é eliminada.

Parece simples. Porém, foi despendido um enorme trabalho e muita investigação para encontrar a melhor maneira de destruir o Quelea. Houve tempo em que eram destruídos com cargas explosivas. Depois, verificou-se que o veneno era mais barato e mais conveniente.

Porém, o veneno tem as suas vantagens. A substância usada deve ser, se possível, venenosa apenas para o Quelea. Não deverá, pois, oferecer perigo para o Homem ou para os animais domésticos.

Primeiramente foi usada uma substância tóxica mortal — o Parathion. Porém, esta acabou por ser demasiado perigosa para o fim em vista. O risco acidental de absorção pelas crianças e animais eram muito grande.



Depois de recolhidos os pássaros são depenados

Depois, foi criado um novo veneno, conhecido como Queleatox. Não é perfeito, — e nada o pode ser — mas é tão bom como é razoável poder esperar-se.

Para começar, o Queleatox, que, tal como o Parathion, é um composto organofosfórico, é muito mais mortal para as aves do que para os mamíferos — e é particularmente venenoso para o Quelea. Isto significa que pode ser usado em concentrações que não se tornam prejudiciais para outras espécies de aves inocentes.

Em segundo lugar, o Queleatox oxida-se rapidamente e torna-se inócuo pela acção do ar — pelo que, 14 dias após o seu uso, a área está apta a qualquer forma de vida.

Finalmente, é efectivo. Numa área normal de poiso de cinco a dez acres — que contera cerca de um milhão de pássaros — pode verificar-se a morte de noventa por cento numa única noite.

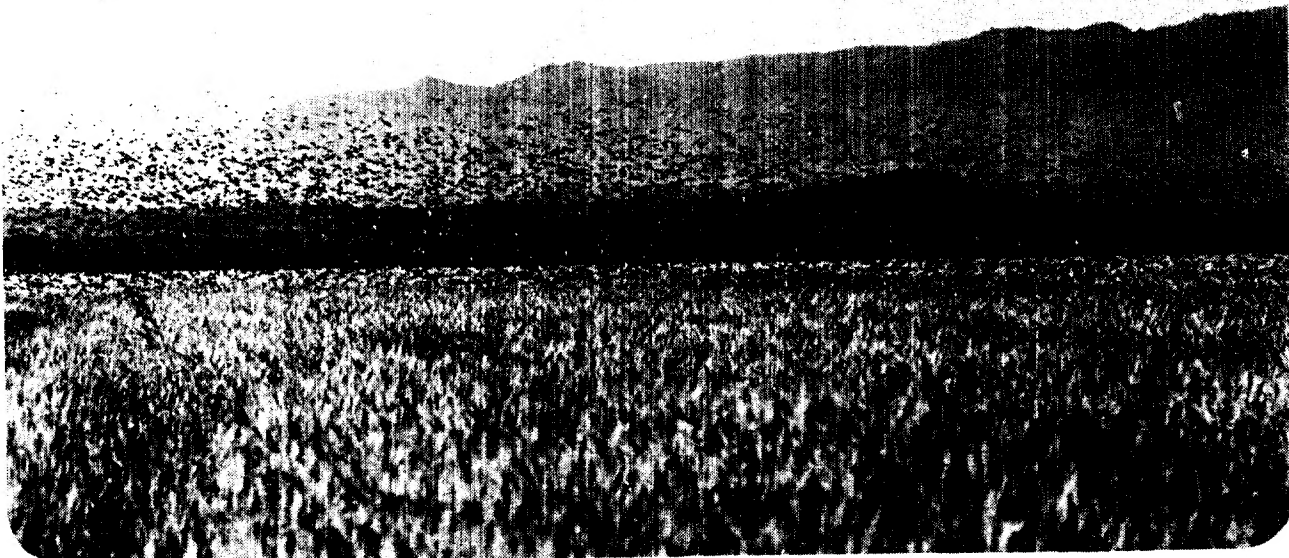
No dia 17 de Fevereiro deste ano, Mosha enviou um avião para a área de Gonja, perto de Same, no norte da Tanzânia — e contou mais de um milhão e duzentos mil pássaros mortos com uma simples pulverização. Um bando deste tamanho poderia ter causado um incalculável prejuízo às searas em apenas alguns dias.

E durante a estação da

procriação, Mosha e a sua brigada não estão inactivos. Porém, trata-se de uma tarefa bem mais difícil destruir o Quelea nas suas áreas de criação, pois estas encontram-se frequentemente nas zonas inacessíveis do centro e do sul da Tanzânia. Apesar disso, o trabalho continua — e onde quer que o tamanho do bando não permita o uso do avião, isto é, onde haja menos do que cerca de 200 000 pássaros, o grupo usa, então, pulverizadores manuais.

Entretanto, a investigação continua. No Instituto de Investigação das Pragas Tropicais da África Oriental, a luta continua no intuito de encontrar melhores métodos que levam ao extermínio do Quelea. Um dos caminhos da investigação é encontrar melhores venenos. Um outro é a criação de um ou mais métodos de controlo biológico, tais como a chamada técnica do «macho estéril».

Em resumo, Mosha que é licenciado pela Faculdade Egerton de Agricultura da África Oriental, e que é funcionário do Ministério da Agricultura há cinco anos, gasta um orçamento anual de cerca de 350 000 xelins tanzanenses, o que equivale a apenas cerca de 1350 contos — porém, este montante salva, de longe, um outro muito maior de perdas para a agricultura.



Muitos países ao sul do Saará são afectados pelo Quelea

OS REVENDEDORES DE ELECTRODOMÉSTICOS DE J. J. GONÇALVES, SUCRS, C. I. SARL PARTEM PARA A GRÉCIA

Um grupo constituído por dezenas de revendedores das marcas Zanussi, Sanyo, Korting, Iccold e Cumini, distribuídas em exclusivo por J.J. Gonçalves, Sucrs C. I., S. A. R. L., partem hoje para a Grécia com alguns dias de estadia na Suíça, em viagem de recreio. Na Grécia, realizar-se-á ain-

da um cruzeiro pelas diversas ilhas, o qual durará 4 dias.

J. J. Gonçalves, Sucrs, C. I., S. A. R. L., procura deste modo corresponder à atenção e interesse dos seus revendedores mais dedicados.

Estão ainda previstas, num próximo futuro, novas e interessantes viagens.